



Universidade Fernando Pessoa
Curso de Mestrado em Docência e Gestão na Educação
Elenara de Oliveira

**MÍDIA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS CONECTADOS PARA UM MUNDO EM
TRANSFORMAÇÃO.**

Análise do discurso jornalístico sobre educação, caso do Portal Zero Hora.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto 2016

Universidade Fernando Pessoa
Curso de Mestrado em Docência e Gestão na Educação
Elenara de Oliveira

**MÍDIA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS CONECTADOS PARA UM MUNDO EM
TRANSFORMAÇÃO.**

Análise do discurso jornalístico sobre educação, caso do Portal Zero Hora.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto 2016

© 2016
Elenara de Oliveira
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Elenara de Oliveira

**MÍDIA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS CONECTADOS PARA UM MUNDO EM
TRANSFORMAÇÃO -**

Análise do discurso jornalístico sobre educação, caso do Portal Zero Hora.

Assinatura: _____

Dissertação de Mestrado em Docência e Gestão da Educação apresentada à Universidade Fernando Pessoa pela mestranda Elenara de Oliveira para obtenção do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação (Administração Escolar e Administração Educacional), na área de especialização Administração Escolar e Educacional, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Pedro Sousa.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto 2016

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar o atual discurso jornalístico sobre educação, no contexto da internet como nova mídia, levando em conta os efeitos das mensagens difundidas e no que contribuem para o processo histórico e cultural do meio em que vivemos, trazendo como estudo de caso, uma pesquisa realizada no Portal do Jornal Zero Hora – um dos veículos de comunicação com maior circulação do Brasil.

Buscando empreender uma pesquisa bem sucedida, e, como uma forma de nortear o que nos propusemos a desenvolver no papel de pesquisadores, definimos perguntas que nos orientaram no decorrer deste trabalho, entre elas: Como se dá o discurso educativo no Portal Zero Hora? Como o discurso jornalístico no Portal Zero Hora contribui para disseminar assuntos relacionados à educação? As informações veiculadas no Portal Zero Hora contribuem para a formação contínua do professor?

A partir do arcabouço teórico e metodológico planejado, partimos para a pesquisa empírica que se utilizou de uma vasta revisão bibliográfica e de técnicas e métodos quantitativos e qualitativos, buscando respaldo nas Teorias do Jornalismo, as quais contribuiram para o sucesso dos resultados. Das teorias, nos alicerçamos da Análise de Conteúdo e Análise de Discurso, Teoria do Agenda-Setting e Teoria de Knowledge Gap, com base na fundamentação teórica de autores.

A investigação concluiu que o meio online exerce um papel importante na difusão de notícias da área educacional, contribuindo na construção da realidade social e no desenvolvimento e enriquecimento cognitivo, cultural e informativo das pessoas em sociedade. Constatamos que a divulgação de informações na mídia online colabora na formação de processos comunicacionais, possibilitando reflexões que incentivam às transformações no contexto da educação.

Palavras-Chave: Mídia, Educação, Internet, Teorias do Jornalismo.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the current journalistic discourse about education in the context of the Internet as new media, taking into account the effects of broadcast messages and contribute to the historical and cultural process of the environment in which we live, bringing as a case study, a survey in the newspaper Zero Hora Portal - one of the media with largest circulation in Brazil.

Seeking to undertake a successful research, and as a way to guide what we set out to develop the role of researchers, we define questions that have guided us throughout this work, among them: How is the educational discourse in Portal Zero Time? As the journalistic discourse on the Portal Zero Hora contributes to disseminate issues related to education? The information provided in the Portal Zero Hora contribute to the continuing education teacher?

From the theoretical framework and methodological planned, we left for empirical research that used a vast literature review and techniques and quantitative and qualitative methods, seeking support in Journalism Theories, which contributed to the success of the results. Theories in we reached Content Analysis and Discourse Analysis, agenda-Setting Theory and Knowledge Gap Theory, based on the theoretical foundations of authors.

The investigation concluded that the online medium plays an important role in disseminating news of the educational area, contributing to the construction of social reality and development and cognitive, cultural and informational enrichment of people in society. We note that the disclosure of information in online media contributes to the formation of communication processes, enabling reflections that encourage the transformations in the context of education.

Keywords: Media, Education, Internet, Journalism Theories

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de dissertação finalizado com 165 páginas (incluindo anexos), 41.615 palavras, distribuídas em 5.127 linhas, à memória do meu pai João Nabor Boza de Oliveira, homem íntegro e honrado, exemplo de honestidade, trabalho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Sem pretensão, esta foi a parte mais difícil desta dissertação. E a que certamente menos será lida por quem manusear este ‘quase’ livro. E apesar de vir entre as primeiras páginas, foi a última que me atrevi a escrever...

Um sentimento mesclado por orgulho, amor, saudade, fé e gratidão tomam conta do meu ser, e deixo-o ser levado pelo som sutil das teclas do computador... ah esta máquina que sucedeu a dança suave da caneta pelas folhas em branco sob a escrivadinha...

Pois bem, volto o olhar ao foco desta página: agradecimentos.

Não poderia encerrar uma etapa tão importante da vida sem lembrar e agradecer a todos àqueles que de alguma forma, contribuíram para que as coisas acontecessem.

O agradecimento inicial é sempre para Ele, o responsável para que tudo seja como é - Deus - magnânimo em suas vontades e motivador para uma frase que sempre me acompanha em todos os momentos da minha vida: “Se Deus é por mim, quem será contra mim? ”. Da mesma forma, ao mestre Masaharu Taniguchi, pelos seus sublimes ensinamentos que me permitem e permitiram seguir o caminho de forma inabalável, e minha mente sintonizada com Deus, sem perder o foco.

À minha família que sempre esteve do meu lado em todos os instantes, mesmo não o tempo todo fisicamente, mas de alma e coração. Eles foram a grande motivação para que eu buscasse este algo mais para minha vida. Agradeço também aos meus antepassados, grandes conspiradores para que esse sonho fosse vivido e realizado.

Muito obrigada a minha mãe Zilá, a grande responsável por tudo, pois sem seu apoio incondicional, eu jamais teria chegado até aqui. Muito obrigada meu filho, João Gabriel, a minha inspiração diária e a combustão de todos os dias, um companheiro inseparável que soube lidar muito bem com as minhas ausências e respeitar o tempo junto, mas dedicado à produção deste trabalho. Agradeço também ao meu irmão, João Márcio e a minha cunhada, Claudiane, por durante este percurso terem aumentado a família, e além disso, me dado um afilhado o João Vitor que junto à Júlia, completam minha alegria.

Gratidão eterna a Portugal, país acolhedor e de belezas estonteantes. Especialmente, gratidão ao Porto, que acolheu com grandes surpresas esta nova fase da

minha vida. Um local mágico, onde em cada lugar percorrido à sensação sempre foi a de familiaridade e de que já tinha estado por lá antes. Gratidão ao Porto, pelo amor que encontrei, e não vivi... mas que me fez aprender que nem tudo chega no momento certo, que é preciso renunciar, desaprender a amar e aceitar que nem sempre as nossas vontades, são as vontades de Deus... Gratidão ao Porto pelos colegas e amigos que encontrei, os quais muitos deles se tornaram anjos em minha vida e ficarão eternamente marcados em meu coração.

Um agradecimento à Universidade Fernando Pessoa, instituição escolhida para dar este grande passo na vida acadêmica e profissional, a qual aprendi a respeitar e admirar, por fazer jus ao seu lema “*Nova et Nove*”.

Um agradecimento especial ao professor doutor Jorge Pedro Sousa, catedrático referência na área de comunicação, com o qual eu tive meus primeiros contatos na graduação de jornalismo através de suas publicações e conhecia por ser um grande nome e exponencial nos estudos da área no Brasil; confesso que nunca havia imaginado que um dia o professor Jorge Pedro, seria meu grande mentor e inspirador, e além disso, aceitaria caminhar comigo em busca da realização deste objetivo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma ou outra, marcaram este período tão importante da minha vida e que hoje, abençoado pelas luzinhas de Gaia, pela energia do pôr do sol na Ribeira e pela brisa leve do Rio Douro, ajudaram a conquistar o título de Mestre.

Muito Obrigada, Vida!

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do
nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos
lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para
sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Pessoa)*

ÍNDICE GERAL

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
DEDICATÓRIA.....	VIII
AGRADECIMENTOS	IX
INTRODUÇÃO.....	18
1 JUSTIFICATIVA DO TEMA.....	18
2 HIPÓTESES	21
3 OBJETIVOS.....	21
3.1 <i>Objetivo Geral</i>	21
3.2 <i>Objetivos Específicos:</i>	21
4 PERGUNTAS ORIENTADAS DE PESQUISA	22
5 METODOLOGIA.....	22
6 ESTRUTURAÇÃO	25
CAPÍTULO I – A COMUNICAÇÃO.....	28
<i>i.i Comunicação e Educação</i>	28
<i>i.i.i Educomunicação: conceitos, objetivos e divisões</i>	31
CAPÍTULO I I – A MÍDIATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO	33
<i>ii.i História, conceitos e perspectivas da mídia-educação</i>	33
<i>ii.ii Inserção da mídia no ambiente escolar</i>	46
<i>ii.iii Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S) na educação</i>	50
CAPÍTULO III – INTERNET.....	58
<i>iii.i Internet e o Mundo Contemporâneo</i>	58
<i>iii.ii A Internet: sua história em uma sociedade em rede</i>	60
<i>iii.iii Internet e a ciberdemocracia</i>	65
<i>iii.iv Internet e as relações pessoais</i>	68
<i>iii.v Internet e o processo de educação</i>	73

<i>iii.vi Internet no contexto da comunicação na administração escolar.....</i>	<i>76</i>
CAPÍTULO IV – ESTUDO DE CASO	79
<i>iv.i Enquadramentos: entendendo a análise de Conteúdo e a Análise do Discurso .</i>	<i>79</i>
<i>iv.i.i Análise de conteúdo</i>	<i>80</i>
<i>iv.i.ii Análise de discurso</i>	<i>86</i>
<i>iv.ii Teoria de Knowledge Gap.....</i>	<i>91</i>
<i>iv.iii Teoria do Agenda-Setting.....</i>	<i>93</i>
<i>iv.iv Metodologia empregada para o estudo de caso</i>	<i>98</i>
<i>iv.v Zero Hora: suas raízes.....</i>	<i>100</i>
<i>iv.v.i Zero Hora: sua história.....</i>	<i>102</i>
<i>iv.v.ii Zero Hora: a versão digital.....</i>	<i>103</i>
<i>iv.vi Observação e análise do Portal Zero Hora.....</i>	<i>107</i>
<i>iv.vii Resultados e discussão da análise de conteúdo.....</i>	<i>110</i>
<i>iv.viii Discussão de matérias típicas sobre educação do Portal Zero Hora</i>	<i>113</i>
<i>iv.ix Análise da entrevista aos responsáveis pelo conteúdo</i>	<i>118</i>
<i>iv.x Contribuição das notícias para formação contínua do professor</i>	<i>127</i>
<i>iv.x.i Entrevista com os professores</i>	<i>129</i>
<i>iv.x.ii Análise interpretativa das entrevistas com professores.....</i>	<i>135</i>
CONCLUSÃO.....	138
BIBLIOGRAFIAS.....	141

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1: Desenvolvimento de uma análise.....	86
Figura 2: Esquema dos elementos.	89
Figura 3: Mostra a evolução da marca.	104
Figura 4: Portal Zero Hora segue tendência de modernização do jornal impresso.	105
Figura 5: Navegação por temas no Portal Zero Hora.	106
Figura 6: Zero Hora presente nas redes sociais.	106
Figura 7: Editoria de Educação/ Seção “Vida e Estilo”.	108
Figura 8: Editoria de Educação.	109
Figura 9: “Últimas”, “vestibular” e “ENEM”.	109
Figura 10 : No Portal ZH: Em média duas matérias são postadas por dia na editoria.	116
Figura 11: ZH Tablet – o leitor poderá baixar diariamente as edições, armazená-las para construir o seu próprio acervo, conferir os conteúdos e as informações de ZH sempre que quiser.....	117
Figura 12: Exemplo de pauta sugerida por uma agência de comunicação.....	120
Figura 13: Constatação de links (Título destacado em azul no corpo do texto) nas matérias veiculadas no Portal Zero Hora.	122
Figura 14: Além dos canais comunicação, há um espaço para comentários abaixo da matéria veiculada no Portal Zero Hora.	124
Figura 15: “Mais Lidas”.	126

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1: Temas abordado com mais frequência.....	112
Gráfico 2: Gêneros Jornalísticos predominantes.....	114
Gráfico 3: Acesso ao Portal Zero Hora pelos professores.....	135

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO - I- GUIA DE ENTREVISTAS AOS DOCENTES	151
ANEXO - II- GUIA DE ENTREVISTAS À EDITORIA DIGITAL DE EDUCAÇÃO DO PORTAL ZERO HORA	154
ANEXO - III- PÁGINA PRINCIPAL, PROCURANDO EDITORIA DE EDUCAÇÃO	156
ANEXO - IV- SEÇÃO “VIDA E ESTILO”, DIRETÓRIO EM QUE LOCALI-SE A EDITORIA DE EDUCAÇÃO.....	157
ANEXO - V- DESTAQUES NA PÁGINA.....	158
ANEXO – VI – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE	159
ANEXO – VII – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE	160
ANEXO – VIII – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE.....	161
ANEXO – IX – NOTÍCIAS MAIS LIDAS DO PORTAL	162
ANEXO – X – ENEM E VESTIBULAR TEM SUBEDITORIA NA PÁGINA DE EDUCAÇÃO E APARECE NO MAIOR NÚMERO DE NOTÍCIAS.....	163
ANEXO – X I – ENEM É O PRIMEIRO TEMA MAIS ABORDADO NO PORTAL ZERO HORA	164
ANEXO – X I I - VESTIBULAR É O SEGUNDO TEMA MAIS ABORDADO NO PORTAL ZERO HORA.....	165

LISTA DE ABREVIATURAS

AMI	Alfabetização Midiática e Informacional.
ARPA	Advanced Researchs Projects Agency.
CGI	Comitê Gestor de Internet.
CICT	Conselho Internacional do Cinema e da Televisão.
CPERS	Centro dos Professores do Estado RS.
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio.
FAPESP	Fundação Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil.
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.
IC	Inteligência Coletiva.
IPqHCUSP	Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo.
LNCC	Laboratório Nacional de Computação Científica.
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia.
MEC	Ministério da Educação.
MINICOM	Ministério das Comunicações.
MIT	Massachusetts Institute Of Technology.
NSF	National Science Foundation.
OMC	Organização Mundial do Comércio.
ONG	Organização não-governamental.
PCN'S	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PIE	Política de Informática Educativa.
PROINFO	Programa Nacional de Informática na Educação.
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.
PROUNI	Programa Universidade para Todos.
RNP	Rede Nacional de Pesquisa.
SISU	Sistema de Seleção Unificada.
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação.
UNIX	Uniplexed Information.
WWW	World Wide Web.
ZH	Zero Hora.

INTRODUÇÃO

1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Um novo ambiente de comunicação surgiu com a internet, e com ela um bombardeio de informações sobre diferentes assuntos invade a rede todos os dias. Tal revolução com a chegada da internet já era prevista por Bill Gates (1995, p.229), quando dizia que as principais mudanças diriam respeito à forma como as pessoas iriam se comunicar entre si, a partir da colocação de uma “imensa quantidade de informação nas mãos”, sendo uma valiosa ferramenta de treinamento.

Esta facilidade de acesso aos conteúdos, com o surgimento da internet, possibilita com que áreas como a da educação ampliem seus instrumentos de pesquisas com a inserção das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), conforme corrobora Kalinke (1999, p.15) quando afirma que “os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento”.

A internet é fonte quase que inesgotável de conhecimento e pesquisa, que experimenta uma expansão caracterizada pela alta velocidade, por vezes desordenada, um dos pontos que a diferencia dos demais meios de comunicação que conhecemos.

Ainda que a Internet não seja resignadamente o objeto de estudo neste trabalho, abordaremos aqui, parte de sua história. No entanto, o surgimento da internet como novo meio de comunicação implica uma série de mudança no cotidiano das pessoas pelo mundo todo, criando relações que tendem a ser variadas pela troca de diferentes tipos de informações no ciberespaço.

Esta interação mediada pelo computador através do ciberespaço resulta em relações sociais que proporcionam a construção de um processo comunicacional, que tem impacto social capaz de transformar o ambiente em que estão inseridos (Lévy, 2003). Desse modo, a internet caracteriza-se também como uma mídia diferente porque

possibilita a comunicação simultânea entre seus usuários, como fica evidente através das redes sociais. Também, possibilita a qualquer hora o acesso a conteúdos de assuntos inimagináveis contidos em seus sites sejam eles específicos sobre determinados temas ou variados.

Neste trabalho, faremos uma análise sobre as notícias relacionadas a educação na internet com foco ao Portal do Jornal Zero Hora. Buscaremos observar com que frequência à educação surge como tema no portal; quais as perspectivas com que a educação surge no Zero Hora; quais os temas são abordados; e como se dá o discurso educativo no portal.

Aprofundar a pesquisa científica sobre as mídias, neste caso, a internet e a educação, requer estudar o período pós Era Industrial, chamado de Era da Informação, também conhecido como a Era da Tecnologia, em meados de 1980, quando foram criadas invenções, tais como o microprocessador, a fibra óptica, a rede de computadores e o computador pessoal.

Após estas invenções, o que poucos previam é que grandes mudanças estariam marcadas para acontecer neste novo paradigma social, tornando-se a rede mundial de computadores uma das grandes descobertas do homem no século XX, pondera Castells (2003).

As mudanças não são necessariamente negativas, mas implica no surgimento de novos padrões estruturais, culturais e educacionais. Exemplificamos, a mediação pelo computador que gerou outras formas de estabelecimento de relações sociais, como é constatado por pesquisadores nos mais diversos estudos realizados a respeito do tema, entre eles destacamos Raquel Recuero, Nilda Jacks, Humberto Eco e Maria Aparecida Baccega.

Mas algo importante que precisa ser abordado antes desse retorno às citadas Eras, é a midiatização da educação. Quando começa a preocupação dos estudiosos sobre a mídia com as questões da educação, neste contexto, pesquisamos a história, evolução

e perspectivas da mídia-educação, como os temas estão sendo introduzidos neste novo canal de comunicação que é a internet. Não poderíamos deixar de voltar o olhar para a comunicação, dessa forma, através das teorias do jornalismo, como as Teorias do Agendamento e de Knowledge Gap, buscaremos analisar o que se espera do jornalismo na área da educação.

Tendo como objeto de estudo o Portal Zero Hora, faremos uma análise de discurso e de conteúdo, para isso dedicaremos um período exploratório de observação de 3 meses do site, com anotações relevantes sobre o estudo, além de entrevistas com os responsáveis pela produção do discurso. A revisão bibliográfica para o embasamento teórico é fundamental para o sucesso do trabalho, e nele estaremos apoiados para buscar os resultados.

Vislumbramos com esta pesquisa, colaborar para a divulgação de informação de qualidade e com senso crítico a respeito da educação, e não apenas uma abordagem factual, muitas vezes proveniente de releases. Esperamos perceber que este veículo de comunicação tão importante, cumpra seu papel de levar educação e cultura através da tecnologia à Região Sul, além de mostrar a comunidade como as investigações científicas podem ajudar a promover o desenvolvimento humano advindo da inovação tecnológica ou da compreensão do real no campo da educação e de temas da atualidade.

Ao meio acadêmico, cremos que este estudo possa contribuir para a formação de educadores que compreendam as realidades desta nova comunicação midiática que se encontra em transformação acelerada, e que, além disso, tornem-se investigadores incansáveis nos vários âmbitos do processo comunicacional em que estamos inseridos.

Justifica-se este trabalho com o Portal de Notícias Zero Hora, Rio Grande do Sul, Brasil, pelo ineditismo da pesquisa que investiga a abordagem do atual discurso jornalístico sobre educação. A necessidade de estudos desta natureza na área educacional fundamenta-se principalmente devido ao avanço da internet como meio de comunicação e a sua importância no incentivo à educação.

2 HIPÓTESES

Com o intuito de obter um maior aprofundamento na investigação, foram elaboradas hipóteses objetivando uma análise mais enriquecedora da pesquisa. São elas:

- A probabilidade é de que o Portal Zero Hora use o espaço na internet para divulgar constantemente assuntos sobre educação de interesse público.
- A pretensão é de que a veiculação de notícias de educação no Portal Zero Hora, contribua para o enriquecimento cognitivo cultural e informativo das pessoas em sociedade.
- O ideal a acontecer seria a transmissão de informações legitimadas por sua veracidade e instantaneidade o que daria maior credibilidade ao Portal.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Verificar como acontece o atual discurso jornalístico sobre educação no Portal Zero Hora, possibilitando analisar até que ponto a mídia se preocupa com as questões educacionais.

3.2 Objetivos Específicos:

- Observar a veiculação de notícias sobre educação pelo período de 3 meses, para identificar os tipos de temas referentes ao assunto, sua relevância e frequência.
- Determinar a estrutura temática do discurso sobre educação no Portal Zero Hora.
- Determinar os enquadramentos discursivos sobre educação no Portal Zero Hora.

- Propor reflexão sobre a forma em que a internet está sendo utilizada para veicular informação.
- Analisar como as informações contribuem para a formação contínua do professor.
- Analisar o discurso do Portal Zero Hora nos gêneros jornalísticos notícia, reportagem, entrevista e perfil, para verificar a relação que o Portal tenta estabelecer com o público.

4 PERGUNTAS ORIENTADAS DE PESQUISA

Buscando empreender uma pesquisa bem sucedida, e, como uma forma de nortear o que nos propusemos a desenvolver no papel de pesquisadores, tendo em vista o objeto de estudo, definimos perguntas que nos orientaram no decorrer deste trabalho. São elas:

- Como se dá o discurso educativo no Portal Zero Hora?
- Como o discurso jornalístico no Portal Zero Hora contribui para disseminar assuntos relacionados à educação?
- Com que frequência à educação surge como tema no Portal Zero Hora?
- Quais as perspectivas com que a educação surge no Portal Zero Hora?

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa aborda um tema relevante para a sociedade, em um momento em que as novas mídias, vêm causando transformações notórias na vida das pessoas. Dessa forma, procuramos contribuir para estudos científicos futuros através desta pesquisa como enfatiza Gil (2010, p.1) ao definir pesquisa como o “procedimento racional e

sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Precisamos considerar que iniciamos com a delimitação do tema de interesse para a realização desta pesquisa, buscando-se posteriormente, a bibliografia que pudesse dar subsídio ao trabalho. Este é o papel do investigador.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste trabalho e respondermos as perguntas, apresentadas anteriormente, as quais motivaram a pesquisa por durante meses de estudos sobre o assunto em questão, lançamos mão a um arcabouço teórico, buscando a revisão bibliográfica, que proporcionou embasamento teórico para sua realização. Mesmo já tendo sido feitas as leituras e construído o referencial, é importante considerar que a revisão da literatura “é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação do problema e/ou objetivos do estudo indo até a análise dos resultados” (STUMPF, apud DUARTE, BARROS, 2010, p.52).

Avançamos para pesquisa exploratória do Portal Zero Hora, com o intuito de obtermos maiores conhecimentos e descobertas acerca do problema de pesquisa Gil (2002). Assim, para ampliarmos ainda nossa compreensão sobre o que se propõe a presente pesquisa, realizamos o monitoramento pelo período de 03 meses do site de notícias.

A observação buscou analisar a quantidade, os temas e os gêneros das informações contidas na página sobre educação e para ajudar a responder os problemas dessa pesquisa, como propõe Lopes (2003), “coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial”.

Esta forma de pesquisa é chamada de etnografia digital:

A Etnografia digital é uma metodologia de pesquisa que usa os conceitos da etnografia tradicional no ambiente virtual. A observação científica dos espaços digitais (blogs, sites, redes de relacionamentos, etc.) para coleta de

dados deve obedecer aos mesmos critérios da metodologia de pesquisa etnográfica tradicional. O grande diferencial da etnografia digital está na possibilidade da coleta de dados acontecer à distância e no momento que o pesquisador achar pertinente. Levando em consideração que fatores como (tempo/espaço) são grandes limitadores no trabalho de pesquisa, entendemos que em algumas situações, essa metodologia surge como uma boa alternativa, principalmente, no que se refere à coleta dos dados que estão no formato digital e disponibilizados na Internet (KOZINETTS, 2002 *apud* NUNES, 2010, pág. 05)

Nesta pesquisa, utilizamos o método quanti-qualitativo, focado na profundidade da análise de conteúdo e de análise de enquadramentos. No pano de fundo para análise está a entrevista em profundidade, que “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, *apud* DUARTE, BARROS, 2010, p. 62).

A tipologia da entrevista realizada com os editores digitais do Zero Hora, seguiu o roteiro exposto pelo autor no mesmo trabalho: questões semiestruturadas, em uma entrevista semiaberta, seguindo um modelo de roteiro conforme consta em anexo. A abordagem em profundidade pode trazer uma variedade de respostas indeterminadas por parte dos pesquisados, revelando a riqueza e imprevisibilidade do estudo qualitativo em comunicação.

Utilizando de métodos modernos, este trabalho procura interpretar as ações através das teorias do jornalismo, por meio das quais buscaremos saber como o Portal Zero Hora usa o espaço na internet para divulgar assuntos sobre educação que corroboram com o interesse público. Pesquisamos, utilizando a Teoria do Agendamento ou Agenda Setting, como a mídia constrói a realidade social; e como propicia o desenvolvimento cognitivo sobre os temas de educação pelo viés da Teoria de Knowledge Gap. Para isso, delimitamos um público, selecionando uma amostra arbitrária de docentes, em número de seis, para pinçar quanto tempo ficam em agenda-setting e se as notícias do Portal ZH promovem o conhecimento em relação ao tema educação. Ainda, esta entrevista nos proporciona entender como estes profissionais utilizam as notícias de educação e que contribuições trazem para alunos e professores.

Por fim, com a pesquisa buscamos compreender o empírico e sua variedade de fenômenos em torno do estudo proposto: analisar o atual discurso jornalístico sobre educação, no contexto da internet como nova mídia, levando em conta os efeitos das mensagens difundidas e no que contribuem para o processo histórico e cultural do meio em que vivemos.

Corroborando com o que citamos acima, Sousa (2006) ressalta que “a pesquisa científica visa à resolução de problemas fenomenológicos ou o esclarecimento de dúvidas sobre a realidade perceptível, recorrendo a métodos científicos”.

6 ESTRUTURAÇÃO

Contribuir com os estudos que envolvem a educação e a internet, são pressupostos deste trabalho. Não podemos dar margem à redundância dos muros da escola, nos tempos atuais é preciso pensar em educação de forma mais ampla. Por isso, as novas tecnologias que estão inseridas no contexto dos educandos, de suas famílias, de seus amigos, dos educadores e de toda a sociedade, deve ser tema permanente de debates. Esta nova mídia chamada internet e as tecnologias devem ser inseridas não apenas nas relações interpessoais, mas nas práticas de ensino, no espaço onde ocorre a aprendizagem.

Muito mais que um espaço de socialização, as novas tecnologias e as ferramentas midiáticas são pontos de destaque na aprendizagem e na transformação social, que contribuem para democracia, propiciando um olhar diferenciado à educação. Tanto que estudiosos tem dedicado cada vez mais tempo e espaço para pesquisa empírica e científica, em busca de aprimorar o assunto.

Diante deste contexto, o primeiro capítulo dedicado à comunicação e educação busca enquadrar o tema na área, apresentando um panorama entre comunicação e educação, duas importantes áreas do conhecimento, abordando contextos teóricos e

práticos distintos entre si e com características até certo ponto antagônicas. Perfazemos a construção teórica com o embasamento de autores como Guillermo Orozco Gómez, Martín-Barbero e Paulo Freire.

O segundo capítulo busca aprofundar a relação da midiatização e da educação, explicando a história, conceitos e a evolução dos estudos sobre mídia-educação tendo como principal referência à UNESCO; a inserção da mídia no ambiente escolar e as novas tecnologias da informação, ambos os assuntos com suas vantagens e inconvenientes.

No terceiro capítulo, falamos da internet pelo viés da contemporaneidade, contamos sua história através de uma sociedade em rede com contribuições do autor Manuel Castels, abordando a democratização da informação proporcionada pelo ambiente virtual com estudos de alguns estudiosos como Pierre Lévy e trazemos uma reflexão sobre a importância da internet no processo educacional sob as perspectivas de diferentes autores, dentre eles Bill Gates.

O enquadramento empírico da pesquisa acontece no quarto capítulo desta dissertação com enfoque nas teorias do jornalismo, articulando as teorias do Knowledge Gap e do Agendamento com a pesquisa em evidência, propiciando os enquadramentos e as análises de conteúdo e do discurso. Do campo jornalístico, o autor como Jorge Pedro Sousa, orientador desta pesquisa, é a principal referência bibliográfica com seus estudos e produções sobre teorias do jornalismo. Ainda, abordamos o estudo de caso com foco na história do Zero Hora que vai do impresso ao digital, no caso do Portal Zero Hora. Apresentamos a metodologia utilizada, os resultados e discussão da análise de conteúdo e do discurso, além da discussão sobre as matérias típicas e entrevistas com os editores digitais e com os professores.

Por fim, apresentamos as conclusões do trabalho com sugestões, orientações e novos contextos e pressupostos para continuidade da pesquisa pelos investigadores,

tema que apresenta-se inesgotável diante à evolução tecnológica e dos alcance da mídia, cada vez mais presente na vida das pessoas em todas as áreas do conhecimento.

CAPÍTULO I – A COMUNICAÇÃO

i.i Comunicação e Educação

Apresentar um panorama entre comunicação e educação, duas importantes áreas do conhecimento, significa abordar contextos teóricos e práticos distintos entre si e com características até certo ponto antagônicas. No entanto, ambas tem pontos norteadores em comum, como na propulsão do conhecimento, em especial, na formação do sujeito, o que fomenta análise e estudos recorrentes.

Para Tônus (2008), “ao pensarmos no processo de educação, inevitavelmente, entra em jogo a comunicação, não somente porque vivemos em uma sociedade midiática, mas porque a educação depende da comunicação para se concretizar.” (p. 229).

Dessa forma Tônus (2008), confirma o que muitos estudiosos como Gutiérrez (1978), já vinham afirmando em seus estudos: que não é impossível imaginar as relações sociais sem o intermédio dos meios de comunicação, os quais permitiram o homem se apropriar do tempo e espaço, ultrapassando barreiras antes tidas como intransponíveis.

Sendo assim, ele afirma que,

Colocar os meios de comunicação frente à educação tradicional nos indica que precisamos gerar novos procedimentos e metodologias. Se os meios de comunicação social tiveram, e continuam tendo grande repercussão sobre o homem e a sociedade, é agora também que repercutem sobre a escola. Nós, os educadores, estamos experimentando, na própria carne, o desafio e o incômodo que produzem os meios de comunicação que tratam de derrubar os muros da escola (GUTIÉRREZ, 1978, p.23).

As transformações ocorridas na comunicação, essencialmente, no que diz respeito aos seus meios, influenciaram diretamente as mudanças ocorridas no campo da educação, que por muitas décadas, era baseada no universo literário. O referencial

bibliográfico não é mais o único detentor do conhecimento, no entanto, com o avanço dos meios tecnológicos e toda sua diversidade, os estudantes, são inseridos cada vez mais em um contexto midiático-tecnológico, que nesta nova era é tão responsável quanto, pelo crescimento cognitivo intelectual.

Com isso, “o desenvolvimento cognitivo é facilitado à medida que os discentes são profundamente envolvidos nas atividades, ao assumirem o papel de construtores e não apenas de repetidores ou mesmo espectadores do conteúdo exposto pelo docente” (TÔNUS, 2008, p.230).

Esta realidade nos encaminha para uma educação contemporânea realizada com a colaboração de sujeitos ativos, questionadores e com suas próprias opiniões, que deixaram a passividade de lado, ou seja, de serem espectadores para se tornarem donos da sua própria história. Neste sentido, notamos a influência e o espaço ocupado pelos meios de comunicação (jornal, rádio, televisão, internet etc.) na formação e no cotidiano dos cidadãos, sendo uma das principais fontes de informação e educação.

Por este viés, torna-se indispensável analisar a relação entre comunicação e educação, e os elementos de ambas, como destacou há tempos, Gutiérrez (1978), dizendo que,

Podemos e devemos fazer tudo o que estiver no nosso alcance, como educadores, para transformar os meios de informação em meios de comunicação; temos que estimular e promover a perceptibilidade, criticismo e criatividade através desses próprios meios. (GUTIÉRREZ, 1978, p.20).

O renomado pesquisador latino-americano do campo da comunicação/educação, Guillermo Orozco Gómez, afirma “que não adianta a tecnologia reforçar o processo educativo tradicional. É preciso, antes de tudo, repensar a educação” (GÓMEZ, apud CITELLI, 2000. p. 23). O autor ainda corrobora dizendo que os estudantes aprendem muito mais com os Meios de Comunicação de Massa (MCM), os quais lhe oferecem os conhecimentos adequados para viver seu cotidiano, diferentemente dos textos e livros escolares, que pouco deixam conhecimentos práticos acessíveis.

Há muitos desafios educativos, conforme salienta Guillermo Orozco Gómez, ao afirmar que:

Os desafios educativos que nos colocam os MCM nos empurram a um dilema: ou enfrentamos os MCM com sua astúcia, estratégia e métodos ou corremos o risco de perder relevância como educadores. Isto é, corremos o risco de ficar fora da 'jogada educativa'. (GÓMEZ, apud CITELLI, 2000.p.60).

Este contexto nos faz pensar nas colocações de Martín-Barbero quando diz que a escola formal afasta a dialogicidade e prolonga a temporalidade do saber, por ainda se apoiar nos textos impressos e conteúdos programáticos, denotados por um modelo mecânico de ensino. Para ele, a dialogicidade promove transformações no ambiente escolar, criando autonomia no aluno, onde a escola perde a posição cômoda de detentora do conhecimento, fato que causa desajustes por interferir no discurso pedagógico e até mesmo uma crise de legitimidade.

Na visão de Martín-Barbero (1997), a tecnologia aliada ao ensino poderá provocar a dialogicidade, o que traz certo desconforto para as escolas tradicionais, conforme ele analisa ao expressar que:

A tecnicidade mediática como uma dimensão estratégica da cultura é vista, muitas vezes, com desconfiança pela escola porque funciona como elemento desequilibrador das ambiências das aprendizagens herdadas por tradição. Os meios deslocam as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciências e possibilitam o exercício de um tempo virtual que libera o aqui e agora, inaugurando novos espaços e velocidades. (BARBERO, 1997, p. 14).

Abordamos neste trabalho, a visão do educador Paulo Freire, o qual enfatiza em seus estudos, que a educação acontece também através dos meios de comunicação, e não apenas nas escolas formais. Ele foi um incentivador dos meios de comunicação, no ambiente escolar, pois acreditava serem estes meios de informação, aliados da

aprendizagem, já que fazem parte do cotidiano dos estudantes. No entanto, ele ponderava, segundo Gomez (1999), que “o uso deve ser cuidadoso e crítico.”

Perpassando esta ótica, é importante ressaltarmos o enfoque histórico-cultural sugerido por Vygotsky, o qual faz uma aproximação teórica entre a comunicação, à educação e a psicologia. Embora cada área tenha suas especificidades, há entre elas um intercâmbio formando novos campos. Autores reconhecem o olhar diferenciado de Vygotsky quando enfatizam que ele “foi capaz de agregar diferentes ramos de conhecimento em um enfoque comum que não separa os indivíduos da situação cultural em que se desenvolvem” (WERTSCH apud Rego, 1995, p.16).

i.i.i Educomunicação: conceitos, objetivos e divisões

A educação e a comunicação são áreas distintas, no entanto, capazes de fazer surgir novos campos de intervenção social, como o termo educomunicação. Sobre este novo termo, Kaplún (1999), afirma que:

(...) a Comunicação Educativa abarca certamente o campo da mídia, mas não apenas esta área: abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo processo educativo, seja ele realizado com o sem o emprego dos meios. Isso implica considerar a Comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico. (KAPLÚN,1999, p. 68).

A educomunicação tem sido colocada em prática em diversos projetos na América Latina, com destaque para o Brasil. Porém, não é recente esta relação, que já tem resquícios no início do século XX.

O pesquisador Ismar de Oliveira Soares (2001) define os objetivos do termo como sendo a condição importante para promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação, identificar como o mundo é editado nos meios; facilitar o processo ensino-aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação (entra a tecnologia, vista a partir não da tecnologia em si, mas de suas características e da importância de ter acesso a elas); promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa.

Para Bondezzan (2016) a gestão da comunicação nos espaços comunicativos não é restrita aos ambientes voltados para programas escolares formais. Ela pode perfeitamente ser aplicada em ações não formais de educação. Nesta mesma perspectiva, ressalta Soares ao dizer que

Reconhecemos, assim, que já existe um ponto de mutação na confluência entre Educação e Comunicação, que inclui um senso agudo de responsabilidade social, de justiça e de altruísmo. Trata-se de um lugar que precisa ser ocupado. E a ocupação se dá no momento em que a Educação se entende, ela mesma, como processo comunicativo (Freire) e no instante em que a Comunicação se descobre como processo de mediação social, no espaço da transformação da cultura (Barbero). A autonomização do novo campo ocorre na confluência das interrelações que o constituem, a caminho de uma nova racionalidade (BONDEZZAN, 1999, p. 45).

Por ser um campo de estudo considerado interdisciplinar, Soares (2011), diz que quatro subáreas de intervenção social dividem a educomunicação, conforme explica Albuquerque (2014), apresentando as divisões:

1º educação para a comunicação: que, com base na teoria das mediações, constitui-se de reflexões acerca das relações entre os agentes do processo comunicativo; e no campo pedagógico, refere-se à formação de sujeitos autônomos e críticos ante as mensagens dos meios; 2º mediação tecnológica na educação: que compreende o uso das Tecnologias da Informação nos processos educacionais, além de preparar estudantes e professores para usufruir dos novos recursos e usá-los adequadamente; 3º gestão da comunicação no espaço educativo: que diz respeito ao “planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação/cultura/educação, criando ecossistemas comunicativos” (p. 26); 4º área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/ educação: que busca fundamentar as práticas e metodologias da Educomunicação, com forma de legitimar e evoluir este campo, propondo novas pesquisas na área. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 185-186).

À escola e os educadores cabe olhar para os meios de comunicação como grandes aliados do processo ensino aprendizagem, reconhecendo-os também como um espaço inovador de formação dos sujeitos críticos e conscientes de sua realidade e de seu papel em uma sociedade em transformação.

CAPÍTULO I I – A MÍDIATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

ii.i História, conceitos e perspectivas da mídia-educação

Desde que a mídia passou a ser vista como um fator fundamental para formação da sociedade, tendo em vista a crescente expansão das novas TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) e o acesso da população a elas, surgiu a necessidade de aprofundar os estudos de campo a respeito do tema.

Com o advento dos meios de comunicação de massa, citamos o jornal, o rádio, a televisão, e, mais recente, a internet, tornou-se inevitável o processo de massificação da população, isso quer dizer, tornar massivo aquilo que não o era, mesmo que a intenção de sua criação não fora esta.

A população vive um fenômeno de transformação social marcado pela midiática. E além dos pressupostos oriundos no interior da escola, composto pela oralidade e pela escrita, nascem com a midiática novos processos, com os quais a sociedade tem que aprender a lidar. A preocupação educacional em relação ao modo com que serão usados e como se pode aprender com eles. Indagações que surgem com os novos meios comunicacionais. Para Sodré, a midiática é o resultado desta relação da mídia com as instituições sociais.

Por midiática, entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiática não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2007, p. 17).

Isso nos faz pensar na atual realidade em que vivem os educandos, uma geração que nasceu junto com as novas tecnologias e cresce lado a lado ao seu processo de

evolução. Nesta perspectiva, a importância da escola em integrar e conhecer cada vez mais a educação oferecida, empregando as técnicas da mídia, como a internet, um dos objetos deste estudo.

Segundo Meneguzzo (2007), a educação é peça fundamental e os veículos de comunicação são poderosos instrumentos de propagação da informação e formação da opinião pública. Nesse sentido, a reflexão sobre a relação do ser humano com as mídias e suas formas de comunicação, ganha cada vez mais relevância no que tem sido chamada mídia-educação, que vem se construindo na interface da comunicação e educação.

Para Belloni e Bévort, (2009), a mídia-educação é um campo relativamente novo, que encontra dificuldades para se consolidar, destacando como a mais acentuada, sua pouca importância na formação inicial e continuada de profissionais da educação.

As autoras destacam junto a esta maior dificuldade, outros obstáculos importantes, como: ausência de preocupação com a formação das novas gerações para a apropriação crítica e criativa das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); indefinição de políticas públicas e insuficiência de recursos para ações e pesquisas; confusões conceituais, práticas inadequadas, pouco estímulo para reflexão sobre o tema na formação de educadores; influência de abordagens baseadas nos efeitos negativos das mídias que tendem a bani-las da educação, em lugar da compreensão das implicações sociais, culturais e educacionais; integração das TIC à escola de modo meramente instrumental, sem a reflexão sobre mensagens e contextos de produção.

Estas dificuldades, obviamente, ocorrem de modo diferenciado em diversos países e regiões, porém podemos observar tendências comuns, que explicam-se, em sua maioria, na epistemologia, do campo da educação e da mídia, pois são ao mesmo tempo teóricos e práticos, o que exige para sua compreensão abordagens interdisciplinares (Belloni e Bévort, 2009).

Apesar de ser um campo relativamente novo, a mídia-educação é uma prática antiga, que ganha maior foco nos anos 1950/1960, em uma fase pioneira na Europa, Estados Unidos e Canadá, despertando preocupação, principalmente, pela influência exercida sobre pessoas em aspectos políticos e ideológicos.

Em organizações internacionais, como a UNESCO, nos anos de 1960, aparece destacada a expressão “mídia-educação” referindo-se à capacidade dos novos meios de comunicação de massa como “alfabetizarem em grande escala populações privadas de estruturas de ensino e de equipes de pessoal qualificado”. Expressão esta, também utilizada para demonstrar influência cultural destas mídias, a latente manipulação política, o apelo comercial e de propiciar o desenvolvimento de abordagens críticas, que exprimem assim, a preocupação de educadores e intelectuais (Gonnet, 2004, p.23).

Durante o Conselho Internacional do Cinema e da Televisão (CICT), órgão ligado a UNESCO, realizado na França, em 1973, ocorreu uma das primeiras tentativas de definir “mídia-educação”:

Por mídia-educação convém entender o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógica, o que é diferente de sua utilização como auxiliar o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia (UNESCO, 1984, *apud* BELLONI; BEVORT, 2009, p.1086).

Belloni & Subtil (2002) entendem que este conceito deixa claro a diferença entre as dimensões da mídia-educação como objeto de estudo com reflexiva as mensagens midiáticas; e a outra, como ferramenta pedagógica. Esta última passa a ganhar importante desenvolvimento nos anos 1970, nos Estados Unidos e América Latina passando a fazer parte da área da tecnologia educacional. Utilizada como ferramenta do planejamento educacional, estas tecnologias, são observadas como suporte para melhorar, tanto qualitativa como quantitativa os sistemas de educação nos países de terceiro mundo.

Com base em estudos e pesquisas teóricas, as definições foram aprimorando-se, e em 1979, a UNESCO amplia o campo de atuação da mídia-educação:

Todas as maneiras de estudar, aprender e ensinar em todos os níveis (...) e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação, a modificação do modo de percepção que elas engendram o papel do trabalho criativo e o acesso às mídias (UNESCO, 1984, *apud* BELLONI; BEVORT, 2009, p.1086).

Para Fantin, (2006, p.37), a mídia-educação constitui um espaço de reflexão teórica sobre as práticas culturais e também se configura num fazer educativo e que pode ser uma possibilidade frente aos desafios de reaproximar cultura, educação e cidadania.

Na Alemanha em 1982, a UNESCO, reuniu educadores, comunicadores e investigadores, representantes de 19 países, e formularam a Declaração de Grünwald sobre Educação para a Mídia. Durante o Simpósio Internacional sobre “Educação para os Media”, avançaram nas reflexões acerca da mídia-educação. Reconheceram a importância que representaria a melhoria das relações entre educação e comunicação na sociedade.

Neste documento, o termo “mídia-educação” ganha notoriedade e importância, visto que necessita ser tema de debates e estudos frequentes pela sua relevância. A midiáticação é reconhecida com alto grau de relevância pelo poder que exerce, impactando o cotidiano da vida em sociedade, conforme a Declaração de Grünwald sobre Educação para a Mídia, Unesco (1982, p.1):

Vivemos em um mundo onde as mídias são onipresentes (...). Mais do que condenar ou justificar o seu inquestionável poder, urge aceitar o seu significativo impacto e a sua difusão por meio do mundo como fato consumado, valorizando ao mesmo tempo a sua importância como elemento de cultura no mundo moderno.

A Declaração de Grünwald (1982) enfatiza o significativo impacto causado pela mídia, por meio de sua difusão em todo mundo como um fato consumado, o que valoriza ao mesmo tempo, seu relevante papel como um importante elemento de cultura na atualidade. Entende-se assim, que a mídia-educação exerce sua ação em dupla dimensão: atua no processo de desenvolvimento e tem função, não apenas como meios de massa, mas como instrumento a serviço da participação cidadã na sociedade contemporânea. Segundo Meneguzzo (2007), a educação é peça fundamental e os veículos de comunicação são poderosos instrumentos na formação da opinião pública.

Na Declaração, destaca-se que a integração dos sistemas educativos e de comunicação seria um passo importante no sentido de uma educação mais eficaz, fazendo um apelo às autoridades competentes, para que apoiem programas integrados a “mídia-educação”, formação para professores, no seguinte sentido:

1. lançarem e apoiarem programas integrados de educação para os media – do ensino pré-escolar ao ensino universitário e à educação de adultos – cujo objetivo, seja desenvolver os conhecimentos, aptidões e atitudes que favoreçam o crescimento de uma consciência crítica e, conseqüentemente, de uma maior competência entre os utilizadores dos media eletrônicos e impressos. Idealmente, tais programas deveriam incluir a análise de conteúdos mediáticos, a utilização das mídias como meios de expressão criativa e a utilização e participação eficazes nos canais de mídia disponíveis;
2. desenvolverem cursos de formação para professores e outros agentes educativos, tanto para aumentar os seus conhecimentos e compreensão das mídias como para formá-los nos métodos de ensino apropriados, e que teriam em conta o conhecimento já considerável mas ainda fragmentado que muitos alunos já possuem;

3. estimularem atividades de investigação e desenvolvimento em prol da educação para as mídias a partir de disciplinas como a psicologia, a sociologia e as ciências da comunicação;
4. Apoiarem e reforçarem as ações realizadas ou previstas pela UNESCO com o objetivo de incentivar a cooperação internacional na área da educação para os media. (UNESCO 1982).

Conforme Belloni e Bévort (2009), o conceito de mídia-educação descrita na Declaração de Grünwald ultrapassa os conceitos anteriores, sendo caracterizado como uma alfabetização ampliada, com foco não no “uso pedagógico ou didático das mídias, mas as experiências midiáticas dos jovens fora da escola para, a partir delas, ensinar sobre as mídias”.

As discussões sobre mídia e educação evoluem, conforme os meios de comunicações vão conquistando maior respaldo por parte da sociedade. Porém, não avançam tanto quanto sugere a Declaração de Grünwald, apesar de os anos 1980 serem de muitos estudos e tentativas de colocar em prática o documento.

Já em 1990, a UNESCO, novamente reúne representantes de diversos países entre eles, do terceiro mundo, para realizar o Colóquio de Toulouse. Um colóquio diferenciado por nele estarem participando representantes tão distintos, não só pela sua localização geográfica, mas também, das esferas sociais que representavam. Com isso, torna-se difícil ter uma definição clara de como iriam repercutir em seus países as decisões do Colóquio, que trouxeram novas definições para mídia-educação.

Bazalgette, Bévort & Savino (1992) pontuam estas novas definições: A mídia-educação visa a suscitar e incrementar o espírito crítico dos indivíduos (crianças, jovens e adultos) face às mídias, visando a responder às questões: como as mídias trabalham; como são organizadas; como produzem sentido; como são percebidos pelos públicos; como ajudá-los a utilizá-las bem, em diferentes contextos socioculturais? Seu objetivo

essencial é desenvolver sistematicamente o espírito crítico e a criatividade, principalmente das crianças e jovens, por meio da análise e da produção de obras midiáticas. Visa a gerar utilizadores mais ativos e mais críticos que poderiam contribuir à criação de uma maior variedade de produtos midiáticos.

Mídia-educação é um processo cuja finalidade é permitir aos membros de uma comunidade participar, de modo criativo e crítico, ao nível da produção, da distribuição e da apresentação, de uma utilização das mídias tecnológicas e tradicionais, destinadas a desenvolver, libertar e também, a democratizar a comunicação (Bazalgette, Bévort & Savino, 1992).

Em Toulouse a palavra empoderamento ganha destaque, como explica Thoman (1990, p.1), “o objetivo educacional é agora o ‘empoderamento’ do espectador para processar as mensagens dos meios de comunicação de massa e produzir significados que sejam tanto pessoal como socialmente relevantes”.

O que percebemos nestas novas definições é a importância de tornar os educandos, sejam elas crianças, jovens ou adultos, seres mais críticos à sua realidade em relação às novas mídias, levando-os a analisar o contexto de forma mais ampla. Este público é pela primeira, vez levado em conta no que tange mídia-educação e sua repercussão.

Ao final do século XX a revolução tecnológica traz novos rumos para mídia-educação, quando ocorre de forma mais acentuada a inovação das tecnologias nos campos da informática e telecomunicações. Estes avanços incorporam novas formas de produção, comunicação e de acesso à informação com a internet.

A partir da popularização da internet, os veículos de comunicação de massa perderam a exclusividade sob os produtos de conectividade. O acesso popularizado a esta nova mídia, faz os pesquisadores vislumbrarem novos cenários frente a uma ferramenta que permite interatividade social e contato com a informação sem muitos

limites, propiciando uma mutação técnica as TIC's, à comunicação e conseqüentemente à sociedade, com uma nova fase, que permitiu, principalmente ao jovem, interação e participação com maior liberdade, provocando desafios à mídia-educação que necessita aprender a lidar com eles, oferecendo oportunidades para esta geração.

Diante desses desafios, organizações como a UNESCO se propôs constituir ações que implicaria debater o tema mídia-educação, com uma Conferência Internacional "Educando para as mídias e para era digital", realizada em Viena, em 1999, ponderando para a necessidade de um novo marco para mídia-educação.

Neste evento, a criança e o adolescente são colocados pela primeira vez como parceiros efetivos para a definição de propostas desta nova era informacional, avançando também, quando afirma que as transformações tecnológicas são consideradas, meios essenciais e não apenas questões de base técnica estruturais de comunicação (Belloni e Bévort, 2009). O que indica uma significativa preocupação nos processos culturais de formação dos sujeitos na contemporaneidade.

Nesta perspectiva e estabelecendo o entendimento acerca da identidade da mídia-educação (KRUCSAY, 1999), diz que a mídia-educação deve permitir, dessa forma, não apenas a compreensão dos meios de comunicação, como a aquisição de ferramentas para utilizar a mídia para contar suas próprias histórias e passar suas próprias mensagens.

Belloni e Bévort (2009) descrevem que mídia-educação deve decorrer dos interesses dos educandos, conforme tendências comuns encontradas na conferência de Viena: Mídia-educação significa pensamento crítico e deve levar à construção de competências de análise crítica. Assim, a produção de mensagens pelos estudantes é um elemento essencial para a construção do pensamento crítico e da expressão; Mídia-educação é necessária à participação e à democratização, ou seja, é fundamental para a cidadania; Mídia-educação deve considerar que a globalização, a desregulação e a privatização das mídias levaram à necessidade de novos paradigmas de educação; e a

Mídia-educação deve incluir todas as mídias, não mais focalizar apenas ou principalmente as mídias impressas, mas deve incluir múltiplas “alfabetizações (literacies)” (UNESCO, 1999).

Em 2002, outro documento destaca que a mídia-educação propicia aos jovens a produção de suas próprias mensagens e histórias, no sentido de comunidade e de responsabilidade social. Este documento foi resultado de um seminário na cidade de Sevilha, na Espanha, cujo nome foi Youth Media Education Seminar, (BUCKINGHAM, et al, 2002).

Em comemoração aos 25 anos da Declaração de Grünwald foi realizada em Paris, no ano de 2007, uma importante conferência – a Agenda de Paris – promovida pela UNESCO, que reafirmou a relevância desse documento elaborado em 1982.

A Agenda de Paris é conhecida também como *12 Recommendations for Media Education*, porque na ocasião de sua realização foram elaboradas 12 recomendações de ações prioritárias com base em quatro orientações da Declaração de Grünwald, são elas: I – *Desenvolvimento de programas integrados em todos os níveis de ensino*; II - *Formação de professores e de sensibilização das outras partes interessadas no domínio social*; III – *A pesquisa e suas redes de divulgação*; e IV – *A cooperação internacional em ações* (UNESCO, 2007).

Das 12 recomendações podemos resumir:

I – *Desenvolvimento de programas integrados em todos os níveis de ensino.*

1. Adotar uma definição inclusiva da mídia-educação que vá além da simples distinção entre educação pelas mídias e educação para as mídias e considere as mutações trazidas pelo desenvolvimento das TIC: novas competências, novos modos de aprender, ligados ao domínio da informação e à comunicação interativa, ou seja, à apropriação criativa e crítica das tecnologias e seus usos como meios de expressão.

2. Reforçar os vínculos entre a mídia-educação, a diversidade cultural e o respeito aos direitos humanos, no sentido de contribuir para a emancipação e a responsabilização dos indivíduos, como parte integrante da formação para a cidadania.

3. Definir as competências à construir, organizando o ensino em todos os níveis, de modo transversal e interdisciplinar, e os sistemas de avaliação, de alunos e professores, visando melhor pertinência e eficácia.

II – A formação de professores e a sensibilização dos diferentes atores da esfera social.

4. Integrar a mídia-educação à formação inicial dos professores, considerada como elemento-chave do dispositivo, devendo integrar ao mesmo tempo, as dimensões conceituais e os saberes práticos e estar baseada no conhecimento das práticas midiáticas dos jovens.

5. Desenvolver métodos pedagógicos apropriados e ativos, sem receitas prontas, que implicam uma evolução no papel do professor, uma maior participação dos alunos e relações mais estreitas entre a escola e o mundo exterior.

6. Mobilizar todos os atores do sistema escolar, técnicos, administradores, etc., no sentido de sensibilizar a todos a assumir responsabilidades e legitimar as ações.

7. Mobilizar os outros atores da esfera pública, pois a mídia-educação não se limita aos espaços escolares, mas diz respeito também às famílias, associações e profissionais de mídia.

8. Inscrever a mídia-educação no quadro da educação ao longo da vida, pois ela diz respeito também aos adultos, podendo ser vetor de uma melhor qualidade da educação continuada.

III – A pesquisa e suas redes de difusão

9. Desenvolver a mídia-educação e a pesquisa no ensino superior, em quadros interdisciplinares e em relação com estudos sobre inovações pedagógicas e sobre o impacto das TICs no ensino e na formação.

10. Criar redes de intercâmbio entre pesquisadores, de modo a capitalizar e compartilhar hipóteses e resultados de pesquisa, para contribuir à mudança de escala necessária à mídia-educação. Os resultados deveriam levar à elaboração de recomendações éticas suscetíveis a compor uma carta internacional.

IV – A cooperação internacional em ações

11. Organizar e tornar visíveis os intercâmbios internacionais, no sentido de difundir as “boas práticas” e os trabalhos existentes, para melhor apreender a diversidade de situações concretas.

12. Sensibilizar e mobilizar os atores políticos, notadamente os responsáveis pelas decisões de alto nível, em todos os países (UNESCO, 2007; *apud* BELLONI; BEVORT, 2009, p.1088).

Estas recomendações reforçam a ideia de que a mídia-educação é fundamental no contexto do exercício da democracia, de forma a tornar os indivíduos mais criativos, inovadores e críticos às tecnologias e suas apropriações como meios de expressarem-se. Também, colocam a mídia-educação como elemento chave para formação dos educadores, e dos cidadãos, de maneira generalizada, sendo fundamental na difusão de

experiências. Dando ênfase ao papel dos sistemas educacionais, apontando perspectivas mais otimistas ao campo mídia-educação, nos aspectos cognitivos e práticos pedagógicos.

Em 2011, basicamente os mesmos aspectos da Agenda de Paris foram reforçados em Marrocos por meio do documento *The First International Forum on Media and Information Literacy*, ressaltando a importância da mídia-educação na edificação do diálogo intercultural, e também, aparece a sugestão do uso da palavra *Media and Information Literacy*¹.

No âmbito deste processo histórico, outro documento importante foi “A Declaração de Moscou” realizada em 2012, a qual confirmou que a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) engloba os meios de comunicação como um todo (oral, impresso, analógico e digital), e torna-se uma condição para o desenvolvimento sustentável de forma aberta, integrada da sociedade atual (UNESCO, 2012; *apud* CAPRINO, 2015).

O papel fundamental da informação e da mídia no nosso dia a dia contribui para o desenvolvimento da cidadania e da participação das pessoas, do desenvolvimento pleno da liberdade de expressão na atualidade, e foi reconhecido em 2014, no Fórum Europeu de Alfabetização Midiática e Informacional, promovido pela UNESCO, quando acontece a aprovação da Declaração de Paris sobre Alfabetização Midiática e Informacional, na Era Digital (UNESCO, 2014).

Segundo a Declaração de Paris (UNESCO, 2014) as mídias sociais e sites de redes sociais assumem cada vez mais relevância, uma vez que servem como referências a novas formas de interação social, bem como novos direitos e modelos de participação, tais como a cidadania global na era digital.

¹ Da nomenclatura MIL significa Alfabetização Midiática Informacional AMI em português, segundo a UNESCO é entendida como um conceito composto, que engloba conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam aos cidadãos acessar, analisar, avaliar, usar, produzir e divulgar informações e conhecimento de forma criativa, legal e ética, respeitando os direitos humanos. (GRIZZLE et al., 2013, p.14)

Convém citar a publicação realizada em 2011, pela UNESCO, que foi traduzida para o português em 2013, com o título “Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores”, objetiva ser utilizada como uma referência para integração da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) na formação de professores no Brasil.

A publicação é vista como um recurso para os Estados-membros para colocar em prática os objetivos da Declaração de Grünwald (1982), da Declaração de Alexandria (2005) e da Agenda de Paris da UNESCO (2007), entre outras relacionadas à AMI, como indicado a seguir.

Em primeiro lugar, lança seu olhar adiante, partindo das atuais tendências de convergência entre o rádio, a televisão, a internet, os jornais, os livros, os arquivos digitais e as bibliotecas rumo a uma única plataforma – apresentando, assim, a AMI de uma maneira holística. Em segundo lugar, foi especificamente projetado tendo em mente os professores e com vistas à integração no sistema formal de educação, lançando assim um processo catalítico que deve alcançar e capacitar milhões de jovens (UNESCO 2013, p. 14).

Esta capacitação se faz imprescindível para que os educandos desenvolvam as competências necessárias para que possam utilizar de maneira consciente, aproveitando os inúmeros benefícios da liberdade de informação e o seu acesso, os conteúdos e as estratégias presentes nas mídias nas TIC’s.

Torna-se preocupante se observarmos o contexto com que a mídia e a educação são tratadas hoje no universo educacional. As TIC’s estão evoluindo muito depressa e o acesso a elas cada vez mais facilitado, a exemplo, como já citamos anteriormente, está a internet e toda a transformação que ela causou neste meio. O novo contexto, carece de debates e estudos cada vez mais frequentes, acerca das mídias e sua utilidade no âmbito da educação; urge pela sua inserção na formação dos educadores e dos educandos.

Assim como este trabalho, que pretende contribuir de certa forma, nas reflexões a respeito deste tema, essencialmente no que tange as notícias e os conteúdos vinculados

à educação na internet, a forma como são abordados, sua frequência, o uso em que os educandos e educadores estão fazendo delas, entre outras questões que poderão surgir.

ii.ii Inserção da mídia no ambiente escolar

A constatação da influência da mídia sobre o indivíduo, especialmente na sua formação, diante de um mundo em mutação permanente, reflete na necessidade de lançar um olhar diferenciado ao ambiente escolar, visto que este é o espaço de transformação e de desenvolvimento social e que não pode eximir-se em levar a mídia a suas práticas no processo educacional, visto que os estudantes estão cada vez mais envolvidos e inseridos a ela em todos os ambientes, inclusive o escolar, tendo em vista que não há mais muros e demarcações territoriais. A realidade da sociedade em rede constituiu um processo que tem como marca significativa a desterritorização do espaço e os vínculos passam a ser constituídos também pelo virtual em seus ciberespaços.

Retomando, numa perspectiva histórica, vemos que nos anos 1970 houve uma resistência por parte da escola em aceitar que os meios de comunicação e as mídias exerciam certa influência no comportamento dos alunos. Nesta época, Francisco Gutierrez citou a necessidade de ter-se uma pedagogia da linguagem total. Para o autor, este novo método proposto teria como principal objetivo “(...) fazer da escola um centro de comunicação dialógica e converter os meios de comunicação em escola participante” (GUTIÉRREZ, 1978, p.20).

No nosso contexto, a mídia desafiava a escola, o que pode se resolver é reconhecer a inserção dos meios de comunicação, principalmente a internet neste processo de ensino-aprendizagem. Visto que as atitudes apresentadas na década de 70 já não se tem nenhuma valia em nosso contexto midiaticizado.

Nesse sentido, Paulo Freire entende que a falta de comunicação é o centro da questão: a escola não consegue dialogar com os alunos da forma que deveria fazer. “Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos,

meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (FREIRE,1987, p.33).

Segundo esta abordagem, acontece que a escola ao ignorar a bagagem de conhecimentos trazida pelo estudante do mundo exterior, e aí destacamos a família, religião, amigos, e essencialmente, a mídia, acaba por desencadear um processo de distanciamento entre ambos.

Esta presença, especialmente da mídia, na vida dos estudantes fora do ambiente escolar, mostra que eles já sabem lidar com este novo meio de aprendizagem e de compartilhamento de vivências significativas e que a escola precisa aproveitar esta relação, resgatando este conhecimento empírico constituindo interfaces com as práticas pedagógicas. Os professores, em seu contexto diário, também se utilizam da mídia para ampliar seus conhecimentos de mundo. Esta é uma realidade vivida tanto pelos estudantes, quanto por professores, tendo a escola, a forte missão de fornecer os elementos necessários para que ambos possam perpetrar uma leitura crítica da mídia através de uma interpretação de mundo, produzindo assim a conectividade entre os fatos e suas perspectivas de vida, suas ações e sua história.

Neste ínterim,

A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos a literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente de ser realizada nestes dois níveis: enquanto *objeto de estudo*, fornecendo às crianças e aos adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem; e enquanto *instrumento pedagógico*, fornecendo aos professores suportes altamente eficazes para a melhoria da qualidade do ensino (...) (Belloni, 1991, p. 41).

Conforme corrobora a autora, a aquisição do conhecimento não deve-se dar apenas pela leitura de um veículo de comunicação, mas pela comparação e análise entre eles. A percepção e o acesso a diferentes pontos de vista e interpretações de um mesmo acontecimento, por exemplo, possibilitará uma leitura de mundo mais completa. No

entanto, o grande desafio está no debate quanto ao uso pedagógico desta narrativa em sala de aula.

Este é um dos aspectos fundamentais que encontramos no documento da UNESCO (2013), ao dar ênfase a este âmbito da mídia-educação.

A produção de conteúdo e o uso das mídias devem promover uma pedagogia focada nos alunos, capaz de estimular a investigação e o pensamento reflexivo por parte dos estudantes. A aprendizagem prática é um importante aspecto da assimilação de conhecimentos no século XXI. A produção de conteúdo midiático proporciona uma via para que os estudantes familiarizem-se com a aprendizagem pela prática, por meio da produção de textos e imagens em um ambiente participativo. Os professores devem desempenhar um papel ativo nesse processo, para que os alunos possam desenvolver competências para a aprendizagem participativa (UNESCO, 2013, p. 28).

Nesse contexto, o ensino e a aprendizagem quando integrados as novas tecnologias, e aí destacamos as mídias, como o rádio, cinema, televisão, jornais e a internet, tornam-se mais desafiadores e inovadores, sendo capazes de promover ambientes educacionais dinâmicos e democráticos, além de demonstrar a produção de conhecimento e ambientes propícios para a aprendizagem. Mas para isso é preciso que a escola assuma sua inserção no seu ambiente educativo, tendo em vista que os seus estudantes são também produtores, para assim, ensinar e aprender a lidar com estes novos mecanismos de ensino e aprendizagem.

Esta perspectiva mostra-se essencial o reconhecimento dos processos interativos promovidos pela era digital que fazemos parte e que a

Consequência inevitável da revolução digital é a tecnologia colocada na mão de pessoas comuns, para sua expressão criativa, ferramentas de baixo custo e fáceis de manusear. Se derrubadas as barreiras da participação e fornecidos novos canais de publicidade e distribuição, as pessoas criarão coisas extraordinárias. [...] 90% é lixo, mas se o número de pessoas que participam da criação de arte aumentar, a quantidade de trabalhos realmente interessantes pode aumentar também. Seguramente, os impulsos criativos irão superar as limitações e obstáculos técnicos. Artistas amadores se saem melhor quando operam em comunidades de apoio, lutando com os mesmos problemas criativos e evoluindo com o sucesso dos outros (JENKINS, 2009, p. 212).

Analisando por este viés, podemos exemplificar a inserção da mídia através da criação de vídeos cada vez mais presente na vida dos alunos, no entanto, sem a mediação de um adulto. Os canais deram a possibilidade da produção de materiais sobre uma infinidade de assuntos que relatam o ambiente em que estão inseridos com rapidez e voracidade. Questão que tem os dois lados: o fantástico potencial criativo e autonomia apresentada por eles na produção destes materiais. Já por outro, a falta da preparação dos estudantes para que estas mídias sejam utilizadas de maneira consciente, analisadas e pensadas de forma crítica.

A constatação a este respeito é empreendida por Jenkins (2009), ao dizer que

Com as tecnologias digitais, os equipamentos e softwares ficaram mais acessíveis à produção digital de filmes que ganharam espaço e visibilidade. Com filmes de baixo orçamento, distribuídos em contextos alternativos aos comerciais, abre uma nova oportunidade para cineastas, tidos como amadores. Produções com conteúdo de qualidade comercial ou quase comercial – ganham espaço cada vez maior (JENKINS, 2009, p. 202)

A partir desta reflexão, torna-se uma necessidade em época de avanço das tecnologias digitais o uso de aparelhos em sala de aula, tais como: notebooks, netbooks, smartphones, PCs, data show, slides, internet, tablets, entre outros, contribuindo para que os estudantes possam interagir com os conteúdos pedagógicos.

A presença da mídia na vida dos educandos e dos educadores acontece de forma acentuada no seu cotidiano, onde a velocidade das informações recebidas reflete no processo educacional. Em se tratando de educação, mais propriamente dentro da escola, enquanto espaço de desenvolvimento, transformação e conhecimento, tal questão não pode ser ignorada. Metodologias inovadoras precisam ser buscadas e implantadas conforme as características dos estudantes. Por este viés, as novas tecnologias serão objeto de estudo do próximo subcapítulo.

ii.iii Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S) na educação

Do quadro negro ao computador, uma retrospectiva que nos faz percorrer séculos e décadas na história da humanidade. O quadro negro por anos e anos, foi um dos únicos meios didáticos utilizados para ensinar, ainda hoje continua presente nas escolas e sendo muito ocupado para o fim o qual foi inventado. No entanto, o surgimento das novas tecnologias, como por exemplo, o jornal online, trouxe consigo a necessidade de repensar o sistema educacional, configurando-se uma alternativa diferente na dinâmica do ensino e aprendizagem.

Sobreiro (2010) lembra muito bem quando se reporta a Célestin Freinet na França, bem como Janusz Korczak na Polônia. Eles já imprimiam seus jornais no início do século XX época em que os educadores se deparavam com enormes dificuldades materiais e políticas para executar seus projetos. Atualmente, ao oposto daquela época, os computadores e as novas tecnologias vieram a facilitar consideravelmente o trabalho docente, onde faz-se necessário pouco esforço para publicar na internet ou imprimir em impressoras modernas e automatizadas os assuntos favoravelmente escolhidos.

Com o objetivo de entender como ocorreu a inserção da internet na educação, para assim compreender mais tarde o jornal online como fonte de informação e orientação em matérias sobre o tema, pesquisamos o seu percurso histórico. De acordo com Tajra (1998), no Brasil, o estudo da informática na educação começou em 1970 por conta do projeto Educação com Computador (EDUCOM), sendo esta a primeira ação a tratar da informática educacional, que levou computadores oficialmente para as salas da educação pública.

Em 1996, foi publicado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos que recomendavam o uso das tecnologias no Brasil. Os PCNs assinalam que as tecnologias deviam estar inseridas nos currículos e nas disciplinas, uma vez consideradas instrumentos de aprendizagem na educação escolar. (BRASIL, 1999).

Carneiro (2002), enfatiza que o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como objetos que indicam a preocupação do governo brasileiro acerca da utilização das tecnologias na educação. Inclusive, o PROINFO foi criado para promover o uso pedagógico de Tecnologias de Informação e Comunicações (TIC's) na rede pública de ensinos Fundamental e Médio.

A autora afirma que a preocupação das tecnologias na educação é originada na necessidade de aproximação da escola e dos atuais padrões sociais de transformação e transmissão de conhecimentos entre as instituições e a sociedade. Ela observa que “no início da década de 80, surgiu o desenvolvimento de Política de Informática Educativa (PIE), caracterizada por atividades de pesquisa e seminários de discussão em pequena escala” (CARNEIRO, 2002, p. 49).

Na perspectiva de Paulo Freire, um dos grandes nomes da educação brasileira e internacional, a prática educativa deveria desafiar os alunos a construir uma compreensão crítica de sua presença no mundo, proporcionando a eles o entendimento das relações sociais e culturais. Segundo ele “é tão urgente quanto necessária à compreensão correta da tecnologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que perfila como constante a serviço de seu bem-estar” (FREIRE, 1997, p. 20).

O autor reconhece a totalidade do processo comunicacional em que a escrita e a leitura são produzidas, ele foi um dos primeiros pensadores a entender que a educação não acontece apenas na escola, se efetivando também em outros ambientes. O autor entende que desde a formação inicial do docente, deve haver a garantia de reflexões de sua prática educativa, possibilitando a organização do seu ambiente de trabalho através de projetos pedagógicos, por exemplo, que façam uso das novas tecnologias, como o computador.

Dessa forma, analisando a articulação entre o saber, as novas tecnologias e educação ao poder, o autor assegurou que:

Exatamente porque somos programados, somos capazes de pôr-nos diante da programação e pensar sobre ela, indagar e até desviá-la (...) Somos capazes de inferir até na programação da que somos resultado (...) A vocação humana é a de "saber" o mundo através da linguagem que fomos capazes de inventar socialmente (...) nos tornamos capazes de desnudar o mundo e de "falar" o mundo. Só podemos falar do mundo porque transformamos o mundo, e o processo não poderia ser ao inverso. Neste sentido, a linguagem não só é veículo do saber, senão que é saber. Não se pode compreender a vida histórica, social e política dos homens fora dele e da necessidade de saber. É um processo que acompanha a vida individual e social das pessoas no mundo com sua politicidade. Isto tem a ver com a forma de "estar sendo" no mundo; o saber fundamental continua constituindo a capacidade de desvendar a razão de ser do mundo, e este é um saber que nem é superior nem inferior aos outros saberes, senão que é um saber que elucida, que desoculta, ao lado da formação tecnológica (...) É o "saber político" que a gente tem que criar, cavar, construir, produzir para que a pós-modernidade democrática, a pós-modernidade progressista se instale e se instaure contra a força e o poder de uma outra pós-modernidade que é reacionária.(...) Necessita-se de homens, de mulheres, que ao lado dos saberes técnicos e científicos, estejam também inclinados a conhecer o mundo de outra forma, através de tipos de saberes não preestabelecidos. A negação disto seria repetir o processo hegemônico das classes dominantes, que sempre determinaram o que podem e devem saber as classes dominadas (FREIRE 1993, p. 25-34).

Deste modo, o aproveitamento das tecnologias da informação e comunicação não pode estar dissociado das condições próprias e institucionais de cada sociedade em geral e dos professores em particular. Freire acredita que a conversa deve partir do princípio de entender a presença e a influência dos computadores e suas redes, na prática educativa em um sentido simbólico e técnico, em todos os seus aspectos e formas.

O fato é que as novas tecnologias, como é o caso do jornal online, quando usadas adequadamente contribuem para o processo educacional, ampliando possibilidades de ensinar e aprender. Para isso é necessário que haja o engajamento e a organização escolar, como afirma Libâneo (2007, p. 309), quando diz: “o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem.”

Neste mesmo viés interpretativo, Moran (2000, p. 63) destaca que “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário,

conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. ” A forma de aplicar todo o potencial que existe no sistema educacional, e aqui destacamos em especial, o processo ensino-aprendizagem e seus componentes pedagógicos, é uma das necessidades criadas pelo uso das TIC's.

Todavia, todo este ideário, requer planejamento na sala de aula, como a inserção dos recursos tecnológicos para que sejam introduzidas adequadamente as TIC's, objetivando facilitar o processo didático-pedagógico, melhorando os indicadores que mostram o desempenho escolar. Isto porque, quando falamos em novas tecnologias, precisamos ter claro que elas não se resumem a uma ou outra ferramenta, são vários meios como opção, assim como a linguagem que pode enriquecer os métodos de ensino,

Devemos considerar como ideal um ensino usando diversos meios, um ensino no qual todos os meios deveriam ter oportunidade, desde os mais modestos até os mais elaborados: desde o quadro, os mapas e as transparências de retroprojeter até as antenas de satélite de televisão. Ali deveriam ter oportunidade também todas as linguagens: desde a palavra falada e escrita até as imagens e sons, passando pelas linguagens matemáticas, gestuais e simbólicas (SANCHO, 2001, p. 136).

Moraes (1997), avalia que o simples acesso à tecnologia, em si não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas. Por este viés, este autor reforça o trabalho das mídias integradas em sala de aula, passando elas a ter um papel essencial para os educadores, que devem focar-se na construção de espaços didáticos integrados e interativos, o que se torna um grande desafio, podendo ou não trazer os resultados desejados.

O pensamento de Masetto (2000) complementa ao afirmar que considera haver uma grande diferença entre o processo de ensino e o processo de aprendizagem, no que tange as suas finalidades e à sua abrangência, embora admita que é possível se pensar num processo interativo de ensino-aprendizagem.

Cada vez mais presentes no ambiente escolar, às novas tecnologias tornam o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, tendo os professores uma grande responsabilidade na condução da utilização das TIC's.

Demo (2008) enfatiza, que toda proposta que investe na introdução das TIC's na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores. O que transforma tecnologia em aprendizagem, não é a máquina, o programa eletrônico, o software, mas o professor, em especial em sua condição socrática.

A presença da TIC é verificada em todas as esferas da sociedade, como já mencionamos neste trabalho. Tendo em vista este cenário, os professores inevitavelmente não podem eximir-se das mudanças decorrentes das tecnologias e evitar que elas interfiram na ambiente escolar, devem olhar de frente para esta situação e buscar obter mais conhecimento e o desenvolvimento de competências para saber como utilizar tais ferramentas de forma adequada ao contexto do trabalho pedagógico.

Costa (2008) indica diversos fatores que barram a utilização das novas tecnologias no ambiente escolar, os quais vão desde formação recebida pelos professores até a falta de condições técnicas na escola.

Segundo ele

Este cenário de não utilização das TICs se deve a múltiplos fatores, dentre os quais podemos destacar: (1) formação continuada baseada na racionalidade técnica; (2) excesso de trabalho, sobrando pouco tempo para refletir sistematicamente e, sobretudo, para experiências, inovações tecnológicas na prática escolar – o que dá muito trabalho de planejamento e de preparação do material e do ambiente para que tudo funcione; (3) contexto não-colaborativo de trabalho na escola; (4) cultura profissional tradicional, sendo que a utilização das TICs implicaria uma ruptura com esta cultura; (5) falta de condições técnicas (computadores funcionando, acesso à Internet) (COSTA, 2008, p. 157-158).

O debate em torno deste cenário, apresentado por Costa, não deve ficar alheio ao sistema educacional, já que vivemos em uma sociedade da informação, ambiente no qual as novas gerações estão crescendo. A educação deve utilizar os recursos da TIC a

seu favor, colaborando com o ensino-aprendizagem dos estudantes. Porém, as novas tecnologias por si só não avalizam a escolarização dos discentes, sendo necessário um conglomerado de ferramentas que colocadas à disposição do ensino, vão contribuir de forma efetiva na mediação entre o conhecimento e o estudante.

Diante deste contexto, Carvalho (2001), afirma que

A informática e as demais tecnologias de informação e comunicação não representam um fim em si mesmo. São procedimentos que poderão melhorar as respostas educativas da escola e contribuir, no âmbito da educação especial, para que alunos cegos, surdos, com retardo mental, com paralisia cerebral, paraplégicos, autistas, multideficientes, superdotados, dentre outros, possam atingir maior qualidade nos seus processos de aprendizagem e de exercício da cidadania (CARVALHO, 2001, p. 67).

Neste ínterim, podemos notar que o uso das novas TIC's contribui na melhora das condições de aprendizagem para os estudantes, exercendo um papel fundamental no encontro e associação das informações, o que perpassa não só diretamente pela inclusão das tecnologias aos meios tradicionais de ensino, mas também, na construção de práticas pedagógicas inclusivas inovadoras.

Para Pierre Lévy, fica evidenciado o desafio da escola no que se refere às novas tecnologias, principalmente pelo aprender coletivo que automaticamente se impõe com a internet, apresentando diversas formas de aprendizagem.

Segundo Lévy,

Com a popularização das tecnologias da informação e comunicação, que permitem a formação de comunidades virtuais e, até mesmo, de aprendizagem, o aprender coletivo impõe um grande desafio à educação escolar de natureza presencial, especialmente a de tendência mais tradicional (LÉVY, 1999, p. 136).

Ramal (2002) caracterizou a expressão “arquiteto cognitivo”, criada por Lévy (1996), referindo-se ao profissional que trabalha com as novas tecnologias na educação,

traçando o seu perfil com o desdobramento deste conceito em quatro aspectos, sendo explicitado da seguinte maneira:

O arquiteto cognitivo: (a) é um profissional, um indivíduo preocupado com a sua formação continuada; (b) capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender, de forma autônoma e integrada, os próprios caminhos da construção do (hiper) conhecimento em rede; (c) assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão na ação; e (d) fazendo uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem (RAMAL, 2002, p. 191).

A utilização das novas tecnologias na sala de aula, exige uma formação abrangente dos professores, para que estes recursos sejam usados de forma positiva e corretos. No entanto, quando se fala em formação, não devemos pensar em apenas cursos de capacitação como ressalta Perrenoud (2000).

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

Por esta perspectiva, Perrenoud estabelece que “a falta de cuidado poderá levar as novas tecnologias a aumentarem as diferenças” (2000, p. 136). É necessário convir que deve-se haver muitas precauções quanto ao uso destes recursos. Neste mesmo sentido este autor destaca que:

Uma cultura tecnológica de base também é necessária para pensar as relações entre evolução dos instrumentos (informática e hipermídia), as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola pretende formar. Pelo menos por este ângulo, as tecnologias novas não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem as maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e de pensar (PERRENOUD, 2000, p. 138).

O autor expôs a preocupação de que tal evolução afeta as situações que os estudantes enfrentam e enfrentarão em seu cotidiano, nas quais eles pretensamente mobilizam e mobilizarão o que aprenderam na escola. Em seus estudos Perrenoud, cita Tardif (1998), o qual propõe um quadro pedagógico para as novas tecnologias, destacando a mudança de paradigma que elas demandam e também oportunizam.

“Trata-se de passar de uma escola centrada no ensino [...] a uma escola centrada não no aluno, mas nas aprendizagens” (PERRENOUD, 2000, p.139).

Destaca ele que

A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Segundo Kearsley (1996), “(...) se queremos ver a tecnologia ter mais impacto nas escolas e nas organizações de treinamento, precisamos ter como nossa principal prioridade a preparação de bons professores” (KEARSLEY, 1996, p. 4). Esta afirmação denota a importância do professor estar bem preparado para este novo desafio, faz-se necessário que os cursos de formação abordem esta nova tendência, que inclusive deve estar amarrada ao seu planejamento pedagógico.

Desde a invenção da escrita e da imprensa, nada tem causado mais impacto na vida do ser humano, do que as novas tecnologias, assim como nada tem estimulado tantas mudanças no mundo, essencialmente o uso do computador e da internet. Novas tecnologias, eficazes e que oferecem todas as possibilidades, já exploradas na imprensa, no rádio, na TV, permitindo ir além: agrupar todas estas tecnologias e possibilitar a interação na velocidade da luz. Não parece haver qualquer dúvida de que estas novas TIC's são essenciais para sobrevivência de uma sociedade cada vez mais complexa.

Voltando o olhar à educação, o professor é o principal mediador para que o uso das novas tecnologias no processo pedagógico contemple sua função de propiciar a aprendizagem, e que os estudantes, aprendam a utilizá-las de maneira a corroborar com o seu processo de aprendizagem.

CAPÍTULO III – INTERNET

iii.i Internet e o Mundo Contemporâneo

As mídias perpassam todas as instâncias e entranhas da tessitura de nossa vida social, apontadas como protagonistas das mudanças ocorridas entre as relações humanas. Estudá-las nos tempos atuais, em que a liberdade de imprensa é um dos aspectos fundamentais para a liberdade de expressão, implica aprofundamento e conhecimento a respeito deste vasto campo de conhecimento. A internet, que desde seu surgimento vem conquistando um número cada vez maior de usuários, deslumbrados com seus recursos, praticidade, ambiência envolvente e facilidade de acesso.

O uso feito deste novo instrumento de comunicação – a internet - se amplia às mais diversas áreas na contemporaneidade, transcorrendo os ambientes de trabalho, escolar, familiar, social, servindo com muita frequência como uma forma de interação entre grupos e pessoas.

A influência da internet na vida das pessoas é notória, seja pelo uso de sites de informações, ou de relacionamentos, como *Twitter*² e o *Facebook*³ capazes de derrubar ditaduras, a exemplo a de Bem Ali, na Tunísia, e de Hosni Mubarak, no Egito, pelo poder de prejudicar o usuário, com hábitos negativos proporcionados pelo uso da internet camuflando suas vantagens.

Ao decidir entrar para o mundo do ciberespaço muitas coisas devem ser revistas e analisadas. Devemos estar cientes de que tudo ali postado passa pelos olhos de milhares de pessoas, indivíduos únicos que assimilam as mensagens conforme o seu

² É uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. Fonte: www.ufv.br.

³ É um site e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. O Facebook foi fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade, o brasileiro Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Fonte: www.ufv.br.

entendimento. O bom-senso torna-se fundamental neste processo comunicacional criado na internet, neste sentido, não é só porque estamos numa rede de socialização, onde os usuários parecem postar coisas sem refletir, mas no que resultará o conteúdo de tal comunicação.

Percebemos que acontecimentos foram influentes no processo comunicacional da sociedade, porém o século XX foi decisivo nesta estrutura social, devido o surgimento da Era da Informação, momento em que o conhecimento se tornou um dos mais importantes recursos econômicos. Neste período, foram criadas invenções importantes tais como o microprocessador, a fibra óptica, a rede de computadores e o computador pessoal, tornando-se uma mola propulsora de uma nova sociedade, chamada por Castells (2003), como a sociedade em rede.

Após estas invenções, grandes mudanças estariam marcadas para acontecer neste novo contexto e paradigma social, tornando-se a rede mundial de computadores uma das mais significativas descobertas do homem no século passado.

Sendo assim, as mudanças não são necessariamente negativas, mas implicam no surgimento de novos padrões estruturais. Exemplificamos, a mediação pelo computador que gerou outras formas de estabelecimentos de informações, relações sociais, como constatados por pesquisadores como Manuel Castells e Raquel Recuero nos mais diversos estudos realizados a respeito do tema.

A internet proporciona uma série de vantagens aos seus usuários como a comunicação a baixo custo, rapidez, interatividade e acesso a fontes inesgotáveis de informação, porém a maneira como o usuário usa e se apropria dessas informações, gera certo desconforto para pesquisadores do fenômeno das redes sociais. Dessa forma, a emergência de pesquisas multidisciplinares a respeito das redes sociais, marcaram os anos 1990, a partir de diferentes enfoques, muitas delas estimuladas pelo aumento da complexidade da vida urbana e pelas comunicações mediadas pelo computador.

O sucesso conquistado pelo Facebook, que já registra mais de um bilhão de usuários, por exemplo, fez reproduzir na internet uma gama de redes sociais que levou à saturação as opções do usuário em compartilhar conteúdos e a se comunicarem com outras pessoas no ciberespaço, transformando-se em um fenômeno global, visto que hoje em dia é quase tão frequente ter e-mail como perfil nas redes sociais.

E esta multiplicidade tanto de sites de notícias, como das redes sociais, nos leva a pensar na forma em que os usuários se apropriam dela para difundir e receber informações as quais todo mundo pode ter acesso, julgar e usar do senso comum para dar sua opinião. Mediante a esta apropriação, esta pesquisa visa analisar de que maneira acontece o atual discurso jornalístico a respeito da educação, tendo como objeto o Portal Zero Hora.

iii.ii A Internet: sua história em uma sociedade em rede

A internet é o meio pelo qual nos torna habitantes de um mundo global, colocação que pode se aproximar do modo como este novo espaço de comunicação é visto pela sociedade, em razão da sua força de distribuir a informação em um mundo globalizado. E a rede é o canal dessa nova Era da Informação, capaz de ligar pessoas de todo o planeta em um milésimo de segundo.

Esta rede é explicada por Castells (2003), como sendo um conjunto de nós interconectados que ganharam nova vida em nosso tempo, transformando-se em redes de informações energizadas pela internet. Duas características são citadas por ele como fundamentais para estas redes sobreviverem em um mundo em constante mutação: a adaptabilidade e flexibilidade inerentes, permitidas através da internet.

O surgimento da internet tem origens por meio da Arpanet, rede de computadores montada pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) em setembro de 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de

mobilizar recursos de pesquisas, especialmente do mundo universitário, objetivando adquirir superioridade militar tecnológica em relação à União Soviética, Castels (2003).

A Arpanet era um programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA fundado em 1962. A justificativa de criação deste programa era para que servisse como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência, compartilhar on-line o tempo de computação.

Nesta perspectiva, “o objetivo desse departamento tal como definido por seu primeiro diretor Joseph Licklider, um psicólogo transformado em cientista da computação no Massachusetts Institute of Technology (MIT), era estimular a pesquisa em computação interativa” (CASTELLS, 2003, p. 14).

Mas em 1990, a Arpanet, já considerada tecnologicamente obsoleta, foi retirada de operação, momento em que a internet é libertada do ambiente militar, quando o governo dos EUA confiou sua administração à *National Science Foundation* (NSF). Por sua vez, a NSF vendo a tecnologia da rede de computadores cair em domínio público e as telecomunicações plenamente desequilibradas, tratou de privatizar a internet. Neste ano, muitos dos computadores dos EUA tinham a capacidade de entrar em rede, o que lançou a base para difusão da interconexão de redes. Também em 1990, muitos provedores de serviços de internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais, desde então a internet cresceu rapidamente como uma rede global de computadores.

A comunidade dos usuários do UNIX⁴ foi decisiva para formação de rede de computadores. O UNIX foi desenvolvido pelo Laboratório Bell e disponibilizado a universidades, tornando-se a linguagem da maioria dos departamentos de ciência da

⁴ É um sistema operacional de multitarefa preemptiva. Isso significa que, quando esgota-se um determinado intervalo de tempo (chamado quantum), o Unix suspende a execução do processo, salva o seu contexto (informações necessárias para a execução do processo), para que ele possa ser retomado posteriormente, e coloca em execução o próximo processo da fila de espera. Foi originalmente criado por Ken Thompson, Dennis Ritchie, Douglas McIlroy e Peter Weiner, que trabalhavam nos Laboratórios Bell (Bell Labs) da AT&T. A marca UNIX é uma propriedade do The Open Group, um consórcio formado por empresas de informática.

computação, a qual mais tarde foi aperfeiçoada por estudantes, que fundiram várias outras redes de computadores, que finalmente se congregaram na forma de internet.

O sistema tornou-se a língua franca da maior parte dos departamentos de ciência da computação e os estudantes logo se tornaram peritos na sua manipulação. [...] Isso permitiu a formação de redes de comunicação entre computadores (CASTELLS, 2003, p. 16).

Em 1991, o estudante de 22 anos Linus Torvalds, desenvolveu um novo sistema operacional tendo como base o UNIX, o qual chamou de Linux. Torvalds distribuiu-o gratuitamente por toda a internet para que hackers o aperfeiçoassem, tornando-se um dos sistemas operacionais mais avançados do mundo.

Mas o que permitiu a internet abarcar o mundo todo foi a criação da aplicação de compartilhamento de informação, o WWW (World Wide Web) em 1990, pelo programador inglês Timothy Berners-Lee, tendo a vantagem decisiva que a internet já existia, encontrando apoio nela e se valendo do poder computacional. Berners-Lee refuta o mérito a ele atribuído pela criação da Web, lançada na internet em 1991.

Segundo ele,

Os jornalistas sempre me perguntam qual foi a ideia crucial ou evento singular que permitiu que a Web existisse de um dia para o outro. Eles ficam frustrados quando lhes digo que não houve nenhum momento tipo “Eureka!”. [...] A invenção da *World Wide Web* envolveu uma crescente percepção de que havia grande poder em se arrumar as ideias de uma maneira não restritiva, como em uma teia. E essa percepção foi surgindo precisamente através desse tipo de processo. A Web surgiu como resposta a um desafio em aberto, através de um redemoinho de influências, ideias e realizações de muitos lados até que, por extraordinários ofícios da mente humana, um novo conceito se materializou. Foi um processo de crescimento por etapas, e não uma solução linear de um problema bem definido após o outro (BERNERS-LEE *apud* CASTELLS, 2003, p. 20).

Em 1995, finalmente a Microsoft⁵ lançou o sistema operacional Windows 95, e incluiu o software Internet Explorer no pacote.

Neste ínterim,

Embora a internet tivesse começado na mente de cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação, reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu (CASTELLS, 2003, p. 19).

No Brasil, os primeiros contatos com a rede mundial aconteceram em 1988, período em que a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), vinculada à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, concretizou a primeira conexão à Internet por meio de uma parceria com um dos mais importantes centros de pesquisa científica dos Estados Unidos.

No ano seguinte, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), em Petrópolis (RJ), também se conectaram a rede através de links com universidades americanas. Já em 1992, o Governo Federal criou a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, coordenada pelo cientista Tadão Takahashi.

Sendo assim,

⁵ É uma empresa multinacional de tecnologia e informática dos Estados Unidos, que desenvolve e vende licenças de softwares, fabrica eletrônicos de consumo como videogames e dá suporte a vários produtos e serviços relacionados, predominantemente, com a computação. A empresa foi fundada em 4 de abril de 1975 por Bill Gates e Paul Allen na cidade de Albuquerque, Condado de Bernalillo no estado do Novo México, e tem como sua sede a One Microsoft Way na cidade Redmond, Condado de King no estado de Washington, Estados Unidos. Inicialmente a empresa era denominada Microsoft, derivada das palavras microcomputer e software, porém, o hífen acabou sendo removido.

Paralelamente ao início das operações da RNP, surgiu no Rio de Janeiro uma organização não governamental (ONG), chamada Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), que se tornaria a primeira instituição brasileira fora do ambiente acadêmico a utilizar a Internet através do Alternex, um serviço de correio eletrônico e grupos de discussão conectado à rede, em 18 de julho de 1989 (VIEIRA, 2003, p. 9).

No Brasil o Governo Federal editou, em maio de 1995, uma Nota Conjunta do Ministério das Comunicações (Minicom) e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) que, entre outras coisas, definiu o que era Internet:

[...] A Internet é um conjunto de redes interligadas, de abrangência mundial. Através da Internet estão disponíveis serviços como correio eletrônico, transferência de arquivos, acesso remoto a computadores, acesso a bases de dados e diversos tipos de serviços de informação, cobrindo praticamente todas as áreas de interesse da Sociedade (BRASIL, 1995).

A rápida evolução da internet nos Estados Unidos gerou uma disputa no Brasil pelos direitos de acesso à rede. Conforme Vieira (2003), o último ato posterior ao nascimento da Internet brasileira de fato ocorre em 1996, com a criação do Comitê Gestor de Internet (CGI), instituição de maior importância para o governo quando o assunto é Internet, constituída, à época, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério das Comunicações, ONGs, universidades e provedores de acesso.

Entendemos que abordar a história da internet, mesmo que de forma sucinta, ajude-nos a compreender o que ela é, tanto na forma de processo tecnológico quanto social, já que nossa mídia de estudo é a internet.

Berners-Lee, um dos responsáveis por aperfeiçoar esta rede de comunicação global destacou em uma das suas célebres frases:

A web é mais uma criação social do que técnica. Eu não a projetei como um brinquedinho. Precisamos ter certeza de que a sociedade que construímos na rede é aquela que almejamos (BERNERS-LEE *apud* VIEIRA, 2003, p.2).

Com esta colocação Berners-Lee (2003) já anteviu que o uso e a evolução da internet é produto da ação do homem, cabendo a ele se apropriar, usar, interpretar e filtrar as informações conforme seu próprio contexto. A comunicação consciente é que faz toda diferença dentro deste conjunto.

iii.iii Internet e a ciberdemocracia

De Gutemberg (1398) à internet há uma grande revolução no processo histórico cultural e comunicacional. Conhecido no mundo ocidental como o grande revolucionário da impressão, porque uma de suas primeiras obras impressas foi a Bíblia, em 1456, Gutemberg ajudou a difundir a indústria do livro e da imprensa periódica. Entretanto, pouco mais de 500 anos após o grande feito de Gutemberg, surgiu a internet, sistema capaz de revolucionar a comunicação mundial.

Com o advento da internet e principalmente sua popularização, profundas transformações sociais surgiram criando-se muitas discussões acerca da democratização da informação que é vista como um novo paradigma das novas tecnologias, embalada pela velocidade e diluição dos limites temporais e territoriais. Segundo Castells (1999), as modificações trazidas pelo advento da rede não ocorrem isoladamente, elas desenvolvem uma reação em cadeia que influencia todos os setores tanto de uma organização quanto de toda a sociedade.

O paradigma da tecnologia da informação é baseado na flexibilidade. Não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes (CASTELLS, 1999, p.108 -109).

A popularização de conteúdos nesta nova mídia chamada internet, motiva muitos autores como Pierre Lévy, a pesquisar sobre o assunto e fazer análises a partir da divulgação de informações na rede como é o caso deste trabalho que foca no atual discurso jornalístico sobre educação através da rede. E entre os novos conceitos que surgiram neste espaço virtual e que merece destaque é o de ciberdemocracia —

compreendido por englobar dimensões, tanto políticas e sociológicas, quanto tecnológicas e educacionais.

Para Lemos e Lévy (2010), conceituar ciberdemocracia requer perpassar várias instâncias desde a história da escrita até o ciberespaço, visto, enquanto meio de convergência de mídias e infraestrutura para a inteligência coletiva, como um novo espaço público, onde se deve destacar a liberdade de expressão e a livre comunicação.

Portanto, o aprofundamento e generalização da livre diversidade de saberes, de ideias e recursos em um espaço aberto à comunicação e à cooperação, seriam a ciberdemocracia, que teria implícita a participação de todos no constituído ciberespaço.

Segundo Lemos e Lévy (2010), as comunidades/redes sociais são consideradas como a base social do ciberespaço e as chaves para a ciberdemocracia. Isso porque quando oportunamente organizadas representariam núcleos ricos em produção e compartilhamento de conhecimento, tendendo à inteligência coletiva⁶.

Esta geração do processo de aprendizagem coletiva é um dos grandes desafios deste novo modelo de sociedade que surgiu por meio da democratização da informação, como também expressa o autor Paulo Márcio Cruz, ao dizer que

A “ciberdemocracia” poderia ser experimentada e outras formas de participação e mecanismos representativos poderiam ser propostos. Atualmente é muito fácil organizar consultas rápidas à população sobre temas de interesse imediato e que requeiram um pronunciamento de relativa urgência. Plebiscitos e referendos não teriam porque serem casos excepcionais na vida social e política. Ao menos tecnologicamente já não há mais desculpas (CRUZ, online 2009, p. 13).

⁶ É um conceito surgido a partir dos debates promovidos por Pierre Lévy sobre as tecnologias da inteligência, caracterizado por um novo tipo pensamento sustentado por conexões sociais que são viáveis através da utilização das redes abertas de computação da Internet. A disseminação de conteúdos em redes sociais sobre plataformas do Facebook, é um exemplo da manifestação desse tipo de inteligência, na medida em que permite a produção e recepção desses conteúdos.

É necessário ressaltar que a democratização da informação não se limita apenas a rede em si, mas também, a um conjunto sistemático contemporâneo, que inclui mídias como o rádio e a televisão que também são geradores de opinião pública.

O menor acontecimento é filmado, retransmitido em todos os continentes, comentados por especialistas e políticos, de todas as nacionalidades, que se citam uns aos outros ou se contradizem. A opinião pública torna-se cada vez mais global (LÉVY, 2003, p. 135).

No entanto, o fenômeno da produção descentralizada de informações é mais visivelmente notado na internet através dos sites, redes sociais, blogs e outras plataformas de comunicação, que interligam grupos e informações de todo o planeta. A divulgação de informações neste ciberespaço denota uma série de fatores que preocupam estudiosos pelo fato de muitas vezes impor aos meios de comunicação de massa (rádio, TV e jornal) notícias oriundas destas plataformas. Certamente a opinião pública de modo global, não atribui um consenso planetário, ao contrário disso, como explica Lévy (2003), a opinião pública está, por definição, dividida entre os prós e os contras, os partidários e os oponentes. A sua dinâmica conflitual é que faz dela uma opinião pública viva.

Para Pierre Lévy (2003), uma das maiores esperanças da ciberdemocracia é a criação de uma lei mundial que garanta a liberdade e diminua as injustiças terrestres.

Uma das grandes mutações e uma das maiores esperanças da ciberdemocracia reside na perspectiva de uma lei, de uma justiça e de um governo planetário, capazes de regular a economia mundial, preservar o ecossistema terrestre e garantir a liberdade ao mesmo tempo que se esforça no sentido de reduzir a miséria e as injustiças (LÉVY, 2003, p. 159).

Para tanto, a internet demanda cuidados como a publicação e atualização das informações, facilidade ao acesso e uso real das possibilidades interativas, os quais devem ser levados a sério, pois ao contrário, podem contribuir de forma negativa para o processo de construção da legitimidade institucional.

Como ressalva Primo (2007) acerca da questão da interação mediada pelo computador, propondo que o estudo desta interação deve privilegiar o processo em si e

não apenas enfatizar a máquina ou somente os seres humanos. Neste contexto, o autor afirma que o ideal é a valorização dos acontecimentos entre os interagentes e da qualidade da relação que emerge da ação entre eles.

As notícias divulgadas por meio da internet surgem como uma forma democrática de comunicação, mas que merecem a devida atenção e o uso de filtros por parte dos receptores. Do mesmo modo, os disseminadores destas informações precisam estar atentos ao olhar empregado sob os fatos, tendo em vista que são formadores de opinião e causadores de transformações sociais. Nesta perspectiva, a escola possui um importante papel na formação crítica dos sujeitos que nela atuam.

A ciberdemocracia, no uso da internet, que está intimamente ligada com o objeto deste estudo, desencadeia o fenômeno da produção descentralizada de informações, interligando grupos e pessoas do mundo todo. E a maneira de recepção destas informações gera diversas conexões, afinidades e usos causando diferentes impressões.

iii.iv Internet e as relações pessoais

As novas tecnologias têm mudado o modo de viver das pessoas, o que está se tornando cada vez mais evidente na sociedade atual, através da comunicação mediada pelo computador, que ganha ênfase através da internet.

E as pessoas desde o momento em que nascem já estão sujeitas a viver em rede. Fazer parte de grupos, compartilhar pensamentos, ideias, conhecimento e sentimento, são modos de vida em sociedade, pelos quais se estabelecem interação e laços com pessoas ao seu redor, constituindo assim, uma estrutura designada rede social.

A proliferação de sites tanto de notícias, quanto de relacionamento pessoal faz vislumbrar espaços de experimentação comunicacional às pessoas que disponham da internet, as quais enxergam aí a possibilidade de produção, intercâmbio e sociabilidade. Os indivíduos que formam estas redes sociais têm o poder de manipular, da forma como

acharem conveniente as informações que serão divulgadas naquele espaço, deste modo, criam relações com os outros usuários que se identificam pelas conexões. Estas redes sociais, conforme explica Raquel Recuero (2009), são apropriações individuais do ciberespaço, vistas como um processo de construção da identidade.

O comum aos conceitos de “identidade cultural”, “identidade narrativa”, “self múltiplo”, “self dinâmico”, “self dialógico”, é o foco da construtividade, mudança e diversidade. Precisamente os aspectos que são encontrados nas páginas sociais. A página pessoal está sempre em construção, pode ser regularmente atualizada para refletir as últimas configurações do self (DÖRING, *apud* RECUERO, 2009, p. 22).

Castells (2003) lembra que a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes redimensionaram-se a partir de três processos alavancadas nas últimas décadas do século XX como infere o autor:

[...] as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica (CASTELLS, 2003, p.8).

Entendemos que os grupos ou comunidades nas redes sociais surgiram pela necessidade dos usuários em representar e expressar sua identidade e seu estilo de vida em um mundo tão globalizado como enfatiza Manuel Castells (2001), referindo-se também a esta diversidade cultural muito comum na contemporaneidade.

Vivenciamos neste último quarto de século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes (CASTELLS, 2001, p. 18).

Posicionamentos como este de Castells (2001), acerca da globalização induzida pela tecnologia, nos permite analisar a possibilidade do avanço da pesquisa em um ambiente em que milhares de pessoas estão lendo o que é publicado, de modo que,

desenvolvem um processo comunicacional mediado pela internet que pode desencadear uma série de conclusões a partir dos diferentes posicionamentos dos sujeitos em rede.

As interações não-hierarquizadas, flexíveis e interdependentes são vistas por pesquisadores como uma reconfiguração da sociedade contemporânea, o que necessita com urgência de um debate em torno das redes. Para Molina (2004), esta emergência do debate está atrelada a uma sensação de interconexão vinculada a relações cotidianas não apenas propriamente das redes, mas de um fenômeno em grande escala de difusão e proporção.

Após esta apresentação panorâmica, ligada intrinsecamente ao tema que estamos estudando, retomemos o nosso objeto de estudo, que se baseia na comunicação e educação, tendo como foco, a pesquisa que tem como referência o Portal Zero Hora, um site brasileiro, que utiliza o espaço na rede para publicar notícias. Por isso, pretendemos conhecer como ocorre a veiculação de informações a respeito da educação neste site.

Através da observação das formas de identificações dos usuários na internet, é possível perceber os atores e observar as interações e conexões entre eles. [...] Compreender como os atores constroem este espaço e que tipo de representações e percepções são colocadas é fundamental. (RECUERO, 2009, p. 28).

A comunicação estruturada na rede, desperta a atenção para a grandeza coletiva da mídia, pela multiplicidade de indivíduos e das mensagens postadas em constante circulação. Mas atrás desta grandeza coletiva, surge uma preocupação: a capacidade de discernimento que os usuários mostram em saber usar e se apropriar destes espaços em que todos os dias, informações em quantidade abundante são disponibilizadas.

Este tipo de preocupação foi apresentada em uma dada circunstância pelo escritor Umberto Eco (2012), ressaltando que o excesso de informação é prejudicial, visto que não há um processo seletivo, onde tudo é publicado e todos podem ter acesso, diferente da televisão que pode ser útil à população porque pelo menos filtra o que será exibido, mesmo que seja informação irrelevante.

Assim expressa Eco, a esse respeito,

A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. (...) A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento. Em longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes (ECO, ÉPOCA 2012)⁷

Pontos relevantes indicados por este escritor, já comprovados por meio de muitas pesquisas. Citamos a divulgada pela Revista ISTOÉ em maio de 2012⁸, a qual enfatiza que o “vício das redes sociais é uma realidade e tem impactos impossíveis de ignorar”, revelando a força que essa dependência causa aos seus usuários, na grande maioria, despreparados para utilizar esta ferramenta. A pesquisa foi realizada pela Universidade de Chicago, que acompanhou a rotina de checagem de atualizações em redes sociais de 205 pessoas por sete dias, os pesquisadores concluíram que resistir a tentações de sites de redes sociais como o Facebook e do Twitter é mais difícil do que dizer não ao álcool e ao cigarro.

A reportagem mostra os números do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas em São Paulo (IPq-HCUSP) e constata que 25% dos pacientes que buscam ajuda no programa o fazem atrás de tratamento para o vício em redes sociais.

E esta dependência às novas tecnologias, incluindo aí principalmente a internet, levou o jornalista canadense Daniel Sieberg, especializado na área, a escrever o livro "The Digital Diet" (do inglês, a “Dieta Digital”), ainda sem tradução para o português, em que propõe um programa em quatro etapas para acabar com a dependência e encontrar o equilíbrio.

A respeito da perda de controle, ao usar tecnologias, Sieberg acredita

⁷ Revista Época, Janeiro de 2012, nº 711, página 46. Editora Globo.

⁸ Revista ISTOÉ, Maio 2012, nº 2217, página 66. Editora Três.

que em parte tem a ver com a rapidez com que incorporamos certos aparelhos, como os smartphones. Um smartphone é um minicomputador que cabe no bolso e nos permite fazer qualquer coisa online a qualquer hora. Enquanto, obviamente, há benefícios maravilhosos nesse tipo de tecnologia, acho também que ela aconteceu de forma muito rápida sem que talvez tivéssemos a chance de parar e refletir sobre o impacto disso nos nossos relacionamentos e no gerenciamento do nosso tempo. (SIEBERG, *apud* UOL, 2012)⁹.

Estas palavras de Sieberg (2012), vêm ao encontro ao que Eco declarou em sua entrevista a Revista *Época*, quando salientou que informação demais faz mal e que a internet pode ser perigosa. Nesta perspectiva, ao analisarmos os interesses dos indivíduos ao utilizar os espaços da internet nos deparamos com muitos questionamentos.

Corroborando Antoun (2004), ao observar a presença de conflitos nas redes mediadas pela internet, utilizando como exemplo as organizações terroristas e movimentos reacionários e a tentativa de controle de Estado.

Segundo o autor, as comunidades virtuais seriam constituídas em uma forma básica de cooperação social, como explica o

surgimento do movimento Zapatista¹⁰ até a explosão da Batalha de Seattle¹¹, as comunidades virtuais têm se afirmado como forma típica de organização da cibercultura. Elas surgiram na internet baseadas em uma multiplicação do conhecimento produzido e apropriado como um bem comum. Fundadas na lógica em que o participante agrega a informação ou conhecimento que possui para o debate, tendo como contrapartida todas as informações e

⁹ Disponível em <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/01/17/ex-viciado-propoe-em-livro-dieta-digital-para-evitar-overdose-de-tecnologia.jhtm>>. Acesso em: 10/01/2016

¹⁰ O Movimento Zapatista inspirou-se na luta de Emiliano Zapata contra o regime autocrático de Porfirio Díaz que encadeou a Revolução Mexicana em 1910. Os zapatistas tiveram mais visibilidade para o grande público a partir de 01º de janeiro de 1994 quando se mostraram para além das montanhas de Chiapas com capuzes pretos e armas nas mãos dizendo *Ya Basta!* (Já Basta!) contra o NAFTA (acordo de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá) que foi criado na mesma data.

¹¹ As manifestações contra o encontro da OMC em Seattle, Washington, Estados Unidos, também conhecidas como Batalha de Seattle ou N-30, foram manifestações ocorridas em 30 de novembro de 1999 contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em que entre 40 e 100 mil pessoas - entre as quais ecologistas, anarquistas, trabalhadores sindicalizados, estudantes, pacifistas e humanistas — mobilizaram-se por vários dias, sem declarar terem tido auxílio de qualquer esfera partidária de representação, nas ruas de Seattle até a queda da chamada "Rodada do Milênio".

conhecimentos dos demais membros; as comunidades virtuais produziram inumeráveis serviços de comunicação onde o conhecimento que se faz através das demandas e das ofertas dos usuários se traduz em valores e confiança (ANTOUN, 2004, p. 19).

As redes sociais, por exemplo, foram criadas com uma premissa inicial que se distingue dos diversos usos atuais feitos por milhões de usuários no planeta, segundo seus interesses particulares. Tal comportamento pode ser aproximado à teoria da recepção, como destaca Baccega (1998), ao dizer que

Os receptores tornam-se coprodutores do produto cultural. São eles que o (re) vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, à abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais. A recepção, como ato cultural, desempenha importante papel na construção da realidade social (BACCEGA, 1998, p. 10).

A recepção é uma abordagem que dá enfoque ao conhecimento dos hábitos, costumes, organização dos indivíduos, de exposição aos meios e do uso que fazem da rede, assim como, seu conteúdo massivo publicado, os diferentes grupos sociais que compõem a audiência, como destacou Jacks (1999).

Passaremos a próxima temática, de nossa investigação, na tentativa de especificarmos e aprofundarmos o conteúdo que nos propomos estudar.

iii.v Internet e o processo de educação

Em seu livro, escrito em 1995, com título em inglês “The road ahead”, traduzido para o português “A estrada do futuro”, Bill Gates, já apresentava muitas previsões do que seria o futuro depois da chegada da internet. Ele tinha ciência da transformação que estaria prestes a acontecer no mundo, não apenas na conjuntura corporativa ou daqueles envolvidos diretamente com o processo, mas na vida das pessoas em geral, na forma de se comunicar, provocando debates que levariam à reflexão sobre seu verdadeiro papel.

Já no prefácio, Gates (1995), afirma que

Estamos todos iniciando outra grande viagem. Para onde, também não temos certeza, mas uma vez mais estou convencido de que essa nova revolução afetará um número ainda maior de pessoas e nos levará bem mais longe. As principais mudanças dizem respeito à maneira como as pessoas vão se comunicar entre si. Essa revolução iminente nas comunicações trará benefícios e problemas muito maiores do que a revolução da microinformática. [...] A revolução nas comunicações está só no começo. Vai durar muitas décadas e receber impulso de novas "aplicações" - novas ferramentas atendendo a necessidades por enquanto ainda imprevisíveis. Nos próximos anos, governos, empresas e indivíduos terão de tomar decisões fundamentais. Decisões que influirão na forma como a estrada da informação vai se expandir e na quantidade de benefícios a serem auferidos por todos os que participarem. É crucial que um amplo círculo de pessoas - e não apenas os técnicos ou aqueles envolvidos na indústria da informática - participe dos debates sobre como deverá ser moldada essa nova tecnologia. Se isso puder ser feito, a estrada da informação servirá aos propósitos dos usuários. Aí sim, obterá aceitação ampla e se tomará realidade (GATES, 1995, p.17).

Gates (1995) lançou seu olhar à educação, afirmando que esta nova tecnologia mudaria o acesso das pessoas à informação, facilitando a comunicação, a interação e o aprendizado, que não acontece somente diante da orientação do professor. Ele ressalta a importância das redes no processo educacional, uma tecnologia à serviço da educação.

Os grandes educadores sempre souberam que aprender não é algo que você faz apenas na sala de aula ou sob a supervisão de professores. Hoje, é por vezes difícil para quem quer satisfazer sua curiosidade ou resolver suas dúvidas encontrar a informação apropriada. A estrada dará a todos nós acesso a informações aparentemente ilimitadas, a qualquer momento e em qualquer lugar que quisermos. É uma perspectiva animadora porque colocar essa tecnologia a serviço da educação resultará em benefício para toda a sociedade (GATES, 1995, p.25).

Através de seu próprio exemplo, ele afirma que a tecnologia é uma ferramenta de humanização do ambiente escolar, tornando a aprendizagem mais agradável e ativa, sendo necessário para isso, a sua inserção na escola, e conseguinte, a mudança de perspectiva educacional, se faz necessário. Sendo assim, ele destaca que,

Há quem receie que a tecnologia irá desumanizar a educação formal. Mas quem quer que tenha visto crianças trabalhando juntas em torno de um computador, do jeito que meus amigos e eu fazíamos em 1968, ou tenha observado intercâmbios entre estudantes separados por oceanos sabe que a

tecnologia pode humanizar o ambiente educacional. As mesmas forças tecnológicas que tornarão a aprendizagem tão necessária também a farão funcional e agradável. As corporações estão se reinventando em torno das oportunidades _flexíveis proporcionadas pela tecnologia da informação; as salas de aula terão de mudar também (Gates, 1995, p.231)

Em seu livro, Bill Gates foi enfático ao dizer que a tecnologia em questão, não substituiria o professor, ao contrário, viria para somar e melhorar a forma de ensinar oferecendo novos métodos e ferramentas.

A estrada não vai substituir ou desvalorizar nenhum dos talentos educacionais humanos necessários aos desafios do futuro: professores interessados, administradores criativos, pais envolvidos e, é claro, alunos diligentes. A tecnologia será essencial, porém, no futuro papel dos professores. (GATES, 1995, p.232)

Através da tecnologia, conforme elucidou Gates (1995), os professores, estudantes e autores terão condições de armazenar seus trabalhos e produções em uma biblioteca virtual, possibilitando um compartilhamento de conhecimento inimaginável. Inclusive, oportunizando a aproximação de estudantes às melhores instituições de ensino. Sendo assim, “chegará um momento em que esse acesso ajudará a disseminar oportunidades educacionais e pessoais até mesmo entre estudantes que não tiverem a felicidade de frequentar as melhores escolas” (GATES,1995, p.233).

Gates (1995) não deixa de citar os pais como importantes mediadores também neste processo de aprendizagem proporcionado pelo computador, que por meio de programas possibilitarão aos professores avaliarem os alunos, aos quais os pais terão acesso como uma espécie de monitoramento. Além disso, os próprios filhos poderão estar apresentando aos pais esta nova tecnologia. “A estrada também tornará mais fácil a instrução em casa. Ela permitirá aos pais selecionar algumas aulas de uma gama de possibilidades de qualidade e ainda manter o controle sobre o conteúdo” (GATES, 1995, p.248).

O autor adverte que o papel dos professores será muito mais que mostrar às crianças o caminho para encontrar informações, no qual terão de se preparar para conduzir e atuar como peça principal de ligação dessa comunicação com o mundo.

Os bons professores do futuro farão muito mais do que mostrar às crianças onde encontrar informações na estrada. Elas ainda precisarão entender quando investigar, observar, estimular ou agitar. Ainda terão de desenvolver as habilidades infantis em comunicações orais e escritas, e utilizarão a tecnologia como ponto de partida ou auxílio. Os professores bem-sucedidos atuarão como treinadores, parceiros, escoadouros criativos e pontes de comunicação com o mundo (GATES, 1995, p.248).

Naquela época, Bill Gates previu que “a estrada da informação teria um efeito significativo na vida de todos nós” (GATES, 1995, p.339), porém deixou bem explícito ao sugerir que “os maiores benefícios virão da aplicação da tecnologia à educação – formal ou informal” (GATES, 1995, p.339).

iii.vi Internet no contexto da comunicação na administração escolar

A comunicação com a chegada da internet tem possibilitado não somente mudanças na área do jornalismo como, por exemplo, tornando mais ágil a divulgação de notícias, mas também oportunizando áreas como da administração escolar simplificar processos. Essa ideia é afirmada por Junior (2012) quando diz que o surgimento da internet e das novas tecnologias trouxe novas possibilidades e benefícios na forma de se comunicar, interagir e melhorar o fluxo de informação em diversificados ambientes.

Existem diversas ferramentas que não apenas auxiliam, mas servem para otimizar a gestão e as comunicações interna e externa das instituições de ensino. Os gestores em seu cotidiano enfrentam diversos problemas comunicacionais que podem ser resolvidos com a chegada dessas ferramentas, facilitando a gestão educacional. Junior (2012, p.1) considera que:

Especificamente na administração escolar, o uso de software de gestão promete aumentar a eficiência no que diz respeito aos gastos de materiais de consumo e a eficácia do processo de tomada de decisão devido à maior e

mais fácil acesso e transparência de informação para aqueles agentes que participam da gestão escolar.

Um dos pontos que vale ser ressaltado nesta alteração na forma como acontece à comunicação na administração escolar, está no uso desses novos softwares e aplicativos, que vem para atender diariamente as mais variadas necessidades. Estes aplicativos vêm para ajudar organizar e desenvolver as tarefas diárias, conforme esclarecem Rezende e Abreu (2001, p.83):

Software aplicativos ou programas de computador são conjuntos de comandos, instruções ou ordens elaboradas pelo cliente e / ou usuário para o computador cumprir visando resolver problemas e desenvolver atividades ou tarefas específicas.

Neste contexto, a comunicação interna com alunos, funcionários e professores é uma das faces na gestão escolar que pode se tornar mais assertiva e eficiente com a funcionalidade destes aplicativos e softwares. Assim como, a comunicação com pais de alunos e público externo também pode ser facilitada com os diversos app's , onde, por exemplo, o gestor escolar pode enviar o boletim do aluno diretamente para o pai. Além disso, compartilhar, simultaneamente, as provas ou matérias detalhando seu aproveitamento.

Corroborando Lück (2000) quando infere que esta é uma nova fase educacional que vem para modificar a relação entre sociedade e escola, o que tem exigido um esforço dos gestores escolares na organização da escola e na sua administração como um todo. Para o autor o atual panorama educacional é marcado “por uma mudança de paradigma adotando concepções e práticas interativas e participativas, estabelecendo alianças, redes e parcerias, na busca de soluções de problemas” (p.11).

Entretanto, há muitos desafios a serem vencidos na área educacional, que começam pelo fazer educativo e perpassam por profissionais qualificados e uma gestão escolar adequada, conforme sugere Soares (2011, p.07), quando diz: “uma educação que faça sentido para os jovens, que os envolva no fazer educativo, que reúna profissionais

qualificados e que faça da escola parte de um sistema de aprendizado em tempo integral (...).”.

Filho (2008) avalia que a comunicação na administração escolar, por exemplo, pode ser melhorada através da internet e das tecnologias que surgem com ela, no entanto é necessária a definição de papéis e formas de desenvolvimento das ações, para preliminar a melhor forma de utilização, garantindo o sucesso da gestão escolar.

Procuramos com este subcapítulo inserir o assunto em questão, mostrando sua importância na administração escolar, não nos prendendo a dar um enfoque maior, mas deixando como sugestão de empreendimento a futuras de pesquisas.

Delineado os conteúdos correlacionados internet e educação, passaremos ao quarto capítulo desta dissertação, abordando o estudo de caso.

CAPÍTULO IV – ESTUDO DE CASO

iv.i Enquadramentos: entendendo a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso

Lançar um olhar diferenciado aos fenômenos que acontecem na sociedade faz parte do papel dos pesquisadores, todavia para isso se faz necessário à utilização de mecanismos. Dentre estes mecanismos, podemos citar a análise de conteúdo e a análise do discurso, dois campos do conhecimento que buscamos referências e embasamento teórico em autores como Laurence Bardin, Eni Orlandi e Jorge Pedro Sousa. Além de pesquisar coletâneas que abordam a análise de conteúdo, as quais integram os livros: *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, organizado por Jorge Duarte e Antonio Barros, com a contribuição do autor Wilson Corrêa da Fonseca Júnior; e da obra *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, organizado por Márcia Benetti e Claudia Lago, com capítulo escrito por Heloíza Herscovitz.

Em seu livro, *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e das Mídias*, Sousa (2006), contextualiza com muita propriedade sobre estas duas metodologias tão usuais nas pesquisas em comunicação.

Com uma análise do discurso procura-se desvelar, como o seu próprio nome indica, a substância de um discurso entre o mar de palavras que normalmente um enunciado possui e fazer inferências entre essa substância e o contexto em que o discurso foi produzido. Quando a análise do discurso é quantitativa, pode ser denominada análise de conteúdo. Quando é qualitativa, usualmente denomina-se análise do discurso (SOUSA, 2006, p. 660).

A aplicação de uma ou outra análise, ou de ambas, vai depender obviamente “(...) dos objetivos da pesquisa, das hipóteses e das perguntas de investigação formuladas e da metodologia traçada para responder a essas hipóteses e perguntas” (SOUSA, 2006, p.662).

iv.i.i Análise de conteúdo

Apesar da obra de Bardin, do título original em francês “*L’analyse de contenu*”, traduzido no Brasil como: “Análise de Conteúdo”, ser datada do ano de 1977, ainda ocupa posição de referência na literatura, quando falamos de análise de conteúdo. A autora é a mais citada no Brasil em pesquisas, que adotam a análise de conteúdo como técnica de análise de dados.

Em seu livro ela faz um resgate da história da análise de conteúdo ao

descrever a história da ‘análise de conteúdo’ é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 1979, p.13).

No entanto, antes de analisar as técnicas modernas do século XX, ditas operacionais pelas ciências humanas, Laurence Bardin ressalta que os textos já eram estudados por outras metodologias, como a hermenêutica¹², retórica¹³ e a lógica¹⁴, as quais antecederam a análise do discurso.

O percurso histórico da análise de conteúdo tem início nos Estados Unidos no século XX, quando a técnica foi aplicada essencialmente como metodologia para análise de materiais jornalísticos. A Escola de Jornalismo da Columbia, dá o pontapé inicial e multiplicam-se os estudos qualitativos de jornais. Mas “o primeiro nome que de facto ilustra a história da análise de conteúdo é o de H. Lasswel: que fez análises de imprensas e de propagandas, desde 1915 aproximadamente” (BARDIN, 1979, p. 15).

¹² “arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos” (Bardin, 1979, p.14).

¹³ “estudava as modalidades de expressão mais propícias, à declamação persuasiva” (Bardin, 1997, p.14).

¹⁴ “tentava determinar, pela análise dos enunciados de um discurso e de seu encadeamento, as regras formais do raciocínio certo” (Bardin, 1979, p.14).

Naquela época, a autora já se referia ao surgimento dos computadores, “cérebro eletrônico” (BARDIN, 1979, p.22), como um dos três fenômenos que afetavam a investigação e a prática da análise de conteúdo. Ela considerou que apesar das possibilidades oferecidas pelos computadores, a análise transpõe a informática no sentido de inovação metodológica, pelo rigor imposto: “o computador, vem oferecer novas possibilidades, mas a realização de um programa de análise exige uma fase de rigor em todas as fases do procedimento” (BARDIN, 1979, p.22).

A análise de conteúdo possui duas funções que podem coexistir de maneira complementar, sendo:

a) uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”. b) uma função de administração da prova: Hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias servindo de directrizes apelarão, para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para servir de prova (BARDIN, 1979, p.30).

Bardin (1979) resume o funcionamento, terreno e o objetivo da análise de conteúdo, dizendo que:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p.42).

Tendo em vista a organização da análise de conteúdo, Laurence Bardin propõe a divisão em três polos cronológicos, são eles: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Minayo (2001), explica estes polos da seguinte maneira:

Na primeira fase, em geral, organizamos o material a ser analisado. Nesse momento, de acordo com os objetivos e questões de estudo, definimos, principalmente, unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. Para isso, faz-se necessário que façamos uma leitura do material no sentido de tomarmos contato com sua estrutura, descobriremos orientações para a análise e registrarmos impressões sobre a mensagem. Na segunda fase, o momento é de aplicarmos o que foi definido

na fase anterior. E a fase mais longa. Pode haver necessidade de fazermos várias leituras de um mesmo material. A terceira fase, em geral, ocorre a partir de princípios de um tratamento quantitativo. Entretanto, como estamos apresentando procedimentos de análise qualitativa, nessa fase devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações estatísticas, nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando (MINAYO, 2001, p.76).

Apesar destas três fases descritas, conforme a análise de conteúdo “(...) vai depender especificamente do tipo de investigação a ser realizada, do problema de pesquisa que ela envolve e do corpo teórico adotado pelo pesquisador, bem como do tipo de comunicações a ser analisado” (CAPPELLE, 2003, p.6).

Cappelle (2003) pondera que a análise de conteúdo tem sua evolução marcada por períodos de aceitação e negação, desde quando surgiu, até a atualidade. Desperta ainda nos dias atuais, contradições e questionamentos. Mas que é uma técnica de investigação que proporciona aprendizado sobre as relações sociais em certos espaços, de forma adequada ao problema de pesquisa adequado.

Para Sousa (2006), apesar da análise de conteúdo ter surgido para analisar as matérias de jornais, a metodologia pode ser aplicada a todas as áreas da comunicação. Para ele, “a análise de conteúdo permite destacar questões associadas às relações de gênero, às representações da violência, às representações de minorias e de pessoas portadoras de deficiência, etc.” (SOUSA, 2006, p.666).

Minayo (2001) salienta com muita propriedade que “o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarada de forma provisória e aproximativa” (MINAYO, 2001, p.79).

Nesse ínterim, buscamos contribuições de outros autores como Severino (2007, p. 121) que entende a análise de conteúdo como sendo “uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento”, se tratando, no entanto, de técnicas de análise das comunicações. Ele defende que:

Envolve, portanto, a análise de conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais.

Dos resultados da categorização, por exemplo, Severino sugere que podem ser apresentados na pesquisa no formato de gráficos, tabelas ou quadros, com a finalidade de facilitar a visualização dos dados. Ele ressalta que embora não seja imprescindível, esta organização dos resultados encontrados na fase de categorização, vem a contribuir para aperfeiçoar as próximas etapas do estudo, como os processos de inferência e de interpretação da análise dos dados.

Pelo mesmo viés, Wilson Correa Fonseca Junior (2009) entende que a formação do campo comunicacional, não pode ser compreendida sem se fazer referência à análise de conteúdo, por demonstrar adaptação aos desafios de pesquisas que emergem tanto do campo da comunicação, quanto de outras áreas do conhecimento.

Desde sua presença nos primeiros trabalhos da *communication research* às recentes pesquisas sobre novas tecnologias, passando pelos estudos culturais e de recepção, esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento (JUNIOR, 2009, p. 280).

Em seu texto “Análise de Conteúdo”, no livro organizado por Jorge Duarte, Fonseca Júnior (2009, p.280) conceitua a análise de conteúdo, como sendo “um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. Ele cita na sequência, uma definição do teórico Bernard Berelson, que designa a Análise de Conteúdo como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (...)” (p.281).

Junior (2009, p.283) pondera que a “análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo (conforme os inventários de jornais do

princípio do século), antes se tomando consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a inferência”, sendo ela baseada ou não, em indicadores quantitativos.

Conforme podemos confirmar através dos estudos desenvolvidos, a capacidade de adaptação da metodologia foi muito bem explorada pelos diversos campos do saber, entre eles o jornalismo. Sobre a definição do objeto de pesquisa, Junior (2009, p.293) emprega a seguinte definição, dentro da análise de conteúdo:

As decisões sobre a constituição do corpus também condicionam a ênfase a ser dada na pesquisa (análise quantitativa ou qualitativa). Se a quantidade de material a ser analisado for muito grande, isso exigirá a adoção de procedimentos de estatística para se obter uma visão de conjunto, devendo-se optar pela análise quantitativa. Neste caso, ganha-se em abrangência, mas perde-se em profundidade. Se o objetivo for aprofundar o conteúdo, torna-se impossível o processamento de uma grande quantidade de dados, devendo ser realizada uma análise qualitativa.

Por entendermos a análise de conteúdo como uma técnica híbrida, a qual liga a formalidade estatística e a análise qualitativa, a consideramos uma das metodologias ideais a serem aplicadas na busca da realização desta pesquisa. Com isso, Goldenberg (2009, p. 63) completa o sentido de que “a premissa básica da integração repousa na ideia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance de outro”.

Conforme Herscovitz (2007) o método permite através de operações quanti e qualitativas complementares, gerar inferências mais profundas e complexas. A autora também reconhece que a análise de conteúdo, como um método de grande utilidade nos ramos das ciências sociais empíricas, especialmente na pesquisa jornalística.

Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (p. 123).

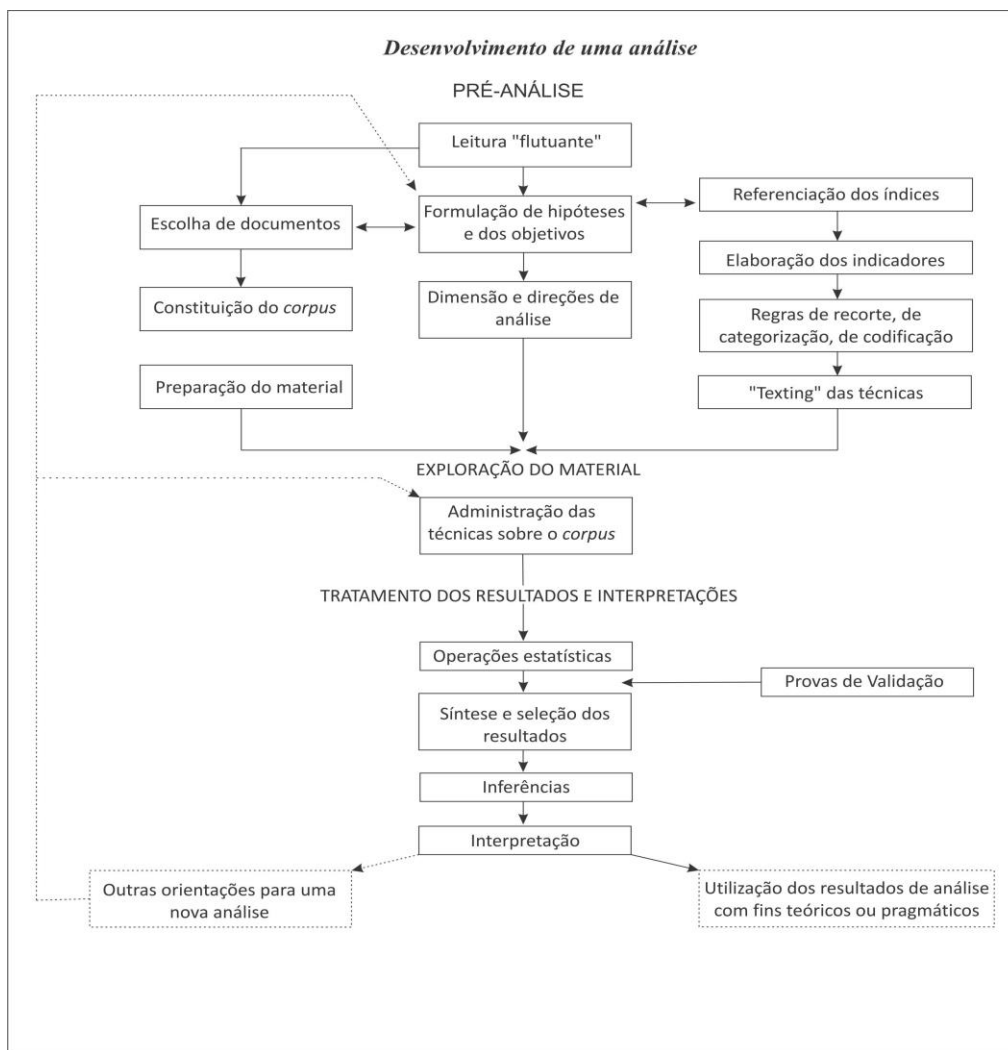
Por se tratar de um modelo que reúne os dois tipos de elementos (qualitativos e quantitativos), e por esta hibridização, a análise de conteúdo se torna mais forte, como explica Herscovitz (2007), lembrando que não existe um método de pesquisa perfeito. No entanto, se for bem conduzido e construído, o método levará o pesquisador a responder as perguntas e hipóteses construídas.

Para a Herscovitz (2007, p.126) “a necessidade de integração dos campos quantitativo e qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto”. Ainda, ela salienta que:

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo promovendo uma integração entre as duas visões de forma que o conteúdo manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (p.126)

O rigor do método, na busca da precisão e na objetividade, é uma aposta da análise de conteúdo, a qual acreditando que através de dados quantitativos, se poderá alcançar resultados validáveis e confiáveis. Dessa forma, a análise de conteúdo elimina a subjetividade como fator relevante na conjuntura do desenvolvimento de pesquisas, conforme observa Rocha (2005, p 309), “(...) residindo nesse processo de descoberta à desconfiança em relação aos planos subjetivo e ideológico, considerados elementos de deturpação da técnica”.

Figura 1: Desenvolvimento de uma análise.



Fonte: Bardin, 1979, p. 102.

iv.i.ii Análise de discurso

Depois de perpassar a história, sua definição, fundamentar e contextualizar a análise de conteúdo, além de sua organização e técnicas, aborda-se a análise do discurso, em todos estes aspectos para que posteriormente, seja possível usar tais metodologias para alcançar o objetivo deste trabalho.

A análise do discurso avalia que a linguagem não é clara e, no entanto, procura entender um texto com suas características e significados como pondera Mendes e Silva (2005), que expressam:

A Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente e procura detectar, então, num texto, como ele significa. Ela o vê como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história. Por meio da linguagem, o homem transforma a realidade em que vive e a si mesmo. O homem constrói a existência humana, ou seja, confere-lhe sentido. E é essa capacidade do homem de atribuir, incessantemente, sentidos que promove seu constante devir, e o das coisas, que interessa à Análise do Discurso (MENDES E SILVA 2005, p.16).

Para Orlandi (2003), a língua não é vista como um sistema abstrato e formal, muito menos o sujeito como a fonte dos sentidos, os quais acredita que são produzidos em um lugar anterior e externos ao sujeito. Ainda, a análise do discurso trabalha “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.” (ORLANDI, 2003, p. 16). Assim, a autora acredita que o discurso é “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2003p. 17).

Neste contexto Mendes e Silva (2005), observam que:

A Análise do Discurso leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade (MENDES E SILVA, 2005, p.16).

Situando o método na história, conforme Orlandi (2003), a análise do discurso surgiu no século XX, pontualmente nos anos 60, tendo o discurso como seu próprio objeto e seu principal interesse. Faz alusão aos estudos de materiais linguísticos realizados por M. Bréal, no século XIX, sem considerar os estudos retóricos da antiguidade. No século XX, anos 20 e 30, enfatiza os estudos dos formalistas russos, ainda que o interesse sobressaia-se aos textos literários, prenunciavam uma análise diferente a da análise de conteúdo, buscavam uma lógica interna do texto.

O estruturalista americano de Z. Harris que nos anos 50, já pesquisava o texto, com seu método distribucional, o qual “consegue livrar a análise do texto do viés conteudista, mas para fazê-lo, reduz o texto a uma frase longa.” (ORLANDI 2003, p.18). Com isso, caracteriza sua prática teórica ao isomorfismo¹⁵, perdendo o que tem de específico. Seguindo neste contexto, a obra de Harris torna-se limitada à Análise do Discurso, não sendo capaz de levar à reflexão sobre sua significação e suas considerações.

Ainda, há o estruturalismo europeu de M. A. K. Halliday, referenciado por Orlandi (2003), como aquele que trata o texto como uma unidade semântica, invertendo a perspectiva linguística.

A análise do discurso se constituiu nos anos 60, na relação de três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Assim sendo, a análise do discurso torna-se herdeira destas áreas do conhecimento.

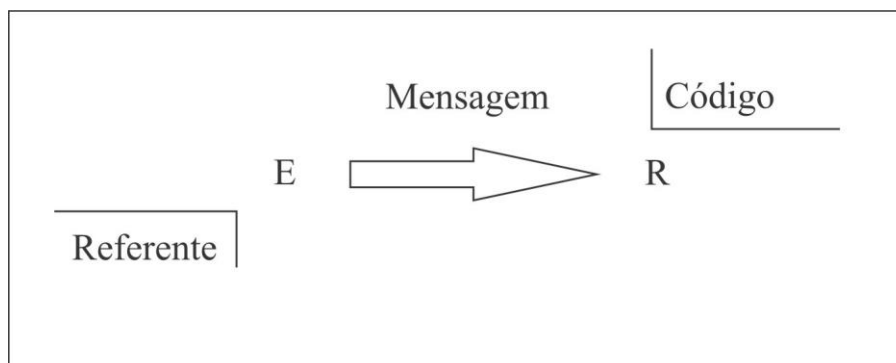
A análise de discurso parte das seguintes premissas segundo Orlandi (2003),

- a) a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); b) a história tem seu real afetado pelo simbólico (dos fatos reclamam sentido); c) o sujeito da linguagem é descentrado pois [...] funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI 2003, p. 19-20).

O modo em que a teoria da comunicação define a mensagem através do esquema, baseado em cinco elementos: emissor, receptor, mensagem, referente e código, acabam por distanciar-se da noção de discurso, ao analisar as premissas acima “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. [...] Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2003, p. 21).

¹⁵ Significa à tendência à homogeneidade de unidades organizacionais que enfrentam o mesmo conjunto de condições e incertezas ambientais.

Figura 2: Esquema dos elementos.



Fonte: Orlandi, 2003, p. 21.

Nas ciências sociais e humanas, em especial, nas Ciências da Comunicação, o método da análise de discurso é um dos mais usados e nas mesmas condições que para outros trabalhos e pesquisas de reflexão, conforme explica Sousa (2006), ao dizer que,

o investigador necessita de **tempo**. Uma análise do discurso profunda, minuciosa e rigorosa exige bastante tempo. A pressão do tempo obriga o analista a saber responder à tensão com uma boa dose de **paciência**. As análises do discurso não são, portanto, opção a considerar para pessoas impacientes e sem tempo. Para além de paciente, o investigador deve ser **minucioso** e **rigoroso**. As análises do discurso exigem uma atenção inusitada ao pormenor e demandam rigor na recolha, classificação e processamento dos dados, sejam estes quantitativos ou qualitativos (SOUZA, 2006, p.661). [grifo do autor].

Ainda que o método da análise do discurso tenha como foco o objeto delimitado pelas hipóteses e perguntas de investigação, para que a interpretação dos resultados obtenha êxito, faz-se preciso ele estar inserido na totalidade do fenômeno a ser estudado e na conjuntura em que ele acontece. Sousa (2006), explica que pelo viés específico da análise do discurso jornalístico, é imprescindível que alguns elementos sejam levados em consideração:

1. **Órgão de comunicação que vai ser analisado** (modelo de jornalismo em que se insere; tipo de jornalismo que pratica; tipo de envolvimento dos cidadãos com o órgão de comunicação; tiragem/audiência; segmento de mercado a que se dirige; periodicidade; propriedade; linha editorial; rede de captura de acontecimentos tecida pelo órgão de comunicação social; constrangimentos gerais da organização jornalística em causa – financeiros, humanos, materiais, de valores e política editorial, de estrutura organizacional, etc.); 2. **Contexto do fenômeno a estudar** (contexto social, político, econômico e social do país ou países onde decorreu o fenômeno a

estudar; contexto directo do fenómeno - intervenientes, interessados, espectadores, afectados, forças que moldaram o fenómeno, consequências possíveis, etc.); 3. **Conhecimento científico anterior** (dados da teoria do jornalismo, da semiótica e linguística, etc.) (SOUSA, 2006, p. 661-662) [grifo do autor].

Neste sentido, continua Sousa (2006), ao afirmar que a “opção pela quantificação ou pela análise qualitativa, ou pela conjugação das duas, depende sempre dos objetivos da pesquisa, das hipóteses e das perguntas de investigação formuladas e da metodologia” (SOUSA, 2006, p.661). Entretanto, ainda segundo ele, a análise do discurso pode ser realizada “isoladamente” ou em consonância “com outros métodos” (SOUSA, 2006, p.664).

O autor considera que a análise do discurso tem dois procedimentos essenciais: “a **identificação dos pontos substantivos de um discurso** e a sua **classificação de acordo com categorias**, criadas *a priori* ou, eventualmente, no decorrer da própria análise do discurso (*a posteriori*).” (SOUSA, 2006, p.664). [grifo do autor].

Sousa (2006) reconhece que estes não são os únicos procedimentos da análise do discurso, sobretudo ao usar os métodos quantitativos, e baseia-se na listagem de Wimmer e Dominick (1996). Tal listagem consta de nove procedimentos, são eles: 1. Formulação das hipóteses e/ou perguntas de investigação; 2. Definição do universo de análise; 3. Selecção da amostra; 4. Selecção da unidade de análise; 5. Definição das categorias de análise; 6. Estabelecimento de um sistema de quantificação; 7. Categorização ou codificação do conteúdo; 8. Análise de dados; 9. Interpretação de resultados.

Com base nestas reflexões sobre análise de conteúdo e análise de discurso, especialmente, nas empregadas por Sousa (2006), este trabalho de pesquisa levando em conta os objetivos, as hipóteses e as perguntas de investigação, conjuga as duas metodologias para efetivar os resultados pretendidos e responder essas hipóteses e perguntas.

iv.ii Teoria de Knowledge Gap

A Teoria do Knowledge Gap, conhecida também como Intervalo de Conhecimento, Teoria das Diferenças de Conhecimento, do Diferencial de Conhecimento ou ainda do Distanciamento Social, efeito equacionado por Tichenor, Donohue e Olien em 1970, “levanta a hipótese de que entre os principais efeitos da comunicação social em longo prazo se inscreve a capacidade de diferenciar “classes” sociais em função do conhecimento” Sousa (2006), que explica:

As pessoas educacionalmente mais favorecidas reúnem potencialmente condições para absorver mais informação e para melhor integrar essa informação nas suas estruturas cognitivas. Se essas pessoas tiverem capacidade econômica para um acesso regular a nova informação, então o seu nível de conhecimento, a longo prazo, tende a afastar-se do nível de conhecimento das "classes" educacional e economicamente menos favorecidas. Ora, quanto mais conhecimento as pessoas mais favorecidas obtêm, mais informação conseguem, igualmente, integrar nas suas estruturas cognitivas, pelo que se entra num círculo vicioso. A função informativa, formativa e educacional dos meios de comunicação beneficia assim, essencialmente, as pessoas educacional e economicamente mais favorecidas (SOUSA, 2006, p. 264).

Nesta linha, confirma Araújo (2008) quando diz que a manifestação pública de opinião pode ser influenciada pela limitação temática dos meios de comunicação, a competência específica para abordar o tema, ou ainda, a maior ou menor disposição para que uma pessoa venha a se manifestar em público “dependerá de seu maior ou menor conhecimento do tema” (p.133). A autora pondera que esse conhecimento está ligado à politização, ou seja, perpassa meios cognitivos, avaliativos e afetivos.

O medo do isolamento será maior quanto menor for a confiança do indivíduo na sua argumentação, que, por sua vez, é dependente de um conjunto de elementos constitutivos do grau de politização. Essa competência específica de cada um se traduz em um nível macrossociológico, em intervalos de conhecimentos e de absorção da informação entre grupos de indivíduos bem preparados e mal preparados. Esse intervalo é o ponto central do Knowledge Gap (ARAÚJO, 2008, p.133).

Araújo (2008) considera os indivíduos com maior capital cultural, os quais tem um nível socioeconômico mais alto, absorvem melhor a informação, em relação aos indivíduos com instrução menor. Conforme Sousa (2006) a Teoria do Knowledge Gap

enfoca que os meios de comunicação, proporcionam “efeitos em longo prazo, ao nível da distribuição e modelação social de conhecimentos” (p.133). Quanto maior o fluxo de informação que o indivíduo recebe, maior o seu grau de conhecimento.

Desse modo, ocorre o distanciamento social entre os indivíduos, que ao invés de diminuir, só aumenta, sendo neste caso, os meios de comunicação de massa, um instrumento que potencializa as desigualdades culturais. Seguindo a linha de raciocínio de Araújo (2008) o intervalo de conhecimento se acentua conforme a recepção se desenvolve, ocasionalmente, o maior fluxo de informações corrobora para o intervalo.

A complexidade é um dos elementos que incide sobre o intervalo, uma vez que quanto mais complexo o tema, há um aumento da probabilidade de intervalo se acentuar. A funcionalidade é outro fator ligado ao interesse do receptor pelo tema, pois sendo a informação indispensável para o receptor, ela tende a buscar mais informações para compreender melhor sobre o assunto.

Sousa (2006) pontua duas questões que devem ser analisadas para entender o efeito das diferenças do conhecimento, citadas por Ettema e Kline (1977), sendo a motivação na busca da informação a primeira delas; e a segunda, são os limites resultado da mensagem, da audiência e do conhecimento em si. Ele pondera que os autores “colocaram em dúvida se há uma relação directa entre o estatuto sócio-económico e educativo e a aquisição de conhecimentos” (p.265), no entanto, a diferenciação do conhecimento está para quê e como será usado, efeito notado entre indivíduos com maior nível educativo e econômico.

Em seus estudos sobre a teoria, Sousa (2006, p.265) cita autores como: Genova e Greenberg (1979), os quais “sustentaram, também, que a manutenção de uma notícia durante um longo período de tempo tende a reduzir o hiato de conhecimento, embora esse fenômeno esteja dependente do assunto em causa”; e ainda Lovrich e Pierce (1984), que relativo às motivações “descobriram que as situações concretas despertam as pessoas para adquirir maior conhecimento político do que a situação em geral”.

Araújo (2008) infere que as notícias de cunho internacional são as que mais apresentam maior knowledge gap, pelo fato de exigirem mais referenciais.

Todos esses fatores influenciam os desníveis de conhecimento num determinado universo social e são decisivos para a construção de uma opinião dominante. Dessa forma, a competência específica do receptor também influencia a "espiral do silêncio". As diferenças de capacidade de absorção informativa pelo receptor passam pela vida escolar e pelo aprendizado (Araújo, 2008, p. 134)

A contemporaneidade dos novos meios tem fomentado investigações no campo da Teoria Knowledge Gap, como é o caso deste trabalho que estudou o grande número de informações veiculadas, em especial sobre educação, através do Portal na internet.

iv.iii Teoria do Agenda-Setting

Criada na década de 1970, pela dupla de pesquisadores norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw, a Teoria do Agenda-Setting ou do Agendamento, surgiu a partir de um estudo com o propósito de investigar a capacidade de agendamento dos *media*¹⁶ na campanha presidencial de 1968 nos Estados Unidos. Além disso, buscava confrontar as questões chaves da campanha afirmadas pelos eleitores de *Chapel Hill* com o conteúdo expresso pelos *medias* (McCOMBS e SHAW, 1972 In: TRAQUINA, 2000, p. 49).

De acordo com Colling (2001, p. 89) “As hipóteses do agenda-setting fazem parte dos estudos norte-americanos em comunicação, pertencentes ao paradigma funcionalista, que reúne pesquisas preocupadas em analisar e detectar as funções dos meios e os efeitos causados sobre a audiência”.

¹⁶ São os meios de comunicação, onde a origem do uso da palavra mídia está nas pesquisas norte-americanas sobre mass media, herdeiras (em sentido cronológico) dos estudos sobre voto, comportamento eleitoral, propaganda e opinião pública nos períodos pré e pós-guerras, entre os anos 1920 e os 1940, nos Estados Unidos (WOLF, 2003).

A Teoria do Agenda-Setting está inserida dentro do contexto dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, e sua interferência na formação da opinião pública, e seu surgimento significou o rompimento com o paradigma funcionalista, de acordo com Sousa (2006):

O aparecimento da Teoria do *Agenda-Setting* representa uma ruptura com o paradigma funcionalista sobre os efeitos dos meios de comunicação. Até então, e sobretudo nos EUA, prevalecia a ideia de que a comunicação social não operava directamente sobre a sociedade e as pessoas, já que a influência pessoal (por exemplo, a influência dos líderes de opinião) relativizaria, limitaria e mediatizaria esses efeitos. A Teoria do *Agenda-Setting* mostra, pelo contrário, que existem efeitos cognitivos directos, pelo menos quando determinados assuntos são abordados e quando estão reunidas certas circunstâncias (p.258).

Os assuntos pautados pela mídia defende a Teoria do Agenda-Setting, são aqueles que o público denota maior importância, ou seja, a mídia é quem determina os assuntos que serão tratados entre as conversas dos consumidores de notícias: “as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media*¹⁷ incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (Shaw, apud Felipe Pena, 2005, p. 144).

A teoria entende que a mídia passa a ser o principal elo de ligação entre as coisas que acontecem no mundo e a imagem que as pessoas fazem deles em seus imaginários, formando a opinião pública.

A influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas (Mauro Wolf, apud Felipe Pena, 2005, p. 145).

Neste contexto, Hohlfeldt (2005) infere que “a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social” (p.191). No

¹⁷ Gomes (2003), ao tratar das transformações da política e do papel dos meios de comunicação neste processo, afirma criticamente que “a expressão mass media se monta [...] a partir de uma concepção que não vê nessas formas da indústria da cultura e da informação outra coisa a não ser os dispositivos de emissão e a capacidade de difundir conteúdos e mensagens para audiências massivas” (p. 5).

entanto, o objetivo da Teoria de Agenda-Setting vai mais além do que simplesmente analisar a influência da mídia na mudança de opiniões dos usuários, conforme ressalta Pena (2005):

Não é analisar o papel da mídia na mudança de opiniões, mas sim a sua influência na formação e mudança de cognições, ou seja, na forma como as pessoas apreendem (e aprendem) as informações e formam seu conhecimento sobre o mundo (PENA, 2005, p. 144).

Esses eventos incluídos na agenda pública pelo destaque e engrandecimento que a notícia emprega ao acontecimento, constrói assim, o que chamamos de pseudoambiente, construído pela mídia através do enquadramento ou framing, segundo Maxwell McCombs.

As notícias diárias nos alertam sobre os mais recentes eventos e mudanças em um ambiente maior além de nossa experiência imediata. Porém jornais e noticiários de televisão, até mesmo as páginas de um tabloide editado rigorosamente ou um site da internet, fazem muito mais do que assimilar a existência de grandes acontecimentos e questões (MCCOMBS, 2004, p. 1).

Paulin (2011) considera o enquadramento uma ferramenta fundamental na construção de imagens e personagens através da imprensa.

O enquadramento apresenta-se como uma ferramenta essencial na construção de imagens e personagens através da imprensa. É a partir da *moldura* do jornalista que se constrói uma história que o público absorverá e construirá para si a imagem dos personagens citados. Os diferentes focos apresentados e publicados nunca são completos e nem conseguem englobar todos os aspectos de uma pessoa; porém, não deve ser encarado como um procedimento negativo ou positivo, mas sim, como parcial e específico, tendo diferentes funções, de acordo com o contexto do universo apresentado pela reportagem (PAULIN, 2011, p.89).

A repetição e o destaque ou saliência, em que a matéria apresenta as informações, transformam a ênfase dos meios de comunicação de massa em alternativas importantes para as audiências, conforme sustenta McCombs: “a calibração de tempo envolvido na questão da transferência de saliência de agenda dos meios de comunicação para a agenda do público em geral dura o intervalo de quatro a oito semanas” (2004, p.44).

Sobre os estudos da agenda-setting, há alguns conceitos básicos sugeridos por Hohlfeldt, que determinam os seus efeitos. São eles:

- **Acumulação:** capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários; - **Consonância:** apesar de suas diferenças e especificidades, os 'mídias' possuem traços em comum e semelhanças na maneira pela qual atuam na transformação do relato de um acontecimento que se torna notícia; - **Onipresença:** um acontecimento que, transformado em notícia, ultrapassa os espaços tradicionalmente ocupados a ele. O acontecimento de polícia pode ser abordado em outras editoriais dos meios de comunicação; - **Relevância:** quando um determinado acontecimento é noticiado por todos os diferentes 'mídias', independente do enfoque que lhe seja atribuído; - **Frame Temporal:** o período de levantamento de dados das duas ou mais agendas (isto é, a agenda da mídia e a agenda pública, por exemplo); - **Time-lag:** é o intervalo decorrente entre o período de levantamento da agenda da mídia e a agenda do público, ou seja, como se pressupõe a existência e um efeito da mídia sobre o público; - **Centralidade:** capacidade que os 'mídias' têm de colocar como algo importante determinado assunto; - **Tematização:** está implicitamente ligado à centralidade, pois é a capacidade de dar o destaque necessário (sua formulação, a maneira pela qual o assunto é exposto), de modo a chamar a atenção. Um dos desdobramentos deste item é a suíte de uma matéria, ou seja, múltiplos enfoques que a informação vai recebendo para manter presa a atenção do receptor; - **Saliência:** valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado; - **Focalização:** é a maneira pela qual a mídia aborda determinado assunto, utilizando uma determinada linguagem, recursos de editoração. [grifo nosso] (Hohlfeldt In França, 2012, p.7-8)

Araújo (2008) destaca os tipos de agendas, denominada Tipologia de Acapulco, que se originou de uma nova pesquisa coordenada por McCombs, em 1972, realizada na cidade de Charlotte, nos EUA. A partir desta pesquisa, foi possível identificar uma tipologia de estudos sobre a agenda-setting elaborada por McCombs, são elas:

I) **Individual ou intrapessoal** (*individual issue salience*) – corresponde ao repertório de preocupações sobre questões públicas que se interioriza em cada indivíduo. H) **Interpessoal manifestada** (*perceived issue salience*) - são os temas mencionados nas diferentes comunicações interpessoais, que são percebidos pelos sujeitos e discutidos em suas relações. IH) **Agenda na mídia** - os estudos da *agenda-setting* fazem alusão a ela. É o menu temático selecionado pelos meios de difusão coletiva. IV) **Agenda pública** - é a agenda que deu origem à hipótese de McCombs. Ela é um conjunto de temas que a sociedade como um todo considera como relevantes e, por isso, dá-lhes atenção. V) **Agenda institucional** - compreende as prioridades temáticas apresentadas nas instituições [grifo do autor] (ARAÚJO, 2008, p. 123).

Para Sousa (2006), vários são os fatores que podem contribuir para o sucesso do agendamento, porém destaca os seguintes:

1. Acumulação - Um tema abordado pelos *media* tem, provavelmente, mais hipóteses de passar para a agenda pública quanto mais as pessoas forem expostas, sucessivamente, às mesmas mensagens; **2. Consonância** - Um tema passará mais facilmente para a agenda pública, com um determinado enquadramento, se as mensagens transmitidas pelos diferentes *media* forem semelhantes [grifo do autor] (p. 259).

A Teoria do Agenda-Setting é um campo que ainda desperta muitas dúvidas e críticas, entre elas a sua própria definição enquanto hipótese ou teoria é um ponto que causa discussão entre os pesquisadores. Falta de padronização e critérios metodológicos que é criticada por Barros Filho (2001) “[...] observamos que essa falta de rigor costuma começar pela própria noção de agendamento” (p. 180). Diferenciação explicada por Hohlfeldt:

[...] teoria é um paradigma fechado, um modo 'acabado', e neste sentido infenso a complementações ou conjugações, pela qual 'traduzimos' uma determinada realidade segundo um certo 'modelo'. Uma hipótese, ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, infenso ao conceito de 'erro' característico de uma teoria. [...] uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que, se eventualmente não “der certo” naquela situação específica, não invalida necessariamente a perspectiva teórica (HOHLFELDT, 1997, p.43).

Sousa (2006) salienta que uma das críticas mais bem fundamentadas da Teoria do Agenda-Setting conforme seu ponto de vista levando em conta os estudos já realizados no campo.

Uma das críticas mais bem fundamentadas à teoria do *agenda-setting* é expressa por Neuman, Just e Crigler (1992), para quem existe uma relevante dissonância entre a agenda mediática e a agenda pública, uma vez que a primeira raramente agenda temas importantes para a vida das pessoas. Pelo contrário, os meios centrariam a sua atenção sobre as peculiaridades do dia a dia, especialmente sobre actividades públicas (como a notícia de um prémio de investigação sobre a Sida ou a votação na Assembleia da República de uma nova lei), enquanto as pessoas estão, de facto, interessadas nos grandes temas, como a guerra e a paz, ou a eventual falência do "estado social", ou, então, estão interessadas nos temas que lhes interessam directamente, como formas práticas de obter maior longevidade, saúde, prazer e segurança (por exemplo, como evitar doenças sexualmente transmissíveis ou como tomar vitaminas para se obter mais saúde e maior longevidade) (SOUSA 2006,p.259-260).

No entanto, a Teoria do Agenda-Setting não expõe a mídia na posição de vilã, mas sim que cada uma, por apresentar especificidades, desenvolve um tipo diferenciado de influência. Graças ao envolvimento da mídia, e seu posterior agendamento, ocorre a integração e a interação de diferentes áreas, as pessoas aumentam o conjunto de suas relações sociais, influenciam e criam conceitos, realizam trocas de informações e opiniões, tornando mais dinâmico o processo comunicacional. Hohlfeldt (2005) conclui que

Conclui-se, assim, que a influência do agendamento por parte da mídia depende, efetivamente, do grau de exposição a que o receptor esteja exposto, mas, mais que isso, do tipo de mídia, do grau de relevância e interesse que este receptor venha a emprestar ao tema, a saliência que ele lhe reconhecer, sua necessidade de orientação ou sua falta de informação, ou ainda, seu grau de incerteza, além dos diferentes níveis de comunicação interpessoal que desenvolver (p.200).

Wolf (2009) aponta a agenda-setting, como uma nova tendência dos estudos em comunicação ou “communication research”, conforme também sugere Hohlfeldt (2005, p. 188). Essa tendência atual se dispôs a pesquisar como a realidade social é construída através dos meios de comunicação de massa.

iv.iv Metodologia empregada para o estudo de caso

A partir deste capítulo, vamos apresentar e discutir os resultados deste estudo advindo de meses e meses de dedicação ortodoxa a metodologia científica. Para desenvolver esta pesquisa empírica, tendo como foco o caso do Portal Zero Hora, foi necessário estudar de forma minuciosa, detalhada e criteriosa o processo de elaboração e construção de sua estrutura.

Nesse contexto, buscamos suporte teórico para definir o andamento metodológico do estudo científico, que conforme Lopes (2003) passa por fases que vão da escolha pelo tema, busca dos objetivos, definição do problema a elementos teóricos. Ao completar as primeiras fases do processo, avançamos à etapa empírica da pesquisa,

que acarretou na base para as reflexões que procuramos empreender para analisar como acontece o discurso jornalístico sobre educação no Portal Zero Hora.

Para o estudo de caso foram utilizados o método quanti-qualitativo e de observação no intuito de obter respostas para questões do tipo “o que”, “como” e “por que” junto da pesquisa exploratória. “O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2010, p. 216).

Apresentaremos neste capítulo, a análise descritiva da pesquisa realizada com Portal de notícias, tendo a editoria de educação como recorte do estudo de caso, pois acreditamos como afirmam Barros e Junqueira (2010) que os fatos não existem por si mesmos, em um estado bruto, eles só existem a partir de nossa observação. Conforme Lopes (2003, p. 149) esta fase de descrição constitui a primeira etapa da análise dos dados na pesquisa e realiza-se em dois momentos:

O primeiro é constituído de procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados. Já o segundo passo, engloba procedimentos propriamente analíticos que visam à construção dos ‘objetos empíricos’ e a reprodução do fenômeno nas condições de sua produção.

Complementaremos a análise quantitativa com a qualitativa, delimitadas pelas hipóteses e perguntas de investigação, buscando entender o fenômeno e o contexto em que ele ocorre.

A pesquisa etnográfica digital e a pesquisa quanti-qualitativa, realizada através de questionários semiestruturados, contendo perguntas fechadas e abertas – especialmente aos editores do Portal Zero Hora - foram técnicas muito importantes para desenvolver o trabalho — forma encontrada para compreender alguns aspectos fundamentais do estudo de caso.

Ainda, visando à reconstrução empírica de realidade, neste capítulo iremos reportar os passos da pesquisa de campo, a partir do relato da experiência vivenciada com os receptores - os docentes - pela descrição e análise dos dados desta amostra arbitrária. Apesar de os resultados não serem representativos do caso geral, fornecem indícios a serem confirmados em pesquisas mais vastas. Estas técnicas aliadas à fundamentação teórica científica são elementos que endossam as respostas obtidas.

iv.v Zero Hora: suas raízes

O estudo em torno do Portal do maior jornal do estado do Rio Grande do Sul, Brasil - o Zero Hora (ZH) - nos leva a percorrer caminhos e entender sua história, e a de quem o fez nascer: a Rede Brasil Sul (RBS), que surgiu em 1957 da paixão de um empreendedor e visionário, seu fundador Maurício Sirotsky Sobrinho, a partir da compra da Rádio Gaúcha (Faccin, 2009).

O seu legado e paixão, ousadia e pioneirismo, foram ampliados pelos sucessores da família Sirotsky: Jaime, Nelson e, na atualidade, por Eduardo Sirotsky Melzer, presidente do Grupo. Estes nomes contribuíram para expandir a atuação da empresa, e a consolidar líder no mercado de mídia no Sul do país, inaugurando novos segmentos.

Atualmente, a RBS ocupada a liderança na área de comunicação além do estado do Rio Grande do Sul, também em Santa Catarina, na produção de conteúdo e entretenimento nas mais diferentes mídias, são elas: rádio, televisão, jornal e plataformas digitais.

O Grupo RBS, hoje, é uma das maiores empresas de comunicação e multimídia do Brasil e maior afiliada da Rede Globo. O grupo possui 18 emissoras de TV aberta, as sucursais, entre elas uma em Brasília, as quais são afiliadas à Rede Globo: a RBS TV; 2 emissoras de TV locais: TVCOM e OCTO; 24 emissoras de rádio: Rádio Gaúcha, Rádio Atlântida, Rádio Itapema, Rádio Farroupilha, Rádio CBN Porto Alegre, Rádio CBN Diário; e 8 jornais: Zero Hora, Diário Gaúcho, Pioneiro, Diário de

Santa Maria, Diário Catarinense, Hora de Santa Catarina, Jornal de Santa Catarina e A Notícia.

Através da empresa de negócios digitais, a e.Bricks, fundada em 2012, o Grupo RBS avança para tornar-se referência nas áreas de mídia digital, atuando no Brasil e nos Estados Unidos. Ainda, opera com negócios adjacentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina: Engage Eventos, UMA e RBS Publicações; e nacionalmente com a empresa Vialog.

Em março de 2016, o Grupo RBS anunciou venda das operações de televisão, rádio e jornal que atuam sob a marca RBS em Santa Catarina, para o Grupo NC e outros investidores. Após atuar pelo período de 37 anos em SC, a intenção é focar seus esforços de mídia no Rio Grande do Sul, como já vem fazendo desde sua fundação.¹⁸

O Grupo RBS defende a adoção e estimula a aplicação dos princípios expressos na Declaração de Chapultepec¹⁹, adotando a partir destes, os seus próprios, por acreditar que “uma imprensa livre é condição fundamental para que as sociedades resolvam seus conflitos, promovam o bem-estar e protejam sua liberdade” (RBS, 2011, p.44).

Desse modo, muito antes da existência da Declaração, o fundador do Grupo RBS já ponderava: “a filosofia que implantamos, ao longo do tempo, foi manter os olhos abertos a esta evolução tão acelerada, acompanhando o desenvolvimento tecnológico sem perder de vista a dimensão humana²⁰”. Assim como escreveu no editorial da edição que comemorou os 20 anos do jornal Zero Hora: “Nosso compromisso maior é com a verdade, como o mais eficaz instrumento da liberdade, da liberdade com responsabilidade” (SCHIRMER, 2002, p.32).

¹⁸ Conforme comunicado realizado no dia 07 de março de 2016, em seu site: < <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2016/02/05/comunicado-5/>>. Acesso: maio/2016.

¹⁹ Assinada por chefes de Estado durante a Conferência Hemisférica sobre Liberdade de Expressão realizada na Cidade do México em 11 de março de 1994 (RBS, 2011, p.44).

²⁰ Fonte da história e citação de Sirotsky: < <http://www.gruporbs.com.br/quem-somos/o-grupo-rbs/>>. Acesso: maio/2016.

iv.v.i *Zero Hora: sua história*

O Zero Hora, também conhecido por ZH, é o principal jornal impresso do Rio Grande do Sul, e está na quarta posição no ranking dos maiores jornais do país²¹. O veículo gaúcho, aumentou em 8,5% sua circulação total em fevereiro, contabilizando 208.963 edições impressa e digital, em relação ao mês anterior.

É um dos veículos mais antigos e o primeiro jornal do Grupo RBS, com fundação datada de 04 de maio de 1964, onde foi criado a partir do jornal Última Hora, de Samuel Wainer, o qual deixou de circular com o golpe militar de 1964. A hegemonia do ZH teve início com o encerramento das atividades dos diários Folha da Manhã e Diário de Notícias, respectivamente dos grupos Caldas Junior e Diários Associados, entre as décadas de 70 e 80, com a crise do Correio do Povo, cujo apogeu ocorreu em 1984 (Felippi, 2006).

Em 1969, foi inaugurada a sua nova sede na Avenida Ipiranga, no bairro Azenha, onde a partir daí, ocorreram importantes modificações no *layout* do jornal. Na década de 1970, o nome passou a ficar em um espaço quadrado, e neste mesmo ano, o Grupo RBS passou a ter o controle majoritário do ZH, iniciando a expansão multimídia no interior do Estado, ganhando uma caracterização regionalizada. Ocorreu a troca de nome: *Última Hora* mudou de título, a palavra “última” do seu título foi substituída pela expressão “zero” (Faccin, 2009). Em 1988, o jornal deixa de ter produção artesanal e esta passa a ser padrão. Em 1994, a marca Zero Hora passou a ter formato retangular, que permanece até hoje.

Zero Hora se destaca pela estrutura de produção de jornal e tem a maior redação do segmento impressos do RS. Editado em Porto Alegre, conta com 24 cadernos, mais de 200 jornalistas, uma sucursal em Brasília, correspondentes no interior do Estado e mais de 100 colunistas²². Estes profissionais estão hierarquizados em repórteres, pauteiros, sub-editores e editores das editorias, editores-chefe, Diretor de Redação. Há

²¹ Conforme ranking do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) divulgado em maio de 2016.

²² Informações extraídas do site: < <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>. Acesso: maio/2016.

também fotógrafos, revisores, arte-finalistas, ilustradores, articulistas — não necessariamente jornalistas — e pessoal administrativo.

Mesmo a nova fase do jornalismo ter adotado o modelo *standap*²³ como uma tendência nacional, o Zero Hora segue o formato *tabloide*²⁴, mantendo uma característica local e que ele próprio ajudou a firmar. Uma opção que contrariou a fase moderna que introduziu um jornalismo de referência dando destaque ao *standap*, desprezando os demais formatos, inclusive, associando o *tabloide* à imprensa marrom²⁵.

iv.v.ii Zero Hora: a versão digital

A edição e produção do jornal passam a ser totalmente digital em 2006; já em 2007, entrou no ar o *website* ZeroHora.com, que traz notícias atualizadas 24 horas por dia. Em 2012, o jornal passou a cobrar pela versão digital do seu conteúdo impresso, seguindo uma tendência mundial de integrar a produção do conteúdo, independentemente da mídia em que é veiculado.

Quando completou 50 anos, em maio de 2014, Zero Hora fez uma profunda reformulação editorial, gráfica e de marca que segue até hoje. Tanto no papel quanto no online, em tablets e nos celulares as mudanças deram início a um ciclo de reposicionamento e transformação.

²³ Este formato é resultado da divisão do formato standard em duas partes, ou seja, é a metade do formato. Cada página possui uma mancha gráfica de 26,5 centímetros horizontais por 29,7 centímetros verticais, embora, encontrarmos algumas variações de formato como: 28 X 38 cm, 29 x 40 cm. O formato assume um aspecto cômodo, inclusive para encartes especiais ou cadernos suplementares de um formato standard, pelo encaixe perfeito entre os cadernos principais do jornal.

²⁴ Medida largamente utilizada pelos jornais de maior circulação no Brasil, em função do aproveitamento máximo da área de chapa das offset. Nesse formato, a mancha gráfica da página mede 52,5 por 29,7 centímetros. A área total de papel depois de impresso é de 56 por 32 centímetros. Para a confecção, é necessário equipamento de impressão rotativo, disponível em grande editora e parque gráfico de jornais diários e periódicos de grande circulação.

²⁵ No Brasil quando se quer acusar pejorativamente um veículo, o termo utilizado é “imprensa marrom”. A expressão ainda é amplamente utilizada quando se deseja lançar suspeita sobre credibilidade de uma publicação (Sobrinho,1995, p.22).

Com versão moderna, a intenção foi deixar o site com melhor organização da informação e da navegação, permitindo que conteúdos jornalísticos e espaços publicitários ganhem mais destaque. Além do novo site para web, o endereço passou a ser adaptável para navegação em celulares.

A mudança no logotipo é o primeiro impacto sentido por quem colocou as mãos no jornal impresso daquele 1º de maio de 2014, o que seguiu tendência no Portal ZH. Muitas foram às mudanças, inclusive com o surgimento de novas editorias, uma nova organização das informações.

Figura 3: Mostra a evolução da marca.



Fonte: www.gruporbs.com.br

Além da logo, a nova grade de editorias foi uma das principais mudanças. De sete, passaram para quatro, são elas: Notícias (que agrupa Política, Economia, Mundo, Geral e Polícia), Sua Vida, Esporte e Segundo Caderno. Conforme os editores, essa nova organização das informações é mais intuitiva, levando em conta os hábitos dos leitores e a forma como as pessoas buscam o conteúdo²⁶.

Entendendo as necessidades de readequação, ZH dividiu os profissionais em dois núcleos: multiplataforma, que produzirá o conteúdo do papel, mas sem perder de

²⁶ Informações extraídas do site. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/04/o-que-mudou-em-zh-imprensa-4488431.html>>. Acesso abril de 2016.

vista outras plataformas; e o foco digital, especializado em conteúdo próprio e adequado para a web.

Figura 4: Portal Zero Hora segue tendência de modernização do jornal impresso.



Fonte: www.zerohora.com.br

Na edição impressa, as editorias foram divididas por cores. Educação, por exemplo, ficou concentrada na nova editoria, de cor verde, onde são abordados outros conteúdos de comportamento. Esta editoria verde, divide-se em cinco núcleos: ZH Dinheiro, focado em finanças pessoais, carreira e empreendedorismo; Pense Empregos; Vida, com as pautas de saúde e bem estar; Educação, Ciência e Tecnologia; e Comportamento e Mobilidade Urbana. Sobre as mudanças, a editora Fabíola Bach, responsável pela editoria Sua Vida, pondera que: “a nova editoria terá assuntos que interferem no dia a dia do leitor. Queremos refletir debates das ruas, como mobilidade urbana e mudanças de comportamento”²⁷.

Já à experiência digital, o Portal ZH propicia a navegação por temas, tornando mais fácil o acesso aos conteúdos para o leitor. Uma navegação enxuta dividida por seções, como: “Notícias”, o leitor encontra temas como Política, Economia, Mundo e Polícia; em “Entretenimento”, tudo sobre temas como Cinema, Música, Televisão e

²⁷ Entrevista concedida em 30/04/2014 ao site do Grupo RBS.

Celebridades; “Esportes”, traz uma cobertura dos times locais, além das notícias sobre os principais campeonatos do Brasil e do Mundo; a seção “Porto Alegre” veicula notícias da capital do RS. Já em “Vida e Estilo”, o leitor tem acesso a uma infinidade de conteúdo, entre eles, a editoria Educação.

Figura 5: Navegação por temas no Portal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com.br

O Zero Hora, além de manter um Núcleo de Conteúdos para tablets, está presente nas redes sociais, entre elas: Twitter, Facebook, Instagram, Google +, Pinterest, Foursquare.

Figura 6: Zero Hora presente nas redes sociais.



Fonte: www.zerohora.com.br.

A reformulação de ZH, tanto impresso, quanto digital, apesar de ter uma editoria específica para Educação, não despendeu de uma atenção diferenciada ao campo, dando muito mais importância a assuntos políticos e econômicos, por exemplo. A partir de agora, este trabalho abordará especificamente o tema educação, o qual foi o recorte de estudo de observação no Portal ZH.

iv.vi Observação e análise do Portal Zero Hora

A edição e produção do jornal impresso, ingressam no mundo digital no ano de 2006; já no ano seguinte, com notícias atualizadas 24 por dias, surge o Portal Zero Hora, o qual pode ser acessado através do site: www.zerohora.com, sendo vinculado ao Clic RBS, assim como, os demais veículos do Grupo.

A observação foi a técnica de pesquisa utilizada inicialmente para este trabalho de pesquisa, buscando atingir o objetivo principal proposto: *Verificar como acontece o atual discurso jornalístico sobre educação no Portal Zero Hora, possibilitando analisar até que ponto a mídia se preocupa com as questões educacionais.*

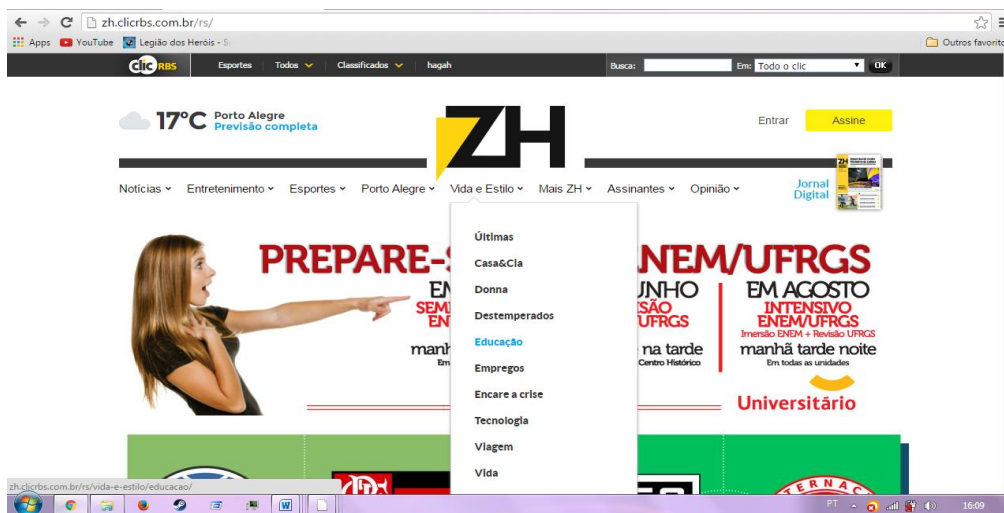
As técnicas de coleta de dados, que correspondem tanto à parte prática do conteúdo, quanto a parte da observação, “são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos” (Lakatos & Marconi, 2000, p.107).

Sousa (2006, p.376) configura que a observação direta pode ser denominada de participante ou etnográfica, ponderando que “a imersão do pesquisador nesse meio, faz-se por períodos dilatados, pois só assim o pesquisador se pode integrar efectivamente no meio sócio-cultural que vai observar”.

Por este viés, a investigação empreendida ao site partiu de acordo com a delimitação do tema, neste caso, observamos pelo período de três meses no Portal ZH a editoria de Educação, a qual está localizada na sessão “Vida e Estilo”, como podem

perceber na Figura 7, ocupando uma posição, de quinto lugar por ordem decrescente, em relação a outros assuntos.

Figura 7: Editoria de Educação/ Seção “Vida e Estilo”.



Fonte: www.zerohora.com.br

Ao pontuarmos esta colocação, já observamos que a Educação, apesar de ter uma editoria específica no Portal, não ocupa uma posição de destaque. Está inserida dentro de uma seção, cujo nome “Vida e Estilo”, não contemplam a amplitude da representatividade que tem a Educação. Conforme Piaget “a educação tem importância fundamental no desenvolvimento humano e a forma de educar, ou de transmitir conhecimentos por suas imensas variáveis, torna-se o ponto chave para a construção ou para a desconstrução de um ser humano”²⁸.

Ao entrarmos na sessão, logo vimos na interface inicial o nome da editoria Educação (conforme observa-se na figura 8). Logo abaixo uma linha horizontal com links para subeditorias assim determinados: “Últimas”, “Vestibular” e “Enem”. Abaixo da linha de editorias, apresenta-se a manchete do dia composta por um antetítulo (ou chapéu) que se caracteriza como “Destaque” por ser a notícia mais importante. A seguir há, em média, de quatro a seis *links* com antetítulos e títulos para outras matérias classificadas também como destaques.

²⁸ Disponível em < <http://diariamente-mel.blogspot.com.br/2011/04/educacao-segundo-piaget.html>>. Conforme: PIAGET, Jean. Psicologia e pedagogia. São Paulo: Summus, 1984. Acesso maio/2016.

Figura 8: Editoria de Educação.



Fonte: www.zerohora.com.br

Figura 9: “Últimas”, “vestibular” e “ENEM”.



Fonte: www.zerohora.com.br

Além disso, a página é construída de outros links que destacam as notícias principais das subeditorias, como, por exemplo, “Enem²⁹”, e ainda, “Estudar Fora”, com

²⁹ É um programa do Governo Federal criado em 1998, e sua sigla significa: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (PROUNI). Além disso, cerca de 500 universidades já

matérias consideradas importantes, vinculadas a estes tipos de assuntos, localizadas na posição vertical do lado direito da página.

Observando seu contexto, a editoria não obedece a uma rigorosa organização dos temas, o que vamos abordar em sequência. Não muda com frequência os assuntos da página principal, chegando a ficar de sete dias a 15 dias, com os mesmos assuntos em destaque. Pelo porte e relevância que o Zero Hora tem no contexto nacional, notamos que há uma lacuna na Editoria através desta primeira análise documental do site.

O Portal Zero Hora não aproveita uma das vantagens da *Web em que* as notícias podem ser postadas ininterruptamente, onde a qualquer momento as pessoas acessam e podem ficar atualizadas dos acontecimentos que mais lhe despertam interesse. Adghirni (2001) afirma que nos sites noticiosos, as atualizações podem ocorrer em um tempo médio de quatro minutos.

iv.vii Resultados e discussão da análise de conteúdo

Sousa (2002, p. 21) considera que “determinados acontecimentos, ideias e temáticas são, de algum modo, os referentes dos discursos jornalísticos”. No entanto, o acontecimento segundo ele, se sobressai em detrimento ao ritmo frenético dos afazeres jornalísticos, o que torna-se um empecilho para o aprofundamento de determinados assuntos.

Partindo desse pressuposto, buscamos identificar os tipos de temas referentes à educação que são veiculados no Portal Zero Hora, sua frequência e relevância para o meio educacional.

usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular, inclusive, universidades estrangeiras como é o caso de Portugal. Informações disponíveis no site do Ministério da Educação do Brasil, em: < <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acesso maio/2016.

O Portal Zero Hora tem na editoria Educação o diretório: “Últimas”, onde acontece a postagem das notícias produzidas diariamente. A partir dele, analisamos os tipos de temas e os mais frequentes publicados.

Do período analisado, observamos que os tipos de temas são: pré-vestibulares, vestibulares, ensino superior, intercâmbio, Enem, processos seletivos, profissões, greve do magistério, salários dos professores, condições das escolas, concursos, idiomas, universidades, bolsas de estudos, FIES³⁰, SISU³¹, palestras, diplomas, volta às aulas, qualidade do ensino, pesquisas, creches, leis, curso de medicina, graduação e ensino médio.

Já dos temas abordados pelo Portal Zero Hora com maior frequência, o ENEM vem em primeiro lugar, inclusive, tem uma subeditoria exclusiva onde todos os assuntos que lhe dizem respeito estão agrupados. Sobre o ENEM são divulgados os procedimentos para inscrições, datas de provas, mudanças no programa, temas de redação, simulados, número de inscritos, e também, assuntos mais polêmicos como as fraudes ocorridas em provas.

Outro tema que aparece com frequência e em segundo lugar como um dos mais abordados pela editoria é o vestibular, que também tem uma subeditoria especial para tratar do assunto. Sobre o tema o foco segue o mesmo do ENEM, onde são divulgadas listas com datas da abertura das inscrições dos concursos das universidades mais renomadas do Estado, principalmente as federais; ainda inscritos por vagas, perfil dos cursos mais procurados, com dicas e as profissões mais procuradas no momento pelo mercado de trabalho.

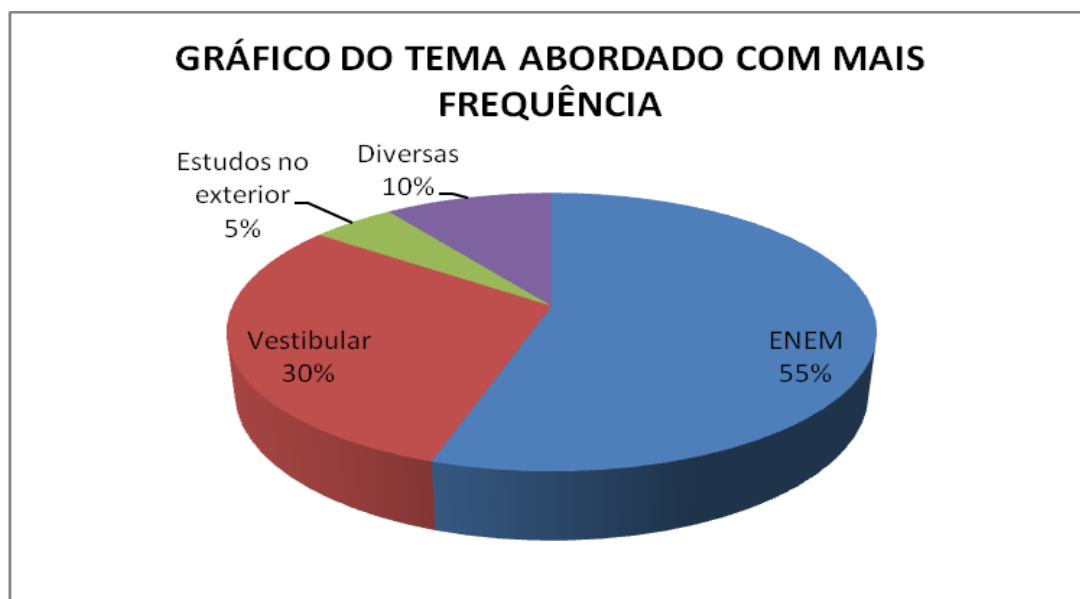
³⁰ O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitas na forma da Lei 10.260/2001. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. Informações disponíveis em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/?página=fies>>. Acesso maio/2016.

³¹ Programa do Governo Federal que significa Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas de educação superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Informações do portal: <<http://sisualuno.mec.gov.br/>>. Acesso maio/2016.

Após, aparecem outros assuntos de diversos temas como já citados acima, no entanto, entre estes os mais abordados são: vagas para intercâmbio e aperfeiçoamento no exterior, seguido de greve por parte dos professores com reivindicação de melhores salários, condições das escolas do Estado, movimentos do CPERS³², cursos de pós-graduação, programas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) como o SISU, PROUNI³³, FIES e PRONATEC³⁴. Estes assuntos fazem parte da subeditoria “Última”, na parte horizontal da página.

Muitos estudos já apontavam a coincidência dos temas abordados na mídia, a qual faz enquadramentos (*frames*) de assuntos como vestibulares e Enem, ou seja, acentuando um ou outro ângulo.

Gráfico 1: Temas abordado com mais frequência.



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel.

³² Significa Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, é referência para os movimentos sindicais do Brasil, no propósito de lutar por uma educação pública de qualidade, dignidade profissional e defesa intransigente da democracia. Fonte: www.mec.gov.br. Acesso maio/2016.

³³ Significa Programa Universidade para Todos (PROUNI). Um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que oferece bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. Fonte: www.mec.gov.br. Acesso maio/2016.

³⁴ Significa Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), criado pelo Governo Federal, em 2011, por meio da Lei 12.513/2011, com o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país. Fonte: www.mec.gov.br. Acesso maio/2016.

iv.viii Discussão de matérias típicas sobre educação do Portal Zero Hora

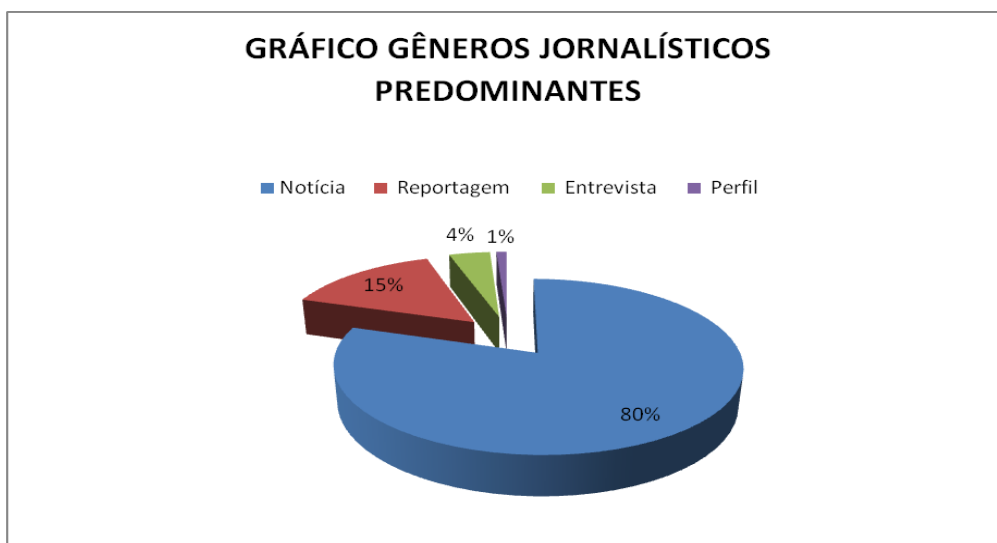
Dalmonete (2009, p.73) ressalta que “dentre os atuais desafios para se pensar a comunicação na contemporaneidade, está a passagem de conceitos até então empregados no jornalismo impresso e que, agora, são desafiados pela modalidade comunicacional da Internet”. A partir desta colocação, nos deparamos sob o ponto de vista discursivo, especialmente, procurando entender como acontece o discurso jornalístico no meio *online*, sem nos furtar de promover a discussão das matérias típicas sobre educação do Portal Zero Hora.

Essas tipificações conforme observa Tchumann (1983, p.63) in Vizeu (2000, p.101) se referem “à classificação em que as características relevantes são básicas para solução de tarefas práticas ou de problemas que se apresentem ou estejam constituídos e fundados nas atividades de todos os dias”. A partir desta afirmação, compreende-se que os jornalistas buscando estabelecer critérios para as matérias, denotam enquadramentos e desenvolvem tipificações dos fatos.

Estudar os gêneros jornalísticos faz parte do esforço para compreender a propriedade discursiva. Para Araújo (2008, p.180) o gênero “age como um ponto de partida para descrever e estudar as características da linguagem e permitir avanços na análise das relações que permeiam a totalidade do jornalismo”.

Identificamos como gênero jornalístico predominante no Portal Zero Hora, o Informativo dando ênfase à classificação Notícia. Araújo (2008, p. 180) afirma que “estudiosos apontam que os gêneros jornalísticos são as formas que o jornalista busca para se expressar. Eles dão estilo e forma própria à linguagem jornalística”.

Gráfico 2: Gêneros Jornalísticos predominantes.



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel.

Para Baroni (2013, p.03) as técnicas de jornalismo ou de redação jornalística servem para transformar a informação em notícias, e sob este viés, segue “uma estrutura característica do gênero e também observando aspectos sócio-históricos e culturais, pertencentes à esfera em que esse gênero circula”.

O Portal Zero Hora assume o papel de observadora da realidade, em sua maioria, registrando os fatos e informando a sociedade, através de um relato integral de algo que está em evidência, caracterizado pela notícia. Melo (1994, p.65) diz que uma caracterização da notícia “é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”.

No entanto, com o discurso jornalístico, da mesma forma, ao longo de sua consolidação, “observa-se que vários elementos asseguram coerência à narrativa, centrada na divulgação de fatos vistos como relevantes para o cotidiano”, Dalmonte (2009, p.78).

A compreensão do que seja a notícia torna-se extremamente relevante para entendermos como acontece este discurso jornalístico do Portal. Hohlfeldt (2001, p.209) explica que:

noticiabilidade é um conjunto de regras práticas que abrange um **corpus** de conhecimento profissional que, implícita e explicitamente, justifica os procedimentos operacionais e editoriais dos órgãos de comunicação em sua transformação dos acontecimentos em narrativas jornalísticas. Reúne o conjunto de qualidades dos acontecimentos que permitem uma **construção narrativa** jornalística e que os recomendam enquanto informação jornalística. [grifos do autor].

Observamos poucas reportagens no Portal ZH, relato que ampliaria um acontecimento o qual gerou repercussão na sociedade, produzidas com maior detalhamento e contextualização do que foi anunciado. De acordo com Araújo (2008, p.189) “a reportagem mostra circunstâncias que levam o leitor a desenvolver uma análise crítica, revelando-lhe ângulos ocultos, ressaltando outros e ampliando a visão dos fatos”.

Durante todo o tempo de observação ao Portal, vimos poucas entrevistas, e um número irrisório do tipo perfil. No entanto, o texto jornalístico denota boa qualidade, apresentando: clareza, concisão, densidade, simplicidade, exatidão, precisão, naturalidade e variedade.

Por outro lado, se analisarmos as características do webjornalismo, as quais podem ser apontadas como sendo as seguintes de acordo com autores que se dedicam a estudá-las, Bardoel e Deuze (2001) e Palacios (2002): 1) multimídia, 2) interatividade, 3) hipertextualidade, 4) personalização, 5) atualização e 6) memória (base de dados).

Partindo do pressuposto destas características notamos a falta de muitas delas no Portal Zero Hora, os critérios de noticiabilidade poderiam ser expandidos, uma vez que os recursos da web potencializam, como por exemplo, a relação do relato jornalístico com o quesito temporalidade. Mas o que nos causa demasiado espanto, foi perceber a falta de atualização. Para Dalmonte (p.219) “a atualização contínua, reposiciona o discurso jornalístico numa nova temporalidade, agora não mais numa duração de 24 horas e sim, num processo de atualização contínua”.

As matérias da página não são atualizadas com frequência, ficando muitas vezes como destaque a mesma notícia por um longo período de tempo, ou seja, de 15 a 20 dias, ou até mais. Observamos que no máximo cinco notícias são atualizadas, quando muito, entretanto, por dia são postadas em média duas matérias na editoria “Educação”. Vimos matérias defasadas, uma grande repetição de temas, além do gênero predominante se sobressair a qualquer outro, sendo pouco aproveitado o recurso da “atualização”, que renova o sentido de atual, visto que já não é apresentado apenas o tempo presente, mas um presente contínuo.

Figura 10 : No Portal ZH: Em média duas matérias são postadas por dia na editoria.



Fonte: www.zerohora.com.br

O Portal Zero Hora, também não dá ênfase a temporalidade, situando o leitor no tempo próprio dos eventos, no entanto, poderia dar um aproveitamento maior a esta característica do webjornalismo, criando na instância destinatária a sensação de acompanhar o desenrolar dos fatos no momento em que acontecem.

É instigante perceber que ao mesmo tempo em que Zero Hora busca torna-se referência no mundo digital, inovando na forma de vender a notícia para os seus leitores, ainda tem muito a crescer e evoluir.

Em 2016, uma das inovações do Zero Hora online foi o investimento no conteúdo *mobile*³⁵ com a criação do “ZH Tablet”, sendo este uma nova modalidade de assinatura, onde a leitura do jornal pode ser digital, experimentando o leitor mais interatividade. Barbosa (2013, p.43) enfatiza que “as mídias móveis possuem gramática própria, prática de produção, dinâmicas de consumo e modelos de negócios específicos”.

Ao mesmo tempo que evolui no formato digital, ainda deixa a desejar no discurso jornalístico que leva ao Portal, especialmente, na veiculação de informações divulgadas na editoria “Educação”, foco do nosso trabalho. Segundo Lincke (2015), o discurso jornalístico é uma forma de representação da realidade que nos dá a (re)conhecer os fatos do mundo, especialmente pela forma específica da notícia.

Figura 11: ZH Tablet – o leitor poderá baixar diariamente as edições, armazená-las para construir o seu próprio acervo, conferir os conteúdos e as informações de ZH sempre que quiser.



Fonte: www.zerohora.com.br

³⁵ Dispositivo móvel utilizado para difundir conteúdos.

iv.ix Análise da entrevista aos responsáveis pelo conteúdo

Visando desenvolver este trabalho de forma mais contundente e buscando esgotar qualquer possibilidade que pudesse vir a passar despercebida, prejudicando assim o alcance do objetivo da pesquisa, um dos métodos encontrados foi entrevistar os editores digitais do Zero Hora, por serem os responsáveis pela elaboração do conteúdo.

Conforme Gaskell (2002, p.65) as entrevistas fornecem dados que vem a contribuir com o desenvolvimento e compreensão das relações. “O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”, dessa forma, entrevistar as pessoas que estão por detrás das informações veiculadas e no local de trabalho onde as coisas acontecem, nos fez estar mais próximos e buscando entender porque as coisas são de determinada forma.

Para Freixo (2010) as entrevistas são uma oportunidade de obter dados que não encontramos na fonte documental e que sejam relevantes e significativos; e ainda, se apropriar de informações mais precisas.

Importante salientar que optamos por um roteiro de entrevista com questões semiestruturadas, em uma entrevista semiaberta, que conforme Duarte (2010) permite uma abordagem em profundidade pretendendo contribuir com uma variedade de respostas indeterminada, revelando a riqueza e imprevisibilidade do estudo qualitativo em comunicação.

A entrevista foi no próprio ambiente da redação do Jornal Zero Hora, em Porto Alegre, em março de 2016, oportunidade em que tivemos também de conhecer o local de trabalho e acompanhar por algumas horas como é a rotina dos jornalistas e da editoria.

A redação integrada abrange além do online, o impresso e rádios. Constatamos que a produção acontece de forma colaborativa, principalmente no online e impresso, sobressaindo-se a convergência jornalística. A rotina produtiva é planejada de acordo com os demais meios, e seguem suas pautas em consonância. Alsina (2009, p. 201-202) destaca

que “a influência de uma organização jornalística, como a de qualquer outra organização, pode se mostrar muito nas pessoas que a compõem”.

Entrevistamos a jornalista Bruna Maria Porciúncula, que desde 2002 atua junto ao Grupo RBS, sendo uma das fundadoras do conceituado jornal Diário de Santa Maria³⁶. Mais tarde, assume o Jornal Zero Hora no comando da editoria de “Educação”.

Á época da nossa entrevista, a jornalista era editora do Caderno Educa³⁷, o qual foi extinto e passa a se dedicar as pautas de educação junto ao jornal impresso e ao online, no Portal Zero Hora.

Na produção de notícias sobre educação, não tem um número fixo de profissionais que trabalham. Porciúncula pondera que “hoje não conseguimos fazer uma equipe setorizada, a redação encolheu e tem menos profissionais, então a gente faz um pouquinho de tudo³⁸”. Mas basicamente, ao todo são três pessoas com dedicação ao conteúdo de educação, o qual é produzido para o papel e divulgado no online; ela como editora e outros dois repórteres. Ainda, a editoria conta com a ajuda de agências de notícias, conforme explica à editora: “contamos com apoio de agências de notícias, e muito deste material é replicado no site do Zero Hora³⁹”.

³⁶ Jornal de circulação diária com sede em Santa Maria, cidade situada no coração do Estado do RS/Brasil, de propriedade do Grupo RBS, está entre um dos mais importantes do Rio Grande do Sul.

³⁷ Lançado em março de 2015, o caderno Educa, produzido por Zero Hora, deixa de ser publicado. A última edição foi veiculada no dia 05 de maio de 2016. A partir de agora, o conteúdo sobre educação será absorvido pela editoria Sua Vida, também veiculado no Portal Zero. O Educa foi criado para substituir o antigo caderno Vestibular, com foco na preparação para os processos seletivos ao Ensino Superior, como vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). As reportagens acompanhavam temas de interesse dos estudantes, além de mudanças de mercado e novidades para os profissionais. A assessoria de imprensa do Grupo RBS confirmou o encerramento da publicação em nota, onde explicou que “os conteúdos voltados à educação, vestibular, intercâmbio, carreira e Enem têm figurado quase diariamente na editoria Sua Vida”. Por esta razão, a equipe avaliou que seria melhor concentrar esforços em Sua Vida do que publicar o conteúdo somente em um dia da semana no Educa. “Julgamos que, assim, estaremos atendendo melhor aos nossos leitores e ampliando o alcance de público”, disse o comunicado.

³⁸ Entrevista concedida ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

³⁹ Entrevista concedida ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

Figura 12: Exemplo de pauta sugerida por uma agência de comunicação.



Fonte: www.zerohora.com.br

Esta colocação, leva-nos a compreender que a falta e /ou diminuição de profissionais para realizar o trabalho das redações, que cada vez mais caminha para a convergência, tende a levar o veículo de comunicação a sacrificar certas áreas – como a educação, por exemplo – o que prejudica a divulgação de notícias e informações sobre temas da editoria. Reflexão que vai ao encontro da colocação de Lindemann (2014, p.217) quando diz que “o cenário molda-se de acordo com os potenciais da empresa, que, por sua vez, permitem o desenvolvimento da convergência jornalística, um processo inacabado que também influencia o *newsmaking*⁴⁰ e os produtos finais (...)”.

Referente à seleção de notícias que chegam ao Portal Zero Hora, a editora explicou que muitos critérios são levados em conta, entre eles: **Relevância**, que vai abranger o maior número de pessoas, exemplificando o ENEM – “claro que uma notícia de ENEM sempre importa porque envolve uma quantidade absurda de pessoas, não só quem vai fazer, mas familiares e quem se importe com aquele candidato⁴¹”. **Serviços**, com datas e prazos – “via de regra publicamos o que vai ser útil as pessoas⁴²”. E **Curiosidade**, como índices, pesquisas, dados e levantamentos, cujos temas levantam discussões de como está o panorama da educação, não importando o nível de ensino.

⁴⁰ A teoria do *newsmaking* pressupõe que as notícias são como são porque a rotina industrial de produção assim as determina.

⁴¹ Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

⁴² Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

Indagada se havia um gênero jornalístico preferido para predominar no Portal Zero Hora, ela informou que procuram mesclar as coisas, e numa matéria ou outra, utilizam *links* para levar a algum artigo que esteja no site sobre aquele assunto e que seja de interesse do leitor. “Dentro de uma matéria *linkamos* artigos de opinião ou dentro de uma reportagem a gente traz diversas opiniões para levantar questionamentos e ampliar a discussão⁴³”, salientou Porciúncula.

No que refere-se ao gênero, conforme confirma nossa pesquisa, observamos a predominância expressiva da notícia, e notamos que as colocações da editora não conferem exatamente com a realidade das publicações no meio online e que ela não sabia contextualizar com firmeza sobre a referida questão. Como vimos, naquele ambiente, reportagens são raras em comparação ao gênero notícia informativa.

Por outro lado, no ambiente da web a hipertextualidade se configura pela existência de conjuntos de informações que estão conectados, ou seja, ligados através dos *links*, citados pela editora e confirmados durante nosso percurso de observação. Corroborando neste sentido, Santos (2010, p.107), quando constata “que a estrutura do hipertexto na *Web* proporciona ao internauta a possibilidade de uma leitura multilinear e interativa, uma vez que é o internauta que escolhe a ordem que a leitura seguirá”. Ao refletirmos acerca desta afirmação, a utilização dos recursos hipertextuais como os *links* proporcionados na editoria Educação pelo Portal Zero Hora, dão permissão aos leitores para que atuem na participação da produção do discurso, tendo em vista, que eles estabelecem o próprio percurso de leitura.

⁴³ Entrevista concedida ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

Figura 13: Constatação de links (Título destacado em azul no corpo do texto) nas matérias veiculadas no Portal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com.br

A formatação da pauta da editoria passa por variáveis, entre elas analisar as notícias pontuais do momento – “a gente acaba ficando refém do calendário, por exemplo: épocas pré ENEM a cobertura se volta muita a este assunto, dificilmente outro evento ganhará mais destaque do que este, porque o momento é de falar do ENEM e prestar um serviço para quem vai fazer o exame, como também, a divulgação de datas do PROUNI⁴⁴”.

Os temas também influenciam na pauta, como quando ao longo do ano quando não tem um calendário impondo que algo seja divulgado, a editoria prioriza questões sobre educação, por exemplo, Porciúncula cita na ocasião dois temas que geraram polêmicas e ganharam destaque, como: Base Nacional Curricular e os Planos de

⁴⁴ Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

Educação, este último por envolver questões de gênero e ir além do programa de governo em si, ganhou destaque no Zero Hora com maior espaço que gera uma reflexão social. “Um tempo atrás havia muita discussão sobre a questão de gênero, [...] quando da formatação dos Planos de Educação, [...] é uma discussão que envolve o ambiente escolar e normalmente era uma pauta de no mínimo duas páginas dentro do Zero Hora, pois levanta questões além do conteúdo do programa de governo, levanta outras discussões sociais [...] e a gente sempre tenta colocar no nosso cronograma questões que debatam educação”⁴⁵.

Por sugestão do público, várias matérias já foram produzidas depois de checadas, para ambos os meios - impresso ou online - inclusive, suggestionadas pelos professores. “Os professores sempre nos dão retorno, de alguma forma eles estão lendo sobre educação, com sugestões ou críticas, isso não importa, o que importa é que estão lendo sobre educação”⁴⁶.

Diante das palavras da editora, voltamos nossas reflexões para a construção da realidade efetivada no jornalismo, que deveria acontecer desde o planejamento empreendido na pauta, quando o profissional transforma muitas vezes um acontecimento factual em notícia, conforme infere Cabral (2012, p.146), através do seu próprio olhar: “(...) dando um viés próprio. Criam regras, selecionam as informações, contextualizam, modelam, remodelam a informação conforme sua importância (pela cultura jornalística e também pelo julgamento pessoal). Usam estratégias para construir a realidade. (...) A notícia é um simulacro do real, um relato possível, entre tantos do real”.

Por ser um veículo de massa, o interesse público é levado em conta. Como no momento da escolha da pauta pelo Zero Hora, tanto no momento da produção de matérias para o escrito, quanto para o online. Para isso, acontece uma triagem natural dos assuntos levando em consideração sua importância para as pessoas. Neste sentido, a

⁴⁵ Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

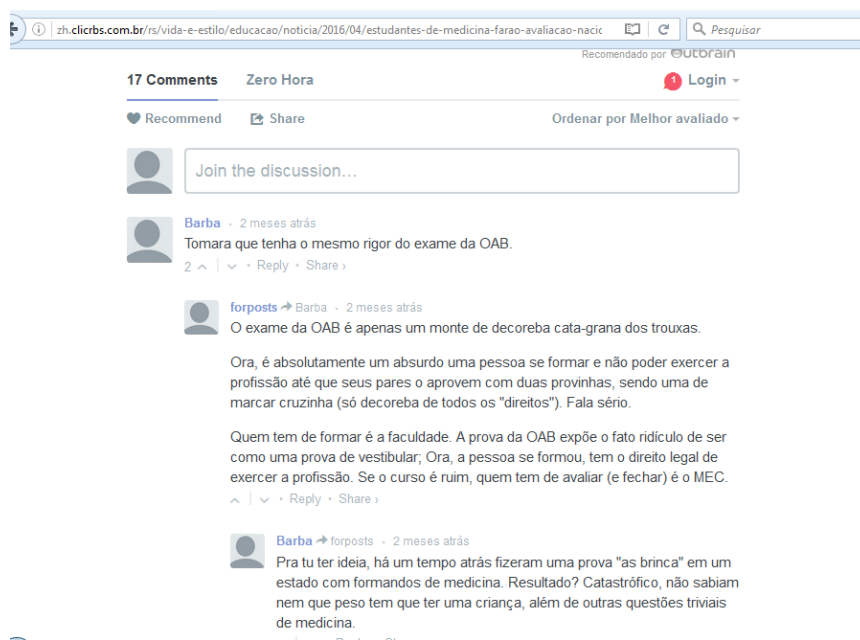
⁴⁶ Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

editora explica que “a relevância de determinado tema é considerado, especialmente, pelo número de pessoas que ele atinge”⁴⁷.

Uma realidade, conforme explica Lindemann (2014, p.217), que acaba ficando cada vez mais distante pelo ritmo frenético do cotidiano das redações tornando-se secundária o interesse público, pois “muitas decisões ocorrem a partir de critérios vinculados ao profissionalismo ou levam em consideração [...] os colegas de trabalho, do que inferimos uma lógica inversa ao que a profissão se propõe, que é produzir conteúdo para o leitor [...] levando a ele conhecimentos e informações que sejam úteis ao seu dia a dia”.

A participação do público no meio *online* acontece por meio de sugestões de pautas ou críticas, nas possibilidades de envio de carta, e-mail direto para leitorzh@zero.com ou no espaço para comentários, onde acontece a interação.

Figura 14: Além dos canais comunicação, há um espaço para comentários abaixo da matéria veiculada no Portal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com.br

⁴⁷ Entrevista concedida ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016.

Neste sentido, no meio online, a discursividade digital envolve um maior nível de interatividade, onde os leitores participam do processo de produção do discurso por meio da elaboração de comentários postados em tempo real. Um ponto positivo do Portal Zero Hora, que oferece este procedimento na interface de matérias noticiosas sobre educação, segundo observamos e constatamos (exemplificado na figura acima), após o texto da matéria, em que há um espaço para os comentários.

Para Porciúncula, o discurso jornalístico no Portal tenta contribuir na disseminação assuntos ligados à educação, através da objetividade, procurando sempre lançar uma reflexão acerca dos temas da editoria. “[...] a nossa linguagem de modo geral, é uma linguagem que tenta ser direta, objetiva e clara para as pessoas, e levantando dois ou mais pontos de vistas para que se promova uma discussão sobre aquilo. Então, dentro do possível a gente faz isso, para que a pessoa a partir da apresentação de vários contextos, opiniões e pontos de vista, possa refletir sobre determinado tema dentro da educação”⁴⁸.

Para mensurar o alcance e o resultado do Portal, há ferramentas que avaliam diariamente as notícias com mais engajamento. A editora salienta que as matérias de educação tem um bom engajamento, exceto nos meses de janeiro e fevereiro, quando acontece o período de férias no Brasil.

As ferramentas para mensurar os resultados no Portal são divididas da seguinte forma: “Mais Clicadas”, “Mais Lidas” e “Mais Comentadas”. Como na Figura 15 destacamos as “Mais Lidas”, estando em primeiro lugar uma matéria de 2015, que dá ênfase ao tema *currículo lattes*.

⁴⁸ Entrevista concedida pela editora ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016

Figura 15: “Mais Lidas”.



Fonte: www.zerohora.com.br

Sobre a tendência *online* do jornal, a editora avalia que não teria como ser diferente, pois o Zero Hora está seguindo a era digital, e assim como é ampliado o impresso, acontece no Portal, por entender esta importância. Ela considera que a principal fonte de informações das pessoas hoje é a internet, e por isso é necessário acompanhar.

Por este viés, detectamos que a necessidade de estar suprindo tanto as demandas geradas pelo impresso, quanto pelo online, e nesta pressão em seguir a tendência digital, com poucos profissionais acarreta, como já mencionamos acima, em um resultado menos satisfatório para algum dos lados: neste caso, o Portal Zero Hora, especialmente a editoria em estudo – a Educação – acaba perdendo muito em qualidade e aproveitamento do espaço, que deveria contribuir na formação da opinião pública.

Porciúncula admite que a “as pautas de educação tem que ganhar mais espaço no jornal de um modo geral – impresso ou online – porque educação é um dos assuntos

mais fundamentais dentro de uma sociedade. E a imprensa tem o papel importante de aproximar e levar estes temas ao maior número de pessoas possível, porque se a gente não discute educação, não discutimos o país de um modo geral”⁴⁹.

Ao fazermos uma análise de todo o contexto, observado no Portal Zero Hora e de seu lado gerador do conteúdo, entendemos que o jornalismo modifica-se em detrimento dos públicos, conteúdos, formas e suportes. Ao buscar atender as expectativas do mercado cada vez mais exigente, resultam em inevitáveis mudanças que criam novas maneiras de produção, de difusão e apropriação da informação. E, junto com essa apropriação diferenciada, surgem novas formas de participação dos públicos e intervenção dos profissionais.

Entretanto, diante deste novo contexto que se firma na atualidade quando falamos em meios de comunicação, Aguado e Palomo Torres (2010), dizem acreditar que a transformação e/ou mudança no jornalismo incide em convergir a reorganização das redações para sanar as necessidades de padrões de produção e distribuição do conteúdo em diferentes mídias, seja através do impresso ou online.

São constatações fundamentadas a tantas outras através desta pesquisa, que vão delineando o discurso jornalístico no Portal Zero Hora, contribuindo para responder as suas perguntas e hipóteses.

iv.x Contribuição das notícias para formação contínua do professor

Para Sousa (2002, p. 03-04) “a notícia jornalística é o produto da interação histórica e presente (sincrética) de forças pessoais, sociais (organizacionais e extraorganizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção e através dos quais são difundidas”. Ele complementa dizendo que “as notícias têm efeitos cognitivos, afectivos

⁴⁹ Entrevista concedida ao autor desta dissertação no dia 14 de março de 2016

e comportamentais sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as culturas e as civilizações”.

Partindo deste pressuposto, embora os resultados não sejam representativos no caso geral, pois vem complementar e fornecer indícios a confirmar em pesquisas mais vastas, realizamos entrevistas com professores para procurar entender como a mídia constrói a realidade social e como propícia o desenvolvimento cognitivo sobre os temas de educação. Dessa forma, como já teorizamos neste trabalho, utilizamos a Teoria do Agendamento ou Agenda Setting e a Teoria de Knowledge Gap, para esta compreensão.

Indo um pouco mais além, buscamos entender como estes profissionais utilizam as notícias de educação e que contribuições trazem ao seu universo de ensino e dos seus alunos. Para por em prática este estudo exploratório, delimitamos um público, selecionando uma amostra arbitrária de seis docentes, para pinçar quanto tempo ficam em agenda-setting e se as notícias do Portal ZH promovem o conhecimento em relação ao tema educação.

Conforme explica Rosário (2006, p.47) “é comum que se queira examinar sempre mais elementos do que o tempo hábil possibilita, e que o problema e os objetivos de pesquisa é que são os norteadores da constituição do corpus”.

Dessa forma, definimos a seleção da amostra de participantes a ser proposto o questionário da entrevista, levando em consideração professores de diferentes graus e redes de ensino, diferentes idades e cidades, pressupondo-se serem realidades/ambientes diferentes. Optamos pela entrevista por ser o procedimento mais usual no trabalho de campo, no caso desta faceta da nossa pesquisa, através dela, sugere Neto (2002, p. 57) “o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos dados relatados pelos atores, enquanto sujeitos - objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”.

Após a seleção dos respondentes, estruturamos os questionários para a pesquisa com perguntas fechadas e abertas, buscando nesta técnica, conforme sugere Gil (1999, p.128) conhecer entre tantas coisas, a realidade dos docentes em relação ao objeto de estudo. Para o autor, “pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

A seleção dos respondentes foi uma forma de qualificar o estudo, para obter com maior precisão respostas, para entender o problema de pesquisa, conforme salienta Duarte (2010, p.68), que “nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo”.

Pensando pelo viés de Duarte, adaptamos o questionário a ser realizado com a amostra selecionada, para utilizá-lo na entrevista com os docentes. Para Flick (2004), as entrevistas semiestruturadas, dentro dos dados verbais nos estudos qualitativos, têm atraído o interesse dos pesquisadores. Isso porque, determinado interesse se vale à expectativa de que há probabilidade maior da expressão do ponto de vista do entrevistado, seja expresso em uma situação de entrevista com perguntas abertas do que por meio de um questionário fechado.

Todos os questionários com perguntas abertas e fechadas foram aplicados pessoalmente aos entrevistados, o que demandou turnos diferentes em dois dias para este fim, procurando o pesquisador adequar-se aos horários dos participantes.

iv.x.i Entrevista com os professores

Pensando em proteger e dar maior liberdade aos respondentes, optamos por não divulgar seus nomes. Para descrever os dados da pesquisa, os designamos através de nomes fictícios, possibilitando uma melhor leitura da pesquisa.

O primeiro entrevistado tem idade entre 41 e 50 anos, possui Ensino Superior Completo na área de Educação e será conhecida pelo nome de Amélia, professora da rede pública de ensino. Ela acessa a internet todos os dias e em todos os turnos, seja de casa ou do trabalho utilizando principalmente telefone, tendo como principal finalidade pesquisas, buscas, notícias, compras virtuais e redes sociais, sendo este último seu principal interesse. No entanto, ela ressalta que procura informar-se de acontecimentos atuais e empreender pesquisas sobre as disciplinas que ministra aulas. Mas que nunca utiliza o Portal Zero Hora para obter estas informações.

Amélia faz questão de dar sua opinião sobre o que acha da internet: “acho a internet muito interessante no momento do conhecimento. Para adquirir conhecimento, e também para encontrar pessoas que não vimos há muito tempo, amigos e familiares, neste sentido acho a internet maravilhosa”⁵⁰.

O segundo respondente vai ser chamado de Paula, tem idade entre 31 e 40 anos, está concluindo o Doutorado na área de educação, ministrada aulas ao Ensino Superior em uma universidade pública. Com acesso a internet todos os dias de diferentes locais, seu maior interesse na web está em fazer pesquisas e buscas, ler notícias, fazer compras, obter informações em sites institucionais de empresas, redes sociais, entre outros fins. Mas os assuntos que mais atraem sua atenção e emprega tempo são notícias ligadas à educação e espiritualidade.

Paula afirma acessar o Portal Zero Hora todos os dias, na busca de notícias sobre educação, política e moda, e que as mesmas continuam a ser debatidas por pelo menos uma semana, em seu ambiente de trabalho e com amigos, até que outras passem a circular e ganhar relevância. Ela considera que as notícias de educação publicada no Portal ZH promovem o conhecimento, pois trazem assuntos relacionados aos diferentes níveis de educação e problemas vivenciados na área.

⁵⁰ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 27/04/2016.

A entrevistada ressalta que para os educandos as notícias tem a utilidade de proporcionar conhecimentos sobre as diferentes realidades educacionais existentes no país, nos diferentes níveis de ensino. Com muita propriedade ela enfatiza que as notícias “informam sobre períodos de inscrições no Enem, Vestibulares e outras possibilidades de acesso ao Ensino Superior e Pós-Graduação. Dicas de leitura e outras temáticas interessantes⁵¹”, o que considera para a realidade deles informações significativas.

Já o que contribui aos educadores as notícias sobre educação veiculadas no Portal, Paula diz que elas permitem manterem-se atualizados das principais questões que estão em pauta na educação nacional, bem como conhecer a realidade da educação em diferentes contextos. “Com as reportagens também apresentam ideias que deram certo em alguns lugares e que podem fazer a diferença na vida dos alunos. Abordam temáticas que podem ser levadas para discussão em sala de aula, bem como serem motivadoras de produções escritas”⁵².

Por outro lado, ela considera que o espaço poderia ser mais bem divulgado, pois ainda há pouco acesso por parte dos educandos ao Portal Zero Hora, e até mesmo pelos professores, os quais passam a se interessar quando as notícias são comentadas por outros colegas em sala de aula ou fora do ambiente de trabalho.

O terceiro entrevistado tem idade entre 41 e 50 anos, possui Ensino Superior Completo com Especialização, vamos denominá-lo de Marcos, ministra aulas para o Ensino Fundamental da rede pública municipal. Seu acesso à internet ocorre todos os dias desde o local de trabalho, em casa até em lugares onde está esperando atendimento, exemplificando, lojas e bancos, por telefone ou computador.

Da finalidade do acesso a internet, ele cita os mais variados possíveis: pesquisas, buscas, notícias, compras virtuais, entretenimento, institucionais de empresas, redes sociais, entre outros, como acesso à conta bancária. Sobre quais assuntos mais

⁵¹ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 27/04/2016.

⁵² Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 27/04/2016.

interessam, Marcos diz que verifica os e-mails e *facebook*, lê notícias, monitora as finanças e por último utiliza como entretenimento.

Marcos visita diariamente o Portal Zero Hora para acessar as notícias de educação e política, as quais depois de lidas continuam a ser discutidas fora do ambiente virtual, especialmente as da sua área, considerando que as mesmas “promovem sim o esclarecimento e debate”⁵³.

No entanto, em sua opinião há uma contradição, quando diz que as notícias de educação veiculadas no Portal não trazem contribuições para os educandos, pois não as vê sendo debatidas ou comentadas por eles, mesmo as envolvendo Enem ou vestibulares, que despertariam maior interesse. Já para os educadores, ele afirma que trazem grandes debates, mas muitas vezes sem solução, atribuindo a isso a alienação e falta de conhecimento sobre os assuntos em questão. Ele finaliza argumentando que “as notícias, quando são debatidas não são aprofundadas, só problematizadas, sem grandes ou nenhuma solução”⁵⁴.

Com idade entre 31 e 40 anos, o quarto entrevistado se chama Conceição, sendo pós-graduada em Educação Especial e mestranda em Educação nas Ciências, atua na Educação Infantil da rede pública municipal. Ela explica que acessa a internet via celular da escola onde trabalha e de casa e seus interesses na rede são para pesquisar, ler notícias, acessar *facebook* e fazer compras. Em relação aos assuntos que mais lhe interessa ela salienta que o principal é para acessar o correio eletrônico e pesquisas referentes à Educação Infantil e a educação como um todo.

Conceição afirma nunca ter acessado o Portal Zero Hora, apesar de já ter ouvido falar em seu ambiente de trabalho, mas que a partir dessa pesquisa pretende iniciar o contato. “Nunca acessei este Portal, mas o farei a partir desta pesquisa, pois fiquei interessada”⁵⁵.

⁵³ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 27/04/2016.

⁵⁴ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 27/04/2016.

⁵⁵ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

O quinto respondente possui mais de 50 anos, está aposentado na função de professor, mas continua lecionando para o sistema público carcerário, na rede pública e privada para o Ensino Médio. Pós-graduado em leitura e literatura, será apresentado como Manuel, tem acesso à internet da escola, faculdade e de casa, todos os dias à noite. Diz se interessa na internet por redes sociais de forma esporádica, dando prioridade às notícias sobre educação, principalmente as que dizem respeito ao Ensino Médio, e realiza pesquisas.

Manuel informa que entra no Portal Zero Hora semanalmente, no turno que tem acesso à internet, e procura diretamente a editoria educação por ser sua área de atuação, expressando notar que os assuntos lá não são atualizados com frequência e que contém poucas matérias. Devido a isso, leva poucos assuntos à discussão para sala de aula, mas que os mesmos promovem o conhecimento.

Das contribuições que as notícias de educação veiculadas no Portal trazem para os educados, o entrevistado diz que isso vai depender muito “do assunto e da sistemática usada ou mediada pela escola ou pelo professor⁵⁶”. Considerando pelas mesmas razões aos educadores, ressaltando que “há interesse por alguns assuntos dependendo do que poderá ser trabalhado nas aulas⁵⁷”.

O sexto e último participante, insere-se na faixa etária entre 21 e 30 anos, possui o Ensino Superior Completo e chama-se Fernando, ministra aulas para o Ensino Fundamental da rede pública municipal, para terceira idade em um projeto local e para jovens e adultos de nível particular.

Do celular, Fernando diz navegar na rede todos os dias, em diferentes horários, do trabalho e de casa, sendo o que mais faz é informar-se das notícias, efetuar pesquisas, interagir nas redes sociais e procurar por sites de compras. Dos assuntos que mais o interessam estão: educação, política, esportes, saúde, notícias locais, regionais e nacionais, e facebook.

⁵⁶ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

⁵⁷ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

O acesso ao Portal Zero Hora acontece semanalmente, onde contata assuntos das editorias: Policial, Economia, Educação, Política e Esportes. Fernando informa que as notícias de educação lidas no Portal de notícias, as quais se sobressaem ao seu interesse, continuam a ser debatidas fora do ambiente virtual. Mas ele explica que depende muito do que está sendo noticiado e do círculo de pessoas com quem se encontra. “Quando estamos em um grupo do meu trabalho, por exemplo, falamos das notícias de educação, o diálogo torna-se mais fácil e flui naturalmente⁵⁸”, explica o entrevistado. Ele complementa dizendo que “muitas vezes um assunto tem discussão momentânea, e dependendo do tema perdura por mais tempo⁵⁹”.

O participante acha que as notícias de educação no Portal, permitem “atualização e a partir do que está noticiado, formar uma opinião sobre os assuntos⁶⁰”.

Sobre as contribuições dessas notícias divulgadas, ele acredita que para os educandos, possibilita conhecer a realidade e debater sobre assuntos, além de deixá-los sempre atualizados em relação ao que acontece no meio que vivem. Aos educadores, Fernando pondera que “como formadores de opinião, os professores devem estar a par dos acontecimentos, buscando promover discussões críticas em relação aos assuntos, não expondo assim sua opinião, mas levantando indagações aos educandos e levando-os à reflexão⁶¹”. Nesse ínterim, segue o gráfico demonstrativo dos acessos dos professores entrevistados.

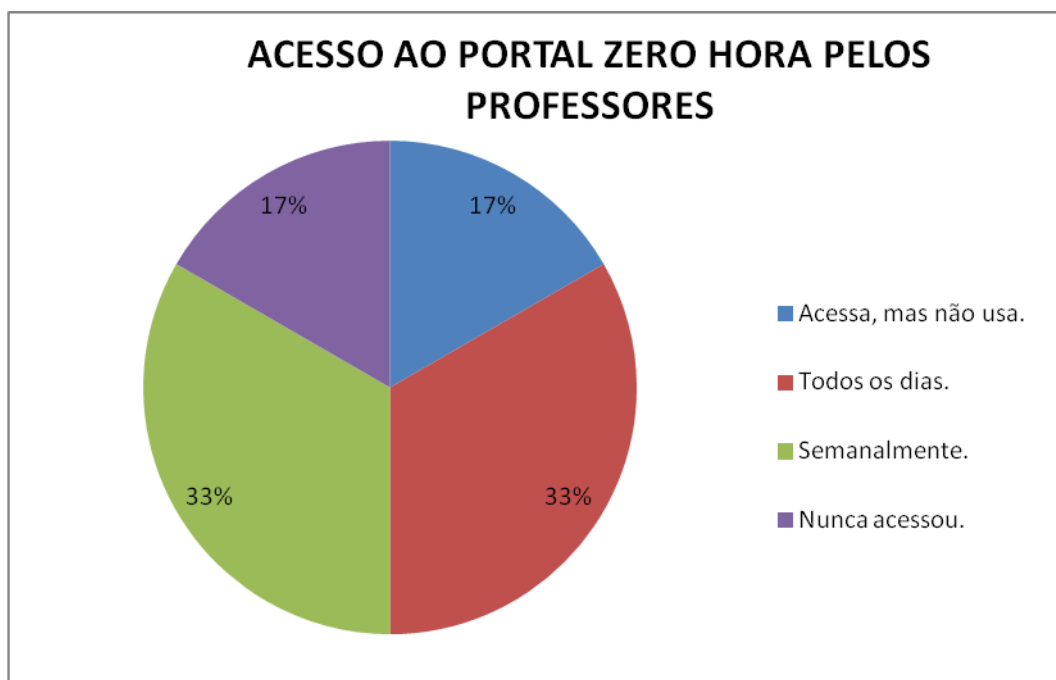
⁵⁸ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

⁵⁹ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

⁶⁰ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

⁶¹ Entrevista concedida em entrevista ao autor desta dissertação 28/04/2016.

Gráfico 3: Acesso ao Portal Zero Hora pelos professores.



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Software Microsoft Excel.

iv.x.ii Análise interpretativa das entrevistas com professores

Após a decupagem das entrevistas realizadas, debruçamo-nos a entender e compreender, levando em consideração as teorias estudadas para composição desta pesquisa, a fim de responder: as informações veiculadas no Portal Zero Hora contribuem para a formação contínua do professor?

A Teoria do agendamento nos diz que a “influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, em longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas” (Pena 2010, p.145). Já a Teoria do knowledge gap nos diz que os meios de comunicação têm efeitos poderosos em longo prazo, ao nível da distribuição e modelação social do conhecimento. Além disso, as diferenças relativas de conhecimento aumentam quando aumenta o fluxo de informação (Sousa 2008).

Ora percebemos que a função de agendamento da mídia postula entre os entrevistados já que os temas enfatizados nas notícias acabam sendo considerados ao longo do tempo importantes por eles. Vimos que os professores estão suscetíveis ao agendamento mediático, pois acabam por organizar suas agendas, embora de modo parcial, a partir dos temas destacados no Portal Zero Hora.

Por estarem parcialmente dependentes da mídia que consultam para a obtenção de informações sobre educação, absorvem e discutem com outros interessados as notícias consultadas no Portal Zero Hora, concorrendo para o estabelecimento de assuntos de educação na agenda pública. Dessa forma, como já afirma McCOMBS (2004, p. 22) “a agenda da mídia estabelece a agenda pública” dos professores.

A partir do interesse dos entrevistados por temas de educação, os quais evidenciam levar a sua prática educativa cotidiana, e o consumo midiático de notícias em relação a este campo, contribuem, por outro lado, para melhorar o seu conhecimento e domínio sobre temas de educação. Neste sentido, aumentando, com grande probabilidade, o distanciamento que socialmente os separa das pessoas e grupos sociais que, não tendo tanto interesse na educação, procuram pouco e consomem poucas notícias sobre este tema. Wolf (1994) considera que os mais beneficiados não são só apenas os que tiverem acesso à informação, mas também àqueles que saibam gerir aquilo que consomem. Detalhe que pode acentuar os desníveis de conhecimento.

Este estudo exploratório nos permitiu perceber de acordo com que salienta Penna (2005), que a mídia online envolve e influencia a realidade social em que os professores estão inseridos, interferindo no cotidiano de seus afazeres e contribuindo para ampliar os conhecimentos sobre assuntos globalizados, nesse caso específicos, a educação. Por outro lado, constatamos através das entrevistas, compactuando assim, com Araújo (2008), quando diz que a capacidade de debate dos indivíduos é uma competência específica de cada um, determinada por hiatos de conhecimentos e de obtenção da informação em meio a grupos mais ou menos politizados.

Assim, de acordo com o que diz Sousa (2006), observamos a partir da realidade dos professores entrevistados que o meio em que eles se relacionam é um dos fatores decisivos que influenciam no tempo que ficam em agenda-setting pós-consumo das notícias. Por outro lado, a ênfase da mídia a um determinado tema, a consonância de mensagens sobre este, podem determinar o maior ou menor sucesso do agendamento. Ora, a motivação para que o assunto seja disseminado a outros receptores, pondera Paulin (2011) vai depender dos enquadramentos dados pela mídia ao fato em si. Um dos fatores que pode restringir o knowledge gap dos professores, e neste caso específico do Portal Zero Hora há pouca atualização de assuntos é um ponto relevante a ser considerado.

A partir do questionamento inicial, tendo por base as respostas da amostra entrevistada, entendemos que as notícias contribuem para a formação contínua do professor. Ainda, confirmamos uma das hipóteses da pesquisa: que a veiculação de notícias de educação no Portal Zero Hora, contribui para o enriquecimento cognitivo cultural e informativo das pessoas em sociedade.

Reiteramos, no entanto, que o viés pelo qual abordamos as questões expostas, denota evidência empírica que possibilita ao pesquisador compreender que por detrás há uma variedade de fenômenos a serem estudados em novas pesquisas, entendendo ser um assunto que não se esgota por aí.

Portanto, procuramos com este estudo exploratório, enriquecer o conteúdo deste estudo de caso, buscando o respaldo teórico em autores como Gil (2010, p.120), o qual infere que “na maioria dos estudos de caso bem conduzidos, a coleta de dados é feita mediante entrevista, observação e análise documental”, passos estes, que procuramos seguir rigorosamente com a finalidade de empreender o êxito naquilo que nos propomos pesquisar.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível compreender a relevância do debate sobre as discursividades jornalísticas na mídia online, especialmente, as que envolvem o tema educação. Neste contexto, entendemos o papel importante que as notícias exercem na construção da realidade social dos indivíduos em sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, cultural e social.

Vimos que os meios online cumprem seu papel na difusão de informações contribuindo para a construção do conhecimento. No entanto, o tema em questão neste estudo de caso – a educação - ainda tem pouco espaço, se formos pensar a sua importância no cenário global e na formação dos indivíduos.

A nossa observação neste sentido, tem início pelo pouco destaque dado à editoria educação dentro do Portal Zero Hora, que inserida dentro de uma sessão que não remete ao tema, passa muitas vezes despercebida por quem acessa o site em busca de notícias corriqueiras e até mesmo sobre o próprio tema. Nossa sugestão, seria que esta mídia online repensasse o enfoque dado à educação, por ser um importante mecanismo de transformação social. Paulo Freire já afirmava “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Seguindo nesta linha de discussão, percebemos que as notícias sobre educação não ganham tanta ênfase como deveriam, e ainda, são pouco exploradas em uma gama salutar de conexões que poderiam ser provocadas com os diversos assuntos do seu contexto. Por outro lado, embora não sejam muitas quanto deveriam, embora o espaço destinado a elas seja pouco aproveitado, a divulgação das notícias de educação produz efeitos que moldam as percepções dos indivíduos, gerando o agendamento público de temas que contribuem para sua vida.

Este processo de investigação empreendido para entender o atual discurso jornalístico sobre educação, tendo como caso o Portal Zero Hora, permitiu a

compreensão maior da necessidade da diversificação dos assuntos que envolvem o tema, para dessa forma atrair mais leitores à editoria. Assim como, da diversificação de gêneros jornalísticos, trazendo mais entrevistas, perfis e reportagens, provocando maior interatividade entre o público que acessa.

Observamos que a ampliação do modo de oferecer as informações antes feitas apenas pelo jornal impresso, passando então a ser também online, contribuiu para melhorar a forma de circulação do discurso jornalístico, onde as matérias sobre educação são veiculadas em maior número. Ora ainda, voltamos a frisar, que o espaço poderia ser melhor aproveitado.

A presente investigação nos proporcionou refletir sobre uma das principais linhas de investigação dos efeitos cognitivos dos meios de comunicação de massa, a Teoria de Agenda-Setting. Desse modo, através da pesquisa qualitativa descobriu-se que as notícias globais, cujo discurso foi analisado podem ser experienciadas de forma diferente de acordo com o contexto cultural de cada povo.

A imersão através da pesquisa exploratória durante este considerável período de tempo, permitiu a este investigador compreender a natureza da inserção dos indivíduos no seu contexto cultural e entender, em termos de causas e consequências, as perspectivas dos mesmos em relação à realidade que experienciam cotidianamente.

Na prática, as pesquisas realizadas em torno do tema, a partir de vários enfoques, permitem que se avance no entendimento de particularidades de um fenômeno ainda novo e em constante modificação, que é a internet.

No entanto, o contexto deste trabalho deixa claro, que um novo ambiente de comunicação nasce junto com a internet, e com ela cresce de forma estrondosa o volume de informações divulgadas diariamente. Compreendemos que tal fenômeno mudou a maneira das pessoas se comunicarem entre si.

Entendemos que as mudanças não são necessariamente negativas, porém implicam na origem de novos padrões estruturais, culturais e educacionais. Ora, podemos exemplificar que a mediação pelo computador gerou outras formas de estabelecimento de relações sociais, fato constatado por esta pesquisa e por outros pesquisadores nos mais diversos estudos realizados sobre o tema.

Vislumbramos com esta pesquisa: colaborar para o aprimoramento da divulgação de informação com qualidade, responsabilidade e maior senso crítico a respeito da educação; contribuir para que a mídia online cumpra seu papel de fomentar educação, cultura e conhecimento através da tecnologia; mostrar à comunidade que as investigações científicas podem ajudar a promover o desenvolvimento humano advindo da inovação tecnológica no campo da educação com temas da atualidade; contribuir para a formação de educadores que compreendam as realidades desta nova comunicação midiática; despertar a necessidade de maiores estudos desta natureza na área educacional, tendo em vista principalmente o avanço da internet como meio de comunicação e a sua importância no incentivo a educação.

Diante das constatações as quais chegou esta dissertação, e até mesmo de outras que naturalmente ficaram em aberto, uma das principais expectativas desta pesquisa é a de que possa servir, contribuindo como suporte bibliográfico para outros pesquisadores e como embasamento teórico para futuros estudos na área.

Embora a comunicação tenha se transformando com a disseminação dos novos meios de comunicação e informação, a educação em seus diversos âmbitos formadores de sentido continua sendo uma prática imprescindível para compreender as linguagens veiculadas pelas distintas mídias e adentrar criticamente nas informações que permeiam a vida cotidiana, por este viés podemos afirmar que: mídia e educação são caminhos conectados para um mundo em transformação.

BIBLIOGRAFIAS

Adghirni, Z. L. (2001). *Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos?* Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Informação. Campo Grande, Brasil.

Aguado, J. M.; TORRES, M. B. P. (2010). *Convergencia y nuevas rutinas profesionales: luces y sombras del periodista polivalente en las redaciones españolas*. In: LÓPEZ, X. ; PEREIRA, X. (Org.). *Convergência digital. Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

Albuquerque, M.R.; SANTOS, M. S. T. (2014). *Rádio e Ciberespaço na Educação a Distância: Uma Experiência com Professoras da Educação Básica*. Revista Contexto & Educação. Editora Unijuí, nº 94, Set./Dez.. P. 179-211. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/3163/4696>>. [Consultado em Abril de 2016].

Alsina, M.R. (2009). *A construção da notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Antoun, H. (2004). *Democracia, Multidão e Guerra no Ciberespaço*. In: André Parente. (Org.). *Tramas da Rede*. 1a ed. Porto Alegre.

Araújo, E. R.; SOUZA, E. C. (2008). *Obras jornalísticas – uma Síntese*. 3ª ed. Brasília: Vesticon.

Baccega, M. A.(1998). *Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação*. São Paulo.

Baroni, D.; ROSA, T. R. O.; PONZONI, R. M.; BACELAR, R. B. (2013). *O gênero textual Notícia: do jornal impresso ao online*. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/o-genero-textual-noticia-do-jornal-impresso-ao-on-line>>. [Consultado em Maio de 2016].

Bardin, L (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.

Bardoel, J.; DEUZE, M. (2001). *Network Journalism: converging competences of old and new media professionals*. Disponível em <<https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/2022/3201/1/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf>>. [Consultado em Maio de 2016].

Barros Filho, C. de. (2003). *Ética na comunicação*. 4 ed. São Paulo: Summus.

Bazalgette, C.; BÉVORT, E.; SAVINO, J.(1992). *L'éducation aux medias dans le monde: nouvelles orientations*. Paris: BFI/CLEMI/UNESCO.

Belloni, M.L.; SUBTIL, M.J. (2002). *Dos audiovisuais à multimídia*. In: BELLONI, M.L. (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola.

Belloni, M.L.; BÉVORT, E. (2009). *Mídia-educação: conceitos, história e perspectiva*. In *Educação e sociedade*. Campinas, vol 30, nº 104, p.1081-1102, set/dez, 2009.

Bondezzan, M. (2016). *Educação e comunicação: de um julgamento condenatório moralizante para uma relação dialógica democrática*. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/87.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016. [Consultado em Abril de 2016].

Buckingham, D. (2007). *De Grünwald à Paris: pour quoi l'éducation aux médias?* In: UNESCO. *L'éducation aux médias: Actes, synthèse et recommandations do Encontro Internacional de Paris*. Paris.

Buckingham, D.; et alii .ARTIGAS, L.(2002). *Youth media education. the seville seminar*. UNESCO Communication Development Division. 2002. Disponível em: <<http://portal.unesco.org/ci/en/files/5680/10346121330>>.[Consultado em Janeiro de 2016].

Brasil, 1995, Nota Conjunta (2016). *Ministério das Comunicações e Ministério da Ciência e Tecnologia*. 31 maio. Disponível em: <<http://www.cgi.br/regulamentacao/notas.htm>>.[Consultado em Janeiro de 2016].

Brasil, (1999). *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/ Secretaria de Ensino Médio*. Brasília, MEC/SEM.

Cabral, A. M. (2012). *Manipulação, simulação e infoimagem - A Realidade expandida no telejornalismo*. In: PORCELLO, F.; VIZEU, A.; COUTINHO, I. (Orgs.). *O Brasil (é) ditado*. Florianópolis: Insular.

Cappelle, M.A.; “ et alii ”. (2003). *Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais*. *Revista de Administração da UFLA*, v.5, n.1, jan-jun,. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251/248>. [Consultado em Abril de 2016].

Caprino, M. P.; PERAZZO, P. F.(2011) *História oral e estudos de comunicação e cultura*. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 18, n. 13, p. 801-815.

Carneiro, R. (2002). *Informática na educação: representações sociais do cotidiano*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2001) *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 2.

Castells, M. (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Carvalho, R. E. (2001). *A incorporação das tecnologias na educação especial para a construção do conhecimento*. In: SILVA, S.; VIZIM, M. (Org.). *Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados*. Campinas: Mercado de Letras.

Citelli, A. (2000). *Educação e mudanças: novos modos de conhecer*. (Org.). In. *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez.

Costa, G. L. M. (2016) *Mudanças da cultura docente em um contexto de trabalho colaborativo mediado pelas tecnologias de informação e comunicação*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 152-165, jan./abr.

Cruz, P. M. (2016). *Ensaio sobre a necessidade de uma teoria para a superação democrática do estado constitucional moderno*. Disponível em: <http://www.conpedi.org/manuel/arquivos/anais/recife/politica_paulo_marcio_cruz.pdf> .[Consultado em Janeiro de 2016].

Dalmonete, E.F. (2009). *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, para texto e comunidades de experiência*. Salvador: EDUFBA.

Demo, P. (2008). *TICs e educação*. <http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br>. Acesso março/2016. [Consultado em Março de 2016].

Duarte, J.; BARROS, A. (orgs) (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Atlas.

Faccin, M. J. *Zero Hora, a voz que une os gaúchos*. In *Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia*. Fortaleza, 2009. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Zero%20Hora-%20a%20voz%20que%20une%20os%20gauchos.pdf>>. Acesso em 15/08/2015>. [Consultado em Agosto de 2015].

Fantin, M. (2006). *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura.

Felippi, Â. C. T. (2006). *Jornalismo e Identidade Cultural – Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora*. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS.

Filho, J. M. B (2008). *Possibilidades e Limitações do uso de Softwares de suporte a gestão democrática de escolas públicas de educação básica do estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ambientes Educacionais, Desenvolvimento Humano e Práticas de Intervenção). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Presidente Prudente/SP.

Flick, Uwe (2004). *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.

França, G. M.; FERRAGINI, B. C. (2012). *Reflexões sobre a evolução e as perspectivas do Agenda-Setting*. Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0426-1.pdf>>. [Consultado em Abril de 2016].

Freixo, M. J.V. (2010). *Metodologia Científica: fundamentos, métodos e técnicas*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget.

Freire, P. (1981). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez / Autores e Associados.

Freire, P. (1993). *Comunicação ou extensão*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1997) *Desafios da educação de Adultos frente à nova reestruturação tecnológica*. Seminário Internacional Educação e Escolarização de Jovens e Adultos (1996, São Paulo: IBEAC) v.1. Brasília: MEC.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gaskell, G. BAUER, M.W. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gates. B.(1995). *A Estrada do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gil, A, C (1999). *Métodos e técnicas em pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas.

Gil, A. C.(2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Goldenberg, M. (2009). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Gomes, W (2003). *A Transformação da Política*. Versão manuscrita original.

Gómez, G. O. (2010). *Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos*. Revista Comunicação e Educação. n 10. São Paulo: Moderna/CCA.

Gomez, M. V. FREIRE, P. (1999). *Re-leitura para uma teoria da Informática na educação*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.

Gonnet, J. (2004). *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola.

Gutiérrez, F. (1978). *Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus.

Herscovitz, G. H. (2007). *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes.

Hohlfeldt, A. (1997). *Os estudos sobre a hipótese de agendamento*. Porto Alegre: Revista FAMECOS, n°7. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/>. [Consultado em Abril de 2016].

Hohlfeldt, A. (2001). *As origens antigas: a comunicação e as civilizações*. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; VEIGA, V. F. (Orgs.). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes.

Hohlfeldt, A. MARTINO, L. C. (Orgs). (2001). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes.

Jacks, N. (1999). *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção.* Porto Alegre: Ed.UFRGS.

Jacks, N.; ESCOSTEGUY, A. C. (2005). *Comunicação e Recepção.* São Paulo:Hacker Editores.

Jenkins, H.(2009). *A cultura da convergência.* Tradução Suzana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph.

Junior, A. A. C.; Schmitz, H.; NETO, A. C. (2012). *Adaptação, melhoramento e gerenciamento de um software de gestão educacional e sua influência na gestão democrático-participativa.* In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL: Educação e Contemporaneidade. São Cristovão/SE:. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/687/1/SoftwareGestaoComputacao.pdf>>. [Consultado em Junho de 2016].

Junior, W. C. F.(2009). *Análise de Conteúdo.* In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas.

Kalinke, Marco Aurélio (1999). *Para não ser um Professor do Século Passado.* Curitiba: Gráfica Exponente.

Kaplún, M. (1999). *Processos educativos e canais de comunicação.* In Comunicação e Educação, jan./abr.

Kaplún, M. (1999). *Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.* In Contato, Brasília, Ano 1, M 1, jan./mar.

Kearsley, G. (2016). *Teaching Excellence: The Foundation for Technology.* Disponível em <<http://www.gwu.edu/~etl/excell.html>>. [Consultado em Fevereiro de 2016].

Kenski, V. M. (2003). *Tecnologias e ensino presencial e a distância.* Campinas, SP: Papirus.

Krucsay, S. (1999). *Educating for the Media and the Digital Age.* Viena: Unesco. Disponível em <<http://www.mediamanual.at/en/pdf/recommendations.pdf>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Lakatos, E. M.; MARCONI, M. A. (2000). *Metodologia científica.* 3ª ed. São Paulo: Atlas.

Lévy, P.(1996). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.* Rio de Janeiro: Ed. 34.

Lévy, P.(1999). *Cibercultura.* Rio de Janeiro: Ed. 34.

Lévy. P. (2003). *Ciberdemocracia.* Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Libâneo, J. C. (2007). et al. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização.* 5.ed. São Paulo : Cortez.

Lincke, M. C.; MACHADO, M. B. C. (2015). *A Construção da Credibilidade e a Publicidade Autorreferencial: uma análise da campanha de 50 anos de Zero Hora*. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/historia-da-publicidade-e-da-comunicacao-institucional/a-construcao-da-credibilidade-e-a-publicidade-autorreferencial-uma-analise-da-campanha-de-50-anos-de-zero-hora/view>>. [Consultado em Maio de 2016].

Lindemann, C. (2014). *O jornal Zero Hora e seus leitores no contexto de convergência jornalística*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Luck, H. et al. (2000). *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Martín-Barbero, J. (1997). *Heredando el futuro: pensar la Educación desde la Comunicación*. Bogotá: Nomadas.

Masetto, M. T. (2000). *Mediação pedagógica e o uso da tecnologia*. In: MORAN, J. M. (org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

Melo, J. M. (1994). *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes.

Meneguzzo, I. S. (2007). *Considerações acerca do atual contexto socioeconômico e educacional do Brasil e sua repercussão no pensamento de conservação ambiental*. Curitiba: Editora UFPR, n. 13.

Mendes e Silva, M. A. S. (2005). *On Discourse Analysis*. Revista de Psicologia da UNESP, 4(1).

Minayo, M. C. de S. (org.) (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.

Moraes, M. C. (1997) *Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação*. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan.

Moran, J. M. “et alii”. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 6. ed. Campinas: Papirus.

Mccombs, M. (2004). *Setting the agenda – the mass media and public opinion*. Cambridge: Plity Press. [Consultado em Abril de 2016].

Neto, O. C.; Moreira, M. R.; Sucena, L. F. M. (2002). *Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação*. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 4 a 8 de novembro de 2002, Ouro Preto. Anais. Ouro Preto.

Nunes, V. W. do N. (2010). *Tecnologias de Informação e Comunicação nos processos de ensino e aprendizagem: construindo uma escola autora*. Disponível em <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja>>

&ved=0CCkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.gtimotheo.com%2Fetic2010%2Fuplo ads%2FTexto_etic_2010>. [Consultado em Abril de 2016].

Organisation Des Nations Unies Pour L'education, La Science Et La Culture (UNESCO) (1984). *L'education aux médias*. Paris. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Organisation Des Nations Unies Pour L'education, La Science Et La Culture (UNESCO) (1999). *International Conference Educating for the Media and Digital Age*. Vienna. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Organisation Des Nations Unies Pour L'education, La Science Et La Culture (UNESCO) (2005). *L'education aux médias: actes e synthèse do Seminário Euro-mediterrâneo*. Paris. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Organisation Des Nations Unies Pour L'education, La Science Et La Culture (UNESCO) (2007). *L'education aux médias: actes, synthèse et recommandations do Encontro Internacional de Paris*. Paris. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciências e a Cultura (UNESCO) (2013). *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Brasília: UNESCO, 2013. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Orlandi, E. P. (2003). *Análise do discurso - Princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes.

Palacios, M. (2002). *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>>. [Consultado em Maio de 2015]

Paulin, B. do A. (2011). *Estereótipos do Britpop através dos enquadramentos da revista New Musical Express*. IN. PEDROSO, D.; COUTINHO, L. SANTOS, V. J. (Orgs). *Comunicação midiática: matizes, representações e reconfigurações*. EDIPUCRS, Porto Alegre.

Pena, F. (2005). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto.

Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Piaget, J. (1984). *Psicologia e pedagogia*. São Paulo: Summus.

Primo, A. (2007). *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina.

Proinfo. (2000): *Informática e formação de professores / Secretaria de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, Seed.

RBS, G. (2011). *Guia de ética e autorregulamentação jornalística* / Grupo RBS. – Porto Alegre: RBS Publicações. Disponível em < http://www.gruporbs.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Guia_de_Etica_e_Autorregulamentacao_Jornalistica.pdf>. [Consultado em Agosto de 2015]

Rezende, D. A.; Abreu, A. F. (2001). *Tecnologia da Informação – Aplicada a Sistemas de Informação Empresarias*. São Paulo: Atlas.

Rocha, D.; Deusdará, B. (2005). *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>. [Consultado em Junho de 2016]

Rocha, D.; DEUSDARÁ, B. (2006). *Análise de conteúdo e análise do discurso: o linguístico e seu entorno*. Delta. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada v. 22.

Rosário, N. M. (2006). *A via da complementaridade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos*. In: MALDONADO, A. E. et alii. *Metologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina.

Ramal, A. C. (2002). *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Rego, T. C. (2000). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Sancho, J. M. (org.). (2001). *Para uma tecnologia educacional*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

Santos, M. D. S. dos; (2010). *Da pirâmide invertida à pirâmide multidirecional - a discursividade jornalística no Último Segundo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas (Ufam). AM: Manaus.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

Soares, I. O. (2001). *Um novo campo entre a comunicação e a educação*. Disponível em <<http://www.educabrasil.com.br>>. [Consultado em Maio de 2016].

Soares, I. O. (2011). *Educomunicação: um campo de mediações*. In: CITELLI, A. O.; Costa, M. C. C. (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas.

Sobreiro, M.A. Freinet C.; Korczak J. (2002). *Precursos do jornal escolar, 2010*. In: BACCEGA, M.A. (org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas.

Sobrinho, D. A. (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, V. 47.

Sodré, M. (2007). *Sobre a episteme comunicacional*. Revista Matrizes, nº1, outubro.

Sousa, J. P. (2002). *Construindo uma teoria do jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. BOCC. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf>>.
[Consultado em Abril de 2016]

Sousa, J. P. (2006) – *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. 2ª Edição.

Sousa, J. P. (2008). *Os Estudos Jornalísticos após 1950: a consolidação de um campo científico*. Universidade Fernando Pessoa: Porto/ Portugal. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estudos-jornalisticos-apos-1950.pdf>> >
[Consultado em Junho de 2016]

Schirmer, L.(2002). *RBS: Da voz do poste à multimídia*. Porto Alegre: L&PM.

Straubhaar, J.; LAROSE, R. M. (2004). *Comunicação, mídia e tecnologia*. EDIÇÃO. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Tajra, S. F. (1998). *Informática na educação: professor na atualidade*. São Paulo: Érica.

Tardif, J.(1998). *Intégrer les nouvelles technologies de l'information. Quel cadre pédagogique?* Paris: ESF éditeur.

Tônus, M.(2008) *Interação do Processo de Aprendizagem em Comunicação Social*. In: PRIMO, A.(Orgs.). *Comunicação e Interações*. Livro da COMPÓS. Porto Alegre: Sulina.

Tuchmann, G. (1983). *La producción de la noticia: estudo sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gili.

Thoman, E.(1990). *New directions in media education*. Toulouse: International Media Literacy Conference in Toulouse/Unesco. Disponível em <http://www.mediagram.ru/netcat_files/106/104/h_7fe56ea22e436049bf54427065a06679>. [Consultado em Janeiro de 2016]

Traquina, N. (2000). *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva.

Unidas, N. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. New York: ONU. Disponível em < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

United Nation Educational Scientific And Cultural Organization (UNESCO). (1982). *Grunwald Declaration On Media Education*. Grunwald, Germany: UNESCO, 1982. Disponível em < http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF>. [Consultado em Janeiro de 2016].

United Nation Educational Scientific And Cultural Organization (UNESCO). (2007). *Paris agenda or 12 recommendations for media education*. Paris: Unesco. Disponível em: <http://www.ifap.ru/pr/2007/070625ba.pdf>. [Consultado em Janeiro de 2016].

United Nation Educational Scientific And Cultural Organization (UNESCO). (2011). *Declaration on media and information literacy*. Marrocos: Unesco. Disponível em

<<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/Fez%20Declaration.pdf>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

United Nation Educational Scientific And Cultural Organization (UNESCO). (2014). *Paris Declaration on Media and Information Literacy in the Digital Era*. Paris: Unesco. Disponível em <http://www.unesco.org/new/fileadmin/claration.pdf>. Acesso em: jan/2016. [Consultado em Janeiro de 2016].

United Nation Educational Scientific And Cultural Organization (UNESCO). (2016). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. New York: ONU, 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. [Consultado em Janeiro de 2016].

Vieira, E. *Os Bastidores da Internet no Brasil: As histórias de sucesso e de fracasso que marcaram a Web brasileira*. 1ª edição. Barueri: Ed. Manole, 2003.

Vizeu, A. (2000). *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Wolf, M (1994). *Los Efectos Sociales de los Media*. Barcelona: Paidós.

Wolf, M (2003). *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes.

Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação*. Lisboa. Presença.

Wolton, D. (2007). *Internet, e depois?* Uma teoria crítica das novas mídias. Trad. Isabel Crossetti. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina.

Yin, R. K (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ª edição. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

ANEXO - I – GUIA DE ENTREVISTAS AOS DOCENTES



ENTREVISTA AOS DOCENTES

Esta entrevista tem como objetivo recolher informações para a investigação no âmbito de uma Tese e Mestrado sobre Análise do discurso jornalístico sobre educação, caso do Portal Zero Hora. As informações são confidenciais e anónimas. Agradecemos-lhe, desde já, a disponibilidade.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua idade?

- () Até 15 anos () 15 a 20 anos
() 21 a 30 anos () 31 a 40 anos
() 41 a 50 anos () mais de 51 anos

2. Sexo ?

- () Masculino () Feminino

3. Qual o seu nível de escolaridade?

- () Ensino fundamental completo (1º grau)
() Ensino fundamental incompleto
() Ensino médio completo (2º grau)
() Ensino médio incompleto
() Nível superior completo (3º grau)
() Nível superior incompleto
() Outro, descreva _pós graduação_____
- () Outros, descreva _____

4. Em qual(is) local(is) possui acesso à Internet?

* Marque mais de uma opção

- Empresa (no trabalho)
- Em sua Casa
- Escolas, faculdades
- Lan House

- Telefone

- Todos
- Outros, descreva _____

5. Com que frequência acessa a Internet?

- diariamente semanalmente
- mensalmente anualmente

6. Em qual(is) período(s) a Internet é acessada por você?

- Matutino (manhã)
- Vespertino (tarde)
- Noturno (noite)

- Todos

7. Para qual(is) finalidade(s) utiliza a Internet?

* Marque mais de uma opção

- Pesquisas, buscas

- Notícias
- Compras virtuais

- Entretenimento
- Institucionais de empresas

- Redes Sociais
- Outros, descreva _____

8. Quais assuntos mais interessam quando acessa a internet?

9. Tem acesso ao Portal Zero Hora/ Click RBS?

- sim não

10. Com qual frequência?

- diariamente semanalmente
 mensalmente anualmente

11. Quais assuntos mais lhe interessam quando acessa?

- Policial
 Economia
 Educação
 Política
 Moda
 Outros, descreva _____

12. As notícias de educação lidas no Portal de notícias continuam a ser debatidas fora do ambiente virtual?

- Sim Não

Por quanto tempo?

Explique: _____

13. As notícias de educação no Portal promovem o conhecimento

- Sim Não

Explique:

14. Na sua opinião, que contribuições as notícias de educação veiculadas no Portal trazem para:

Educandos. Explique:

Educadores. Explique:

16. Se achar necessário, faça outras considerações.

ANEXO - II- GUIA DE ENTREVISTAS À EDITORIA DIGITAL DE EDUCAÇÃO DO PORTAL ZERO HORA



ENTREVISTA A EDITORIA DIGITAL DE EDUCAÇÃO
DO PORTAL ZERO HORA

Esta entrevista tem como objetivo recolher informações para a investigação no âmbito de uma Tese e Mestrado sobre Análise do discurso jornalístico sobre educação, caso do Portal Zero Hora. As informações são confidenciais e anónimas. Agradecemos-lhe, desde já, a disponibilidade.

1- Quantas pessoas trabalham na produção de notícias da editoria?

2- Como acontece a seleção de notícias que chegam ao Portal?

3- Há um gênero jornalístico preferido para predominar no Portal? Por quê?

4- Como é formatada a pauta da Editoria?

5- Há temas prioritários? Quais?

6- O interesse público é levado em conta? Como isso acontece?

7- Há a participação do público na definição dos temas os quais serão produzidas as notícias?

8- E como acontece esta participação do público?

9- Em sua opinião como o discurso jornalístico no Portal contribui na disseminação assuntos ligados a educação?

10- O que levou o Zero Hora à tendência digital?

11- Há uma história desta iniciativa digital?

12- Como são mensurados o alcance e o resultado do Portal?

ANEXO - III- PÁGINA PRINCIPAL, PROCURANDO EDITORIA DE EDUCAÇÃO

The screenshot shows the Zero Hora website interface. At the top, there is a navigation bar with the following items: Menu, Capa ZH, and the ZH logo. Below this, a secondary navigation bar lists various categories: Notícias, Entretenimento, Esportes, Porto Alegre, Vida e Estilo, Mais ZH, Assinantes, and Opinião. A dropdown menu is open under 'Vida e Estilo', listing sub-categories: Últimas, Casa&Cla, Donna, Destemperados, Educação (highlighted in blue), Empregos, Tecnologia, Veículos, Viagem, Vida, Fale Conosco, and Encare a crise. The main content area features a large image of a man in a suit, with the headline 'Temer descarta Mariz de Oliveira no Ministério da Justiça, dizem jornal e revista'. To the right, there are several advertisements, including one for 'ZH DIGITAL' and another for 'Vovó Revela Seu Método: Não use BOTOX, Use Isto!'. The URL in the browser's address bar is 'zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/'.

Print site: www.zerohora.com

ANEXO - IV- SEÇÃO “VIDA E ESTILO”, DIRETÓRIO EM QUE LOCALI-SE A EDITORIA DE EDUCAÇÃO



Print site: www.zerohora.com

ANEXO - V- DESTAQUES NA PÁGINA

The image shows a screenshot of the Zero Hora website's 'Educação' (Education) section. The page is viewed in a browser window with the URL zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/. The page features a blue header with the 'Educação' title and navigation links for 'Últimas', 'Vestibular', and 'Enem'. Below the header, a 'DESTAQUES' (Highlights) section is visible, containing a list of featured articles. The first article is titled 'UFRGS divulga lista de leituras obrigatórias do vestibular 2017' (UFRGS publishes list of mandatory readings for the 2017 vestibular exam), accompanied by a photo of a man. Below this, there are four more article teasers, each with a small image and a title: 'Jornalismo e engenharias em baixa. Veja como tirar proveito da má fase' (Journalism and engineering in low. See how to take advantage of the bad phase), 'Ócio produtivo' (Productive leisure) with the sub-headline 'Passou em segundo semestre? Veja como aproveitar os meses de folga' (Passed the second semester? See how to enjoy the months of vacation), 'Inovação' (Innovation) with the sub-headline 'Universidade de Stanford inscreve para curso de empreendedorismo' (Stanford University registers for entrepreneurship course), and 'Idiomas' (Languages) with the sub-headline 'Conhecimento em línguas facilita os estudos na graduação' (Knowledge in languages facilitates studies in graduation).

zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/

Apps Facebook https://www.google.c Google Maps Pesquisar FGTAS - Agências FGT Juntas de Serviço Militi HC www.hotcourses.com


clíc RBS Esportes Todas Classificados hagah Busca: Em: Todo o clic OK

Menu Capa ZH ZH Vida e Estilo Olá, Elenara Alterar Cadastro Sair

Educação

Últimas · Vestibular · Enem

DESTAQUES




Calo Fernando Abreu, morto em 1996, aparece na relação com "Morangos Mofados"

Listão Iterário


UFRGS divulga lista de leituras obrigatórias do vestibular 2017

Não tá tranquilo, mas...
Jornalismo e engenharias em baixa.
Veja como tirar proveito da má fase



zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/

Apps Facebook https://www.google.c Google Maps Pesquisar FGTAS - Agências FGT Juntas de Serviço Militi HC www.hotcourses.com




Calo Fernando Abreu, morto em 1996, aparece na relação com "Morangos Mofados"


Listão Iterário

UFRGS divulga lista de leituras obrigatórias do vestibular 2017


Não tá tranquilo, mas...
Jornalismo e engenharias em baixa.
Veja como tirar proveito da má fase




Ócio produtivo
Passou em segundo semestre? Veja como aproveitar os meses de folga



Inovação
Universidade de Stanford inscreve para curso de empreendedorismo



Idiomas
Conhecimento em línguas facilita os estudos na graduação



ANEXO – VI – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE

Publicada em 08/10/2015

The screenshot shows a web browser window displaying a news article on the Zero Hora website. The address bar shows the URL: zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/10/argentina-e-boa-opcao-de-destino-para-intercambio-rapido-4865123.html. The browser's address bar also shows several search engines and services like Google Maps, FGTAS, and Juntas de Serviço Militar.

The website header includes a navigation menu with 'Menu' and 'Capa ZH', the logo 'ZH Educação', and a user profile 'Olá, Elenara' with options to 'Alterar' or 'Cadastro Sair'.

The main content area features a blue banner for 'USB Intercâmbio - Viaje' with the text 'Estude na Irlanda - Dublin, Cork e Galway. Promoções incréditas' and a green arrow button. Below this is the article header: 'Argentina é boa opção de destino para intercâmbio rápido' by Juliana Forner, dated 08/10/2015 at 04h06min. The article text begins with 'O país tende a ser mais barato do que vários outros no Exterior'. A large photograph of a busy city street with pedestrians and cars is shown below the text. A small caption reads 'Foto: Ver Descrição / Ver Descrição'.

On the right side, there is a sidebar with a 'revistadonna.com' advertisement featuring a laptop displaying the magazine cover. Below the ad is a yellow box titled 'DESTAQUES DA MANHA' with the text 'Receba no seu e-mail, de segunda a sexta, as principais notícias de ZH para você começar o dia bem informado.' and a form to enter an email address and click 'Enviar'. At the bottom of the sidebar, there are social media icons for Facebook, Twitter, and Google+, and a 'Linha' (line) indicator showing 1.9M.

Print site: www.zerohora.com

ANEXO – VII – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE

Publicada 28/02/2016

zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2016/02/conhecimento-em-linguas-estrangeiras-facilita-o-estudo-na-graduacao-4982690.html

Apps Facebook https://www.google.c Google Maps Pesquisar FGTAS - Agências FGT Juntas de Serviço Mil www.hotcourses.com

Menu Capa ZH ZH Educação Olá, Elenara Alterar Cadastro Sair

Publicidade

+Babbel Qual idioma você

Alemão Inglês Francês Italiano Espanhol Sueco Holandês Norueguês

Educação

Conhecimento em línguas estrangeiras facilita o estudo na graduação

Confira os idiomas que estão mais alinhadas à rotina dos cursos superiores e que aparecem com frequência na bibliografia técnica

Por: Bruna Vargas
28/02/2016 - 09h22min

Compartilhar

Publicidade

Revelou o segredo que terminou com as linhas da atriz famosa.

Legalizada no Brasil, nova pilla da inteligência intriga os médicos.

DESTAQUES DA MANHÃ

Receba no seu e-mail, de segunda a sexta, as principais notícias de ZH para você começar o dia bem informado.

Seu e-mail Enviar

Siga ZH nas redes sociais

f t g+

1.9M

Print site: www.zerohora.com

ANEXO – VIII – PREDOMINÂNCIA DE NOTÍCIAS ANTIGAS COMO DESTAQUE

Publicada 07/04 /2016

zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2016/04/jornalismo-e-engenharias-em-baixa-veja-como-tirar-proveito-da-ma-fase-5755791.html

Apps Facebook https://www.google.c Google Maps Pesquisar FGTAS - Agências FGT Juntas de Serviço Milí www.hotcourses.com

Menu Capa ZH ZH Educação Olá, Elenara Alterar Cadastro Sair

Publicidade

HBO PIXELS ESTE MÊS VER MAIS

Não tá tranquilo, mas...

Jornalismo e engenharias em baixa. Veja como tirar proveito da má fase

Especialistas e profissionais de áreas em recessão falam como enfrentar o mercado e não desistir do sonho profissional diante das adversidades

Por: Bruna Vargas
07/04/2016 - 09:40:55min | Atualizada em 07/04/2016 - 13:02min

Compartilhar f t g+

Publicidade

Pílula capaz de "turbinar" o cérebro e aumentar o QI em 47% é lançada no Brasil

Suplemento que queima calorias dormindo surpreende médicos.

DESTAQUES DA MANHA

Receba no seu e-mail, de segunda a sexta, as principais notícias de ZH para você começar o dia bem informado.

Seu e-mail Enviar

Siga ZH nas redes sociais

f t g+

1.3M

As jornalistas Andressa e Juliana uniram os conhecimentos em comunicação ao gosto pela gastronomia

Print site: www.zerohora.com


ANEXO – IX – NOTÍCIAS MAIS LIDAS DO PORTAL

zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticias-mais-lidas/

Apps YouTube Legião dos Heróis - S

Ordenar por **mais recentes**, mais lidas, mais comentadas Somente os destaques do editor

02h00




Alunos no controle 19/05/2016 | 02h00

O que move as ocupações de escolas no Estado

Estudantes dizem que 76 colégios estão envolvidos na Capital e no Interior. Levantamento de ZH confirmou ocupação em 28 dessas instituições

- ocupações
- ocupação
- ensino estadual
- sec
- ubes
- Cpers
- escolas

05h01




Pela padronização 07/08/2015 | 05h01

Confira um resumo das normas da ABNT para trabalhos acadêmicos

Regras de formatação e organização devem ser seguidas em todos os níveis do Ensino Superior no Brasil, da graduação ao pós-doutorado

- academia
- educação
- ensino superior
- universidade

20h02



Lattes mas não morde 26/08/2015 | 20h02


Saiba como fazer e o que é preciso inserir no seu currículo Lattes

De preenchimento simples, plataforma de currículo acadêmico é bem menos misteriosa do que se imagina. Confira dicas para criar o seu

- currículo

Aguardando search.spotchange.com...

01h07




Educação Destaque 21/05/2016 | 01h07

Enem 2016: encerrado prazo para inscrições

Pagamento deve ser realizado até a próxima quarta-feira

- educação
- provas
- inscrições
- Enem
- Enem 2016

06h03




Texto acadêmico Destaque 14/05/2015 | 06h03

Confira 10 dicas para escrever um bom artigo em inglês

Especialistas falam sobre os erros mais cometidos nos textos, que exigem uma série de cuidados

- educação
- ensino
- ensino superior
- inglês

06h03



Carreiras 02/07/2015 | 06h03

Mercado de estética é um dos mais promissores no Brasil

Área exige qualificação e atualização constante dos profissionais

- carreiras
- ensino superior
- estética

ANEXO – X – ENEM E VESTIBULAR TEM SUBEDITORIA NA PÁGINA DE EDUCAÇÃO E APARECE NO MAIOR NÚMERO DE NOTÍCIAS



Print site: www.zerohora.com

ANEXO – X I – ENEM É O PRIMEIRO TEMA MAIS ABORDADO NO PORTAL ZERO HORA

zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/03/entenda-a-metodologia-de-avaliacao-do-enem-4726052.html

Apps Facebook https://www.google.c Google Maps Pesquisar FGTAS - Agências FG Juntas de Serviço Mil www.hotcourses.com

Infográfico Publicidade

Entenda a metodologia de avaliação do Enem

Veja como a Teoria de Resposta ao Item consegue identificar quem tem mais conhecimento

26/03/2015 - 04h02min Compartilhar




Foto: Creativa Images / Shutterstock

Desde 2009, o Inep utiliza a Teoria da Resposta ao Item (TRI) para calcular as notas do Enem. As perguntas são classificadas em uma escala entre 0 e 1000. A TRI não conta apenas o número de acertos, mas a coerência no desempenho. É uma maneira de valorizar os que realmente sabem e separá-los de quem chuta.

[Leia mais notícias sobre educação](#)
[Municípios tem até junho para concluir Plano de Educação](#)

DES Receba segunda notícia começa Seu e-mail Siga f Lib

Publicidade

Print site: www.zerohora.com

ANEXO – X I I - VESTIBULAR É O SEGUNDO TEMA MAIS ABORDADO NO PORTAL ZERO HORA

The screenshot shows a web browser window with the URL zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/#. The page features a blue navigation bar with the text "Últimas · Vestibular · Enem".

DESTAQUES

ENEM

Educação
Encontro de educadores debate sistema de ensino e Enem

Infográfico
Entenda a metodologia das correções

Publicidade

“MEU LISO FOI UMA ESCOLHA MINHA”

ESTUDAR FORA

Graduação
Enem americano, abre portas para universidades dos EUA

Buen viaje!
Argentina é b

Disputas quentes

Confira o calendário dos vestibulares de inverno no RS

Print site: www.zerohora.com